

Semana

REVISTA DA

Dançando no Rio
UM IRMÃO
(QUASE SÓSIA)
DE GENE KELLY

Nº 26 — 28 de junho 58 — Cr\$ 10,00



A BELEZA BRASILEIRA APRONTA AS MALAS PARA LONG BEACH



No Museu de
Arte Moderna
65 ANOS
DE CINEMA
AMERICANO



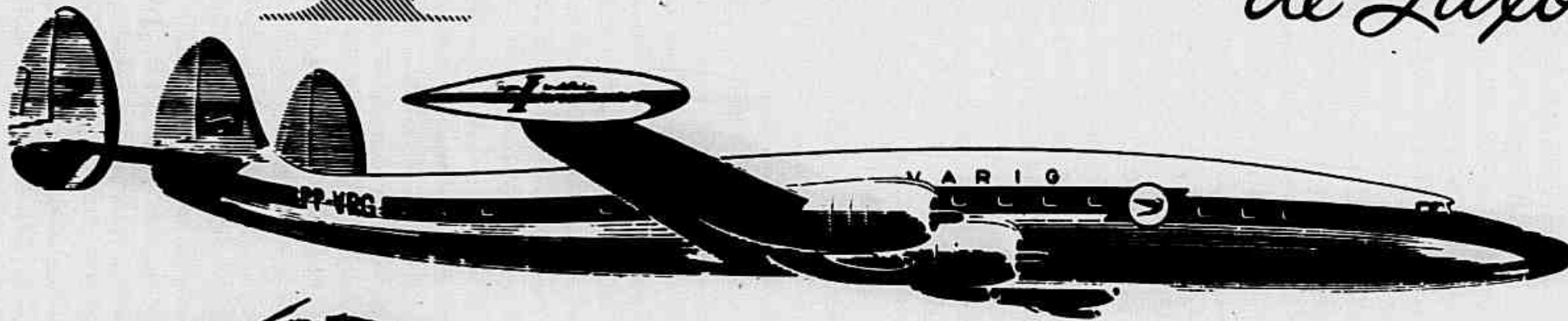
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

- Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas, na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

REVISTA DA Semana

Ano 57, N.º 26, Rio, 28-6-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-3570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00.

LEIA:

A CAPA

Joan Collins

REPORTAGEM

Eleição de Miss Brasil	4
Artistas Gravadores e o Salão de Arte Moderna	43
Pescadores: uma rede cheia de esperanças	46
Meus encontros com Lobato	50

CINEMA

65 Anos de Cinema Americano	11
Astro Brasileiro a caminho de Hollywood	20

CURIOSIDADE

A Propósito de Fantasmas	24
--------------------------	----

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado	26
-----------------------	----

GENTE

Léo Belico (Ex-burocrata)	29
---------------------------	----

CONTO

Sete Garços	35
-------------	----

MODAS

Cuidado com a Silhueta	38
------------------------	----

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

Mamãe, eu ganhei um baby doll	55
-------------------------------	----

POLITICA

Trapézio	60
----------	----

ATUALIDADE

A Semana deixou também estas lembranças	63
---	----

SOCIAIS

As Verdades da Mariuzinha Maranguape	65
--------------------------------------	----

SEÇÕES

Encontro com Chuck	17
Letras e Artes	32
Teatro	57
Humor	58
Figuras e Fatos	59

CRÔNICA

Dê-me seus olhos	66
------------------	----



A INGLÊSINHA Joan Collins — essa lindeza da capa — foi uma jovem que alcançou, com rapidez, o estrelato de Hollywood. E não era para menos: quem não ficou zozzo com a sua presença em “Clúme, tempo de amor”, “A Ilha dos Trópicos” e, sobretudo, naquele famoso “A Intocável”? Uma notícia grata: Collins vem por aí, em “The Bravados”, de Henry King, ao lado de Gregory Peck.



A PROPÓSITO do décimo aniversário da morte de Monteiro Lobato, o escritor Brito Broca recorda, num depoimento pessoal, os encontros que teve, no início da carreira, com o grande contista de “Urupês”, revelando aspectos bem característicos de sua personalidade, como também do ambiente literário que cercava o grande impulsionador de nossa indústria livreira naqueles idos de 20.

CONTATO

INAUGUROU-SE, na última sexta-feira, 21, o VII.º Salão Nacional de Arte Moderna. E, no presente número, um grupo de gravadores — liderados por Ana Leticia, Rossini Perez, Vera Tormenta, Renina Katz e Aldemir Martins — faz, por intermédio de Eneida, suas justas reivindicações no sentido de serem modificados os estatutos que regem os critérios de premiação do Salão, e que agrupam, absurdamente, na mesma classificação, gravura e artes gráficas, prejudicando, assim, os especialistas daquela técnica — um dos pontos mais altos das artes plásticas nacionais.

O Festival de Cinema Americano é o grande acontecimento artístico da temporada, no Rio. E enquanto as moiores realizações de Hollywood nestes 65 anos são apresentadas ao carioca numa retrospectiva, damos uma notícia desses filmes que marcaram época, como também dos astros que os interpretaram — uma Theda Bara, uma Garbo, um Valentino.

NA crônica de última página temos, hoje, mais um nome glorioso: a autora de “Floradas na Serra” e “A Muralha” — Dinah Silveira de Queiroz, que se apresenta numa crônica deliciosa — “dê-me seus olhos” — exclusiva para a Revista.

UM jovem ator pernambucano — Eugênio Carlos — caminha firmemente para o estrelato de Hollywood. Na reportagem às fôlhas 20/21, acompanhamos a trajetória deste moço que, depois de uma série de experiências no cinema e no teatro, atinge uma posição de destaque no cinema americano, encabeçando o elenco de algumas produções da Colúmbia, entre elas “Escravos do Amor das Amazonas”, a ser lançado próximamente.

NO número anterior da RS, foi publicada uma reportagem de Samuel Cunha, que não é o advogado deste nome (o qual não frequenta boites, conforme nos declarou pelo telefone), mas apenas o repórter xará, por mera coincidência.

MISS F

ATROCI

ite



ERA VEZ,

LEZA CARIOCA SERÁ

ASIL

O DO

SAS



BRASIL EM LONG

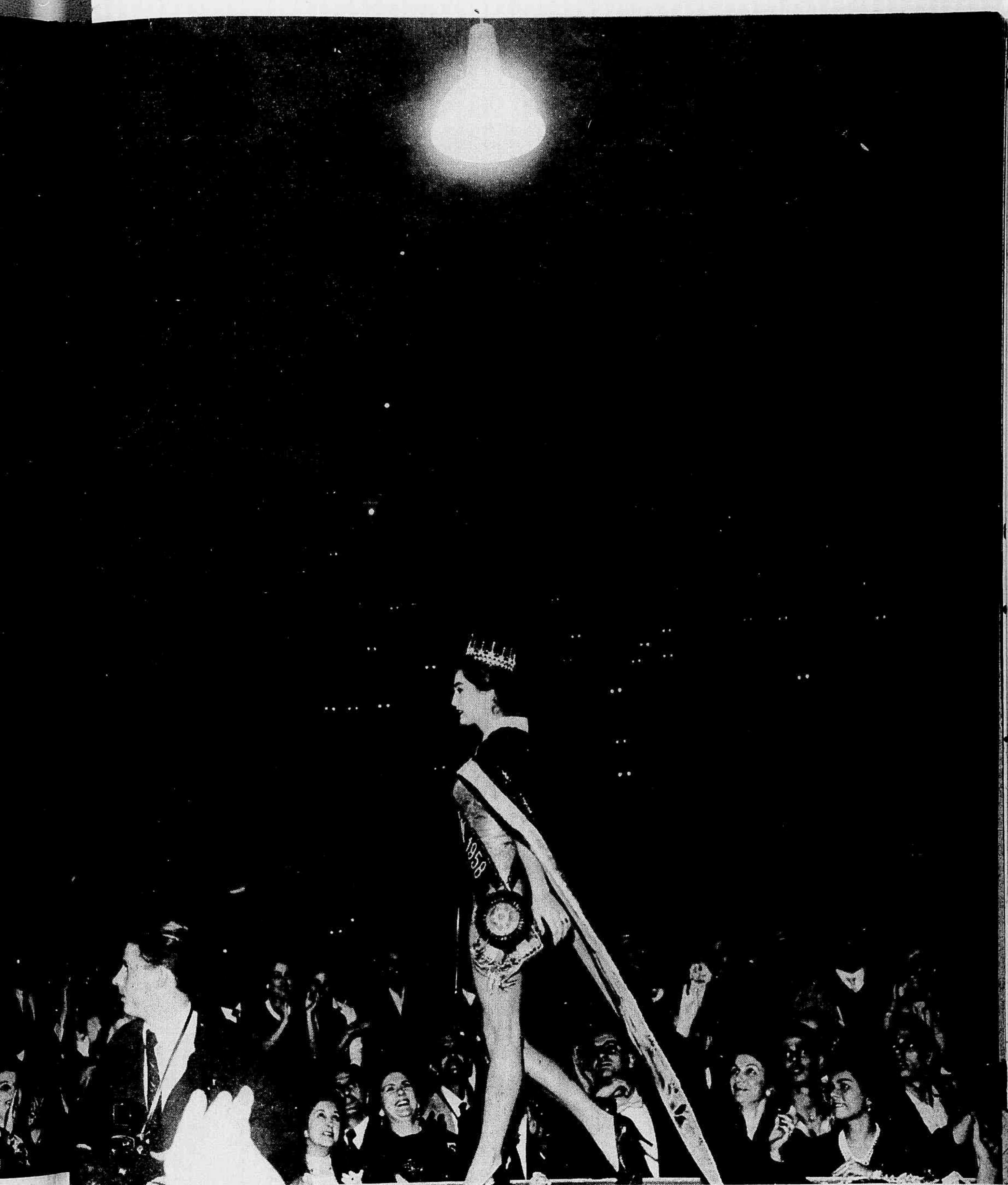


MISS PERNAMBUCO (Sônia Maria Campos), foi a grande vedeta da noite, mas o júri entregou o cetro e a coroa a Miss Distrito Federal (Adalgisa Colombo), apesar de Miss Minas (Denise Guimarães Prado), ter sido também uma das grandes favoritas. Para Carmem Erhardt (Miss Santa Catarina), o mais belo rosto do concurso, destinaram a quarta classificação, cabendo a São Paulo (Madalena Fagotti), o quinto lugar. Tânia Santos Oliveira (Rio Grande do Sul), Anna Maria Carvalho (Bahia), Marly Gomes Cunha (Espírito Santo) e Maria Nilza de Brito (Sergipe), não conseguiram maior destaque, mas eram também muito lindas e podiam enquadrar-se na linha das participantes de maiores possibilidades.

Nos bastidores de um concurso de beleza, muitas coisas acontecem, sem que o público chegue a tomar conhecimento. Um dia antes do certame final, duas fortes correntes, formadas por promotores e patrocinadores, dividiam as suas opiniões. Uma, era favorável a vitória de Adalgisa Colombo, pelo fato dela possuir mais experiência para desfilar e posar frente aos fotógrafos, em Long Beach. Argumentava um elemento diretamente ligado ao patrocinador, que se a candidata brasileira não chegasse às finais, classificando-se nos EE.UU. como uma das cinco, no seu regresso, não obteria nenhum sucesso entre nós, constituindo-se a promoção, como um autêntico prejuízo finan-

Miss Botafogo, Distrito Federal e Agora Brasil

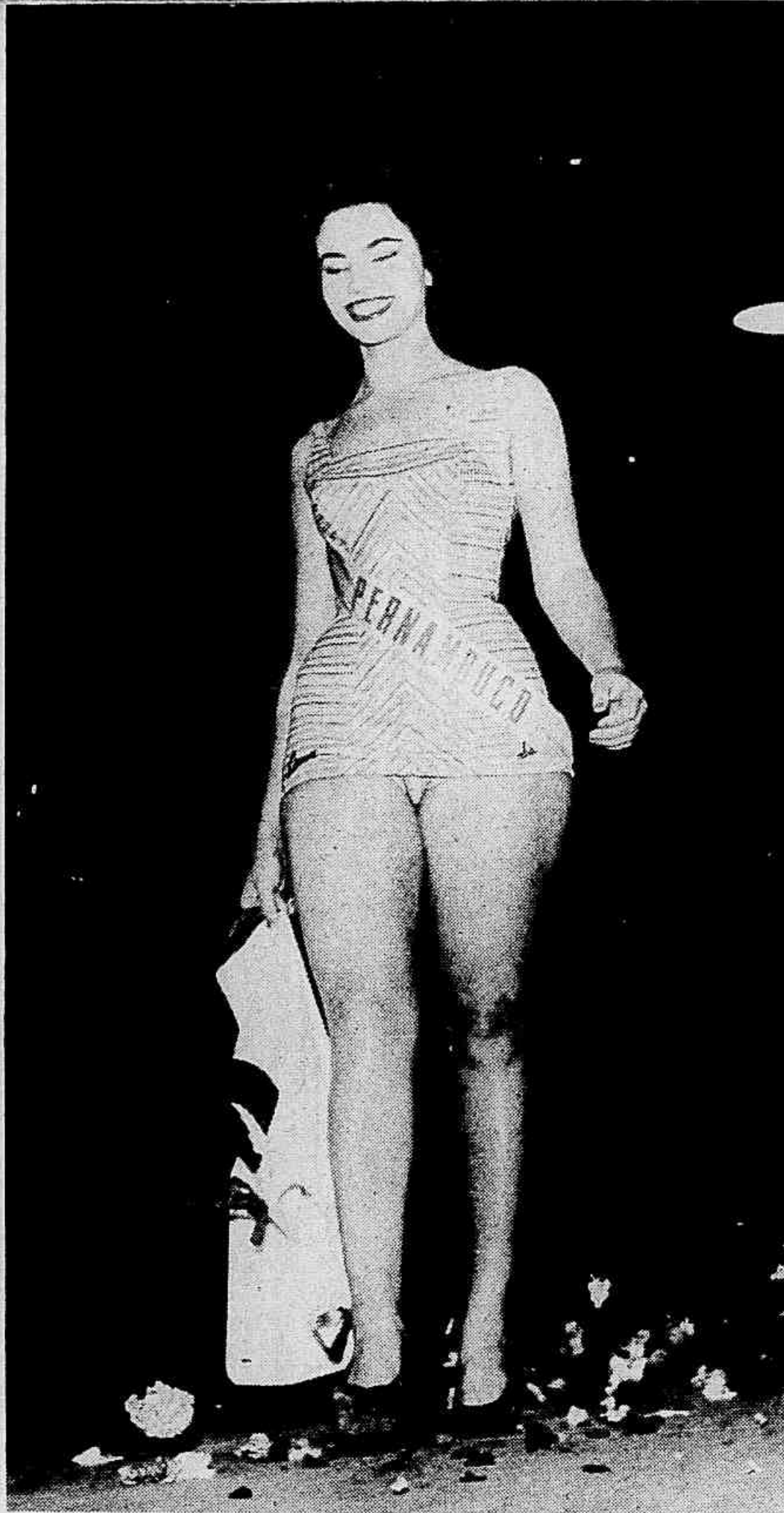




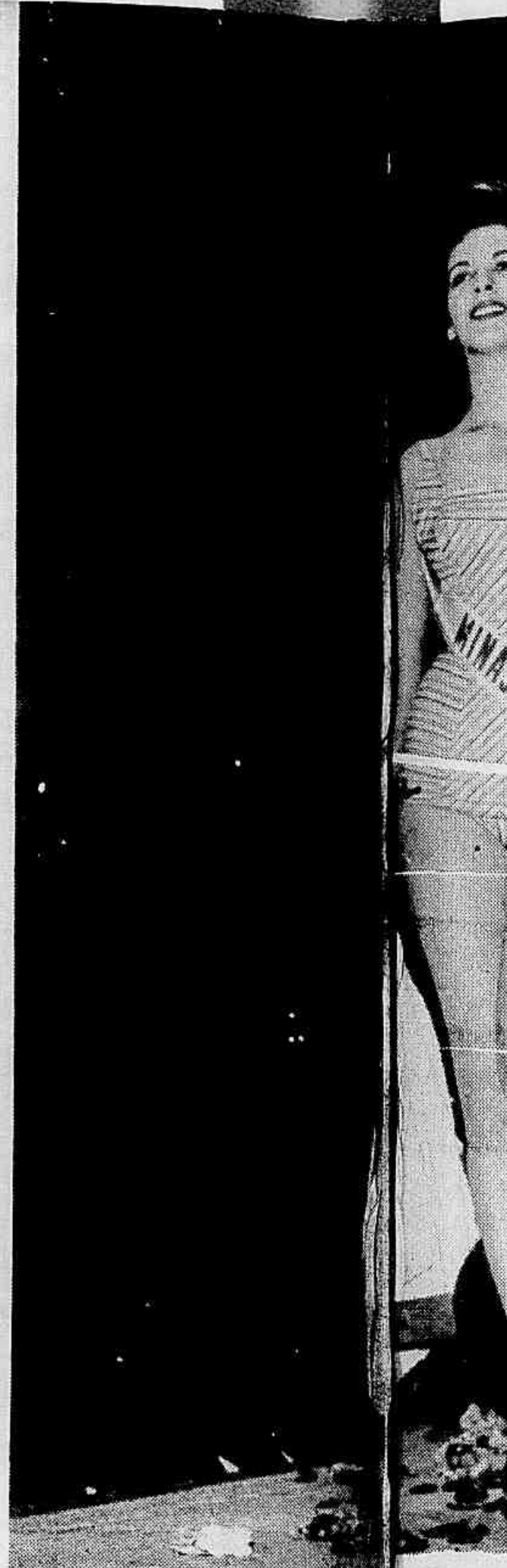
Ela vai tentar o que Marta e Morango quase conseguiram: trazer o título de Miss Universo para o Brasil.



ADALGISA COLOMBO
Miss Distrito Federal

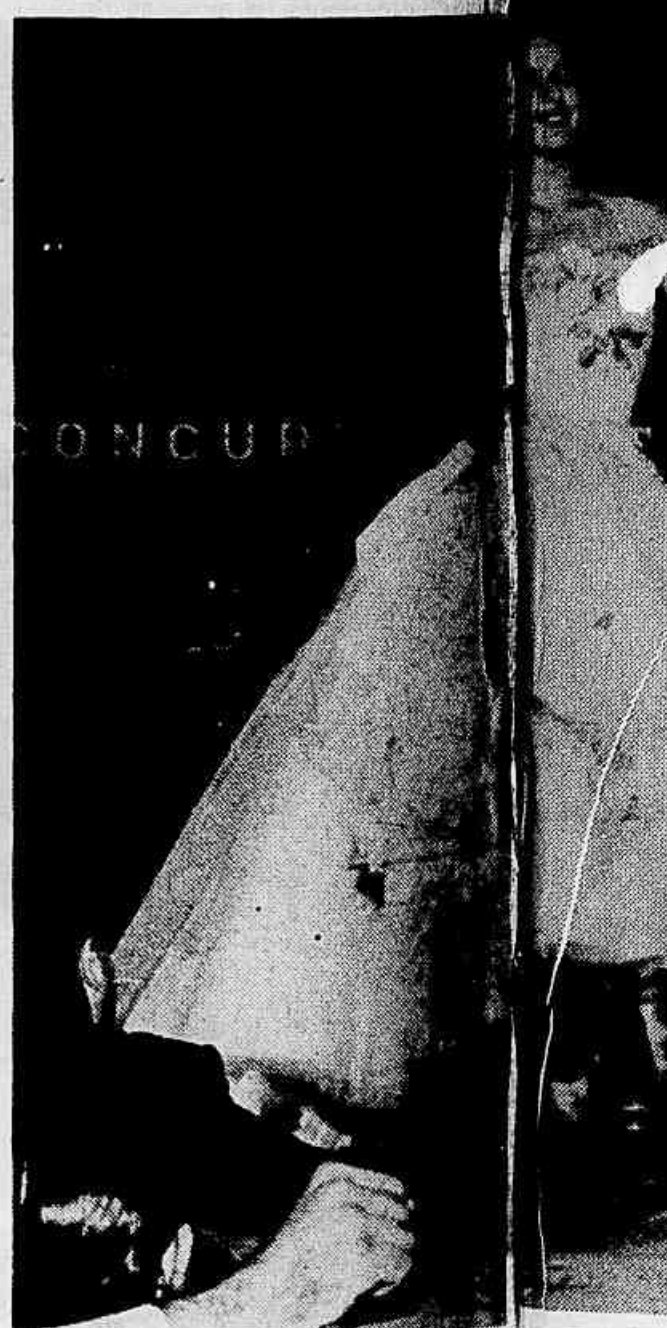
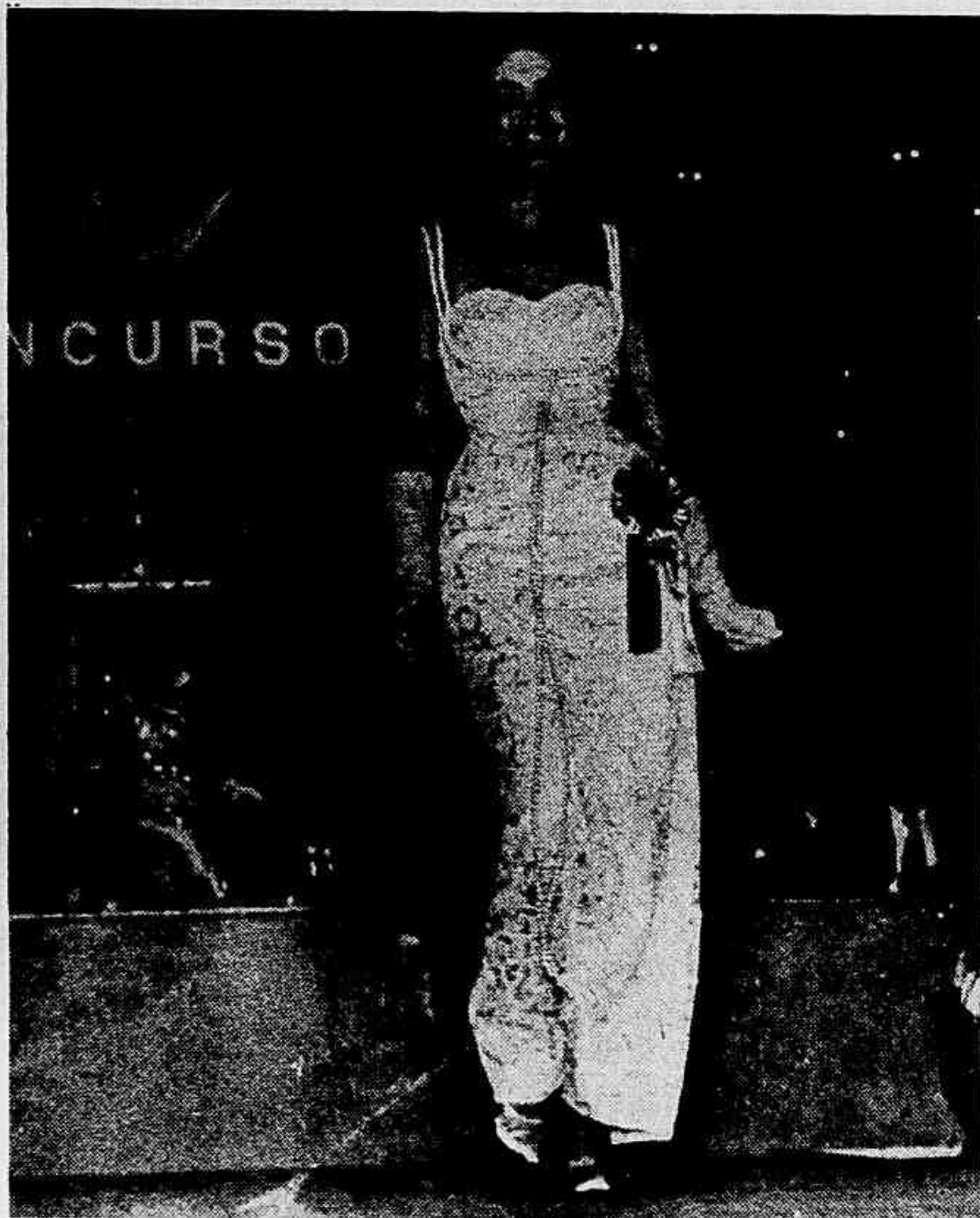


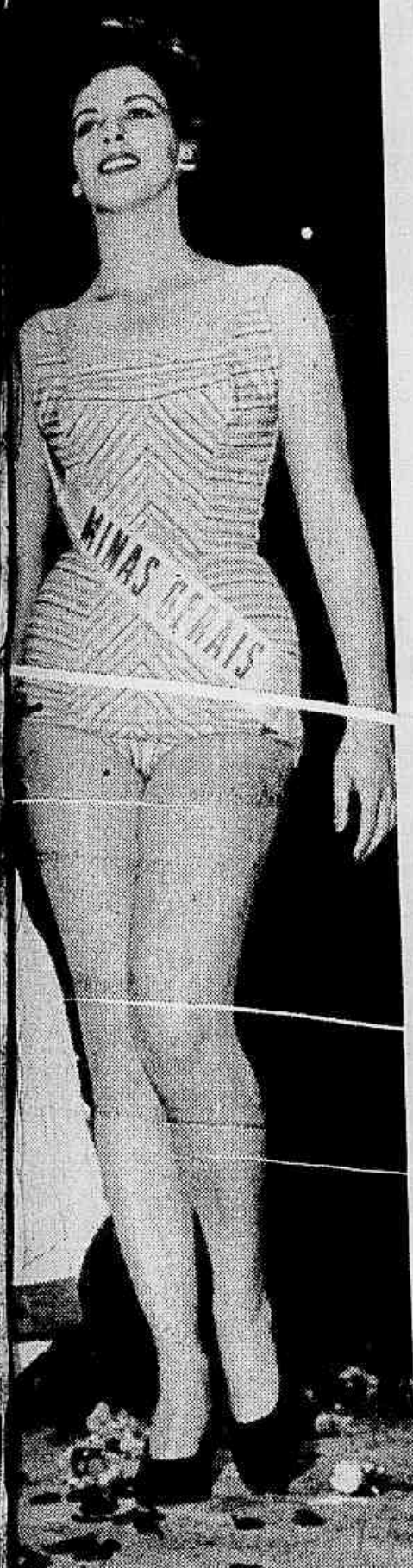
SÔNIA MARIA CAMPOS
Miss Pernambuco



DENISE GUIMARÃES
Miss Minas Gerais

PRAIA





PRADO



CARMEM EHARDT
Miss Santa Catarina



MADALENA FAGOTTI
Miss São Paulo



Foi o público quem elegeu Miss Pernambuco



Adalgisa Colombo, irá a Long Beach, tentar a coroa de Miss Universo. Sônia Maria Campos (Pernambuco) tentará trazer a de Miss Mundo. E o Brasil, espera tão somente que cada uma cumpra com o seu dever...

ceiro. Já o outro lado lembrava que Long Beach era apenas um detalhe. O mais importante, era pensar que a eleita, seria durante um ano inteiro, a representante oficial da mulher brasileira e que o concurso estava perdendo prestígio por julgamentos apressados, além de ganhar a fama de somente dêle participar, moças da classe média para baixo, e até mais para baixo, do que da classe média. Lembravam os desastres com as duas últimas candidatas que São Paulo enviou (56 e 57) e que havia se envolvido em rumoroso escândalo. Apon-tavam ainda, a reação havida em Minas Gerais, onde o clero, através dos seus mais legítimos representantes, se pronunciou contra o concurso. Ao ponto de algumas candidatas mineiras, dêste ano, se negarem a desfilar de maiô. Esta segunda corrente, que combatia Adalgisa, apoiava sem subterfúgios, a representante de Minas, argumentando em seu favor ser ela "uma moça fina, bem educada, falando fluentemente o inglês, e principalmente, filha de família de elite e de grande projeção social". Juntando tudo isso, também possuía indiscutíveis predicados físicos. A escolha recaindo em Miss Minas Gerais, diziam eles, seria a salvação de Miss Brasil.

Contam alguns, que nas vésperas do julgamento, o ambiente era totalmente hostil a Adalgisa Colombo. Que certas candidatas haviam interpelado Miss Distrito Federal, para que confirmasse, ser verdadeiro ou não, os rumores de que ela própria propalara já ter sido (em julgamento prévio nos bastidores) a escolhida para Miss Brasil 1958. A verdade é que Adalgisa Colombo, nos últimos dias que antecederam ao julgamento, vivia com os nervos a "flor da pele". Tanto assim que no apronto final, ensaiou um "show", tão somente porque um repórter tirou uma foto dela, de costas, protegendo-se do frio, atrás de uma cortina. Fotografia sem malícia alguma, valendo tão somente, pelo flagrante curioso. Mas Miss Distrito Federal chorou, protestou, deu um espetáculo a parte, o que não sucederia, em absoluto, com uma pessoa em estado normal.

Quase todas as moças que participaram do desfile em que foi escolhida a representante do Distrito Federal, estiveram sábado no Maracanzinho. Procuradas pela imprensa, somente Ivone Richter, negou-se a dar o seu palpite. As demais, apontavam Adalgisa Colombo como a vencedora, e algumas, como Miss Vila Isabel, por exemplo, responderam maliciosamente: "você ainda perguntam uma tolice dessas? Adalgisa já está eleita há dois meses atrás. Todo mundo sabe disso"... E haviam ainda as que se lamentavam por haverem-se inscrito em um certame "onde é permitido a concorrência de profissionais com moças debutantes". Mas, a indignação maior das candidatas, era contra a demasiada exploração

comercial do concurso, que se diziam vítimas. Miss Rio Grande do Norte chegou a dar uma entrevista violenta, a uma de nossas principais revistas, a êste respeito mas depois recuou. Sugeriu ela, entre outras coisas, que nos anos futuros o concurso fôsse realizado por uma instituição filantrópica, como as Pioneiras Sociais, "pois a coisa rende muito dinheiro e êste lucro deveria ir para as mãos dos necessitados". "E depois — comentavam outras — quando há o interesse comercial no meio, nem sempre é eleita a que mais merece. A vitoriosa será aquela que melhor se amoldar aos planos dos que pretendem explorar o seu título".

A constituição do júri, como sempre, "a moda da casa". Os patrocinadores, presentes, os organizadores, idem, os que não entendem de plástica e beleza, também responderam a chamada. Desta vez tivemos o discutido deputado Armando Falcão, cuja presença entre os jurados, o carioca blagueou como sendo "intervenção militar, determinada por Lott", tendo em vista os incidentes havidos com a escolha de Miss Distrito Federal...

Sônia Maria Campos, a exótica Miss Pernambuco, foi além de vedeta, a grande surpresa da noite. Sua inclusão entre as cinco, não estavam nos planos previamente traçados, por promotores e patrocinadores, segundo dizem. O que não resta dúvida, é que Miss Pernambuco deve a sua indicação para o segundo posto, **tão somente ao público carioca**, que a escolheu como a sua favorita e com tal convicção, que o júri sentiu-se coagido e não teve coragem de ratificar o que antecipadamente já estava decidido, segundo rumores: para Minas, o direito de ir a Londres, disputar o "Miss Mundo", em outubro. Não houvesse sido atendido o público, com a segunda classificação, no mínimo, para a sua preferida (Miss Pernambuco), estejam todos certos de que o Maracanzinho viria abaixo, e não haveria policiamento capaz de conter a fúria do povo. Sônia Maria Campos, ao tomar conhecimento do resultado, correu para abraçar a sua genitora e disse: "Mãezinha, eu vou para a Europa!"

Mas amigos, Adalgisa Colombo, está eleita Miss Brasil 1958. Queiram ou não, os que lhe fizeram e ainda fazem restrições. Dizem os que a apóiam, que ela é o tipo que nos convém mandar a Long Beach. Já os que lhe são contrários, argumentam que lhe estará destinada igual sorte a de Emilia e Maria José: não irá além de um apagado lugar qualquer, entre as 15 semifinalistas. O desempate desta batalha de debates, somente saberemos em fins de Julho, quando o júri de Long Beach der o seu "veredictum". Nada resta portanto que esperar, para ver de que lado está a razão...

viti-
negou
a de
peito
e ou-
curso
filan-
ois a
o de-
dos".
ando
sem-
vito-
oldar
ar o

e, "a
esen-
o en-
res-
emos
cua
ueou
rmi-
entes
Fe-

Per-
sur-
inco,
tra-
se-
a, é
ação
pú-
sua
júri
de
tava
s, o
Miss
sido
sifi-
rida
rtos
nãc
fú-
mar
para
nha.

eita
que
zem
nos
que
es-
a e
ado
as.
sò-
ndo
lic-
ar.

o museu de arte moderna apresenta



MARLENE: A Vênus loira.

65 ANOS DE CINEMA AMERICANO

Festival no Rio: primitivos e clássicos, mudos e falados.



THEDA BARA: A primeira "vamp"



VALENTINO: Conquistava com este olhar...



DE MILLE: "Olha o passarinho, pessoal!"



FAIRBANKS: Ladrão de Bagdá.

DURANTE MAIS DE dois meses — de 25 de junho a 30 de agosto — o público carioca terá oportunidade de acompanhar a evolução técnica e artística do cinema americano, desde os primitivos ensaios (1893-96) de Thomas Alva Edison, o inventor, até o cinema que hoje se faz, em CinemaScope, VistaVision e outros processos com os quais Hollywood tem procurado repelir a ameaça crescente da televisão. A oportunidade referida é o Festival promovido e organizado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, "História do Cinema Americano", e que se divide em três partes principais:

1. Ciclo Retrospectivo, abrangendo várias dezenas de filmes escolhidos entre os mais representativos da obra dos grandes diretores e artistas e dos diversos estilos e tendências — filmes primitivos e clássicos, mudos e falados, **westerns**, dramas sociais, musicais, melodramas de **gangsters**, ou sentimentais, **thrillers** e comédias.

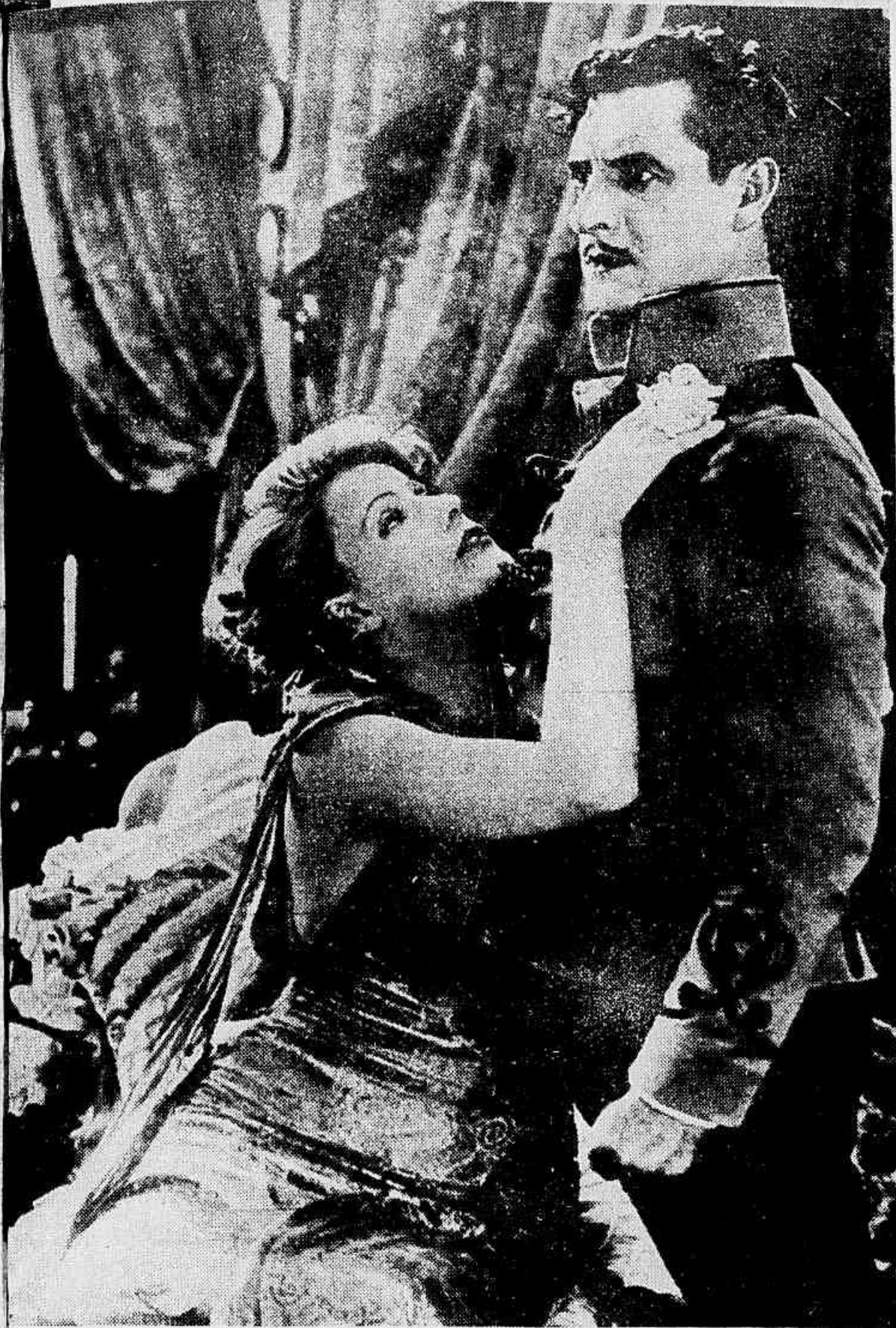
2. Grande Exposição de Material Histórico, na sede do Museu — incluindo "outra" visão panorâmica da marcha irresistível do cinema americano, através de 90 painéis; um exemplar do "Oscar", o prêmio máximo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas; costumes usados pelas maiores estrelas em filmes de vulto; **scripts** e partituras originais; cartazes, programas, revistas e livros antigos.

3. Semana de "avant-premières", no encerramento do Festival, compreendendo oito filmes inéditos, o último dos quais em "avant-première" mundial. Esses oito filmes concorrerão a prêmios (placas de ouro e prata) que um júri, integrado por críticos, escritores e artistas, distribuirá aos melhores das diversas categorias.

Para assistir a essa semana de gala, virá de Hollywood uma delegação de artistas.

O ELENCO É UMA CONSTELAÇÃO

Dezenas de estrelas de primeira grandeza desfilarão nos filmes da mostra retrospectiva. A começar pelos protagonistas do primeiro beijo cinematográfico — cujos nomes (May Irwin e John C. Rice) têm apenas interesse histórico — é uma verdadeira parada de celebridades. Mary Pickford, a primeira de todas as estrelas, e Theda Bara, a **vamp** n.º 1, até Rita Hayworth (em **Gilda**). E William S. Hart, o primeiro "ás" do far-west, e Douglas Fairbanks, em suas acrobacias inigualáveis, ou Lon Chaney, o homem das mil faces, e o elegante romantismo de John Barrymore, mais a fascinação de Rodolfo Valentino e a comédia de Chaplin, Buster Keaton e Harold Lloyd — todos esses artistas, entre os maiores da época heróica do cinema, comparecerão com um ou mais filmes. E não apenas eles. Gloria Swanson e Thomas Meigham,



GARBO e GILBERT: A carne e o diabo.

Nunca houve uma mulher como RITA.



Clara Bow, a inventora do "it", e Erich von Stroheim, com a sua grandeza na frente e atrás da máquina de filmar, e a dupla mais violentamente passional, Greta Garbo — John Gilbert, bem como outra dupla, a do amor suave e poético, Janet Gaynor — Charles Farrell — e aí se encerra o ciclo do cinema silencioso.

Mas o desfile no cinema falado, que começou quando Al Jolson, subitamente, fez ouvir a sua voz numa seqüência de **O Cantor do Jazz**. Ainda é a época de Garbo, porém já Marlene Dietrich está em foco — bem como Mae West, cujo convite é irresistível ("come up and see me sometime"). E é a época em que surgem para a glória muitos outros nomes: Fredrich March e Miriam Hopkins, Maurice Chevalier e Janette Mac Donald, Gary Cooper, Claudette Colbert e Jean Arthur, Victor McLaglen, Henry Fonda, John Wayne e os Irmãos Marx, Fred Astaire e Ginger Rogers, Humphrey Bogart e Bette Davis, Luise Rainer e Paul Muni, Jean Harlow, Wallace Beery e Joan Crawford, Edward G. Robinson e Douglas Fairbanks Jr., Irene Dunne e Cary Grant, Norma Shearer, Myrna Loy, Rosalind Russell, Paulette Goddard, Virginia Mayo e Claire Trevor, Orson Welles, Joseph Cotten, Boris Karloff, Leslie Howard, Laurence Olivier e Joel Mac Cree, Katherine Hepburn e Grace Kelly — até Marilyn Monroe.

O elenco não está todo aí, mas vamos parar.

O CICLO RETROSPECTIVO

A seleção dos filmes do Ciclo Retrospectivo foi feita em Nova Iorque por Moniz Vianna, crítico de cinema do "Correio da Manhã" e que, na qualidade de membro do Conselho Deliberativo do Museu de Arte Moderna, é o supervisor da parte artística do Festival — tendo contado, naquela ocasião, com a colaboração de Ruy Pereira da Silva, da Cinemateca do Museu e, também, um dos principais organizadores do Festival. Não é uma seleção completa, mas, a fim de que todos os filmes importantes até hoje feitos figurassem nela, seria preciso que o Festival tivesse, no mínimo, uma duração cinco ou seis vezes maior. Os maiores vultos do cinema americano, entretanto, estão bem representados. Não só os artistas, como ainda os diretores que fizeram o cinema transformar-se em arte e a amadureceram, depois.

Assim, dos ensaios de Edison e Edwin S. Porter (este com **The Great Train Robbery**, tido como o primeiro filme a contar uma história), chega-se logo a David W. Griffith, para o nascimento de uma arte. E vêm outros pioneiros: Thomas H. Ince, Cecil B. DeMille, Mack Sennett, Chaplin, Buster Keaton, Harold Lloyd, Erich von Stroheim, Josef von Sternberg, Henry King Murnau e Flaherty — os nomes principais na origem (e, às vezes, no apogeu) de vários gêneros e escolas, como o **western**, o drama espetacular, a comédia, a tragédia, o drama de **gangsters**, o romance sentimental, o documentário. E Walt Disney, com alguns de seus êxitos iniciais, vem representar a ascensão do desenho animado.

Os mestres que consolidaram o seu prestígio ou apareceram com o cinema falado constituem outro **scratch**:

John Ford

King Vidor e Rouben Mamoulian

Frank Capra, William Wyler e William A. Wellman

Ernest Lubitsch, Alfred Hitchcock, Orson Welles, John Huston e Robert Wise.

O duelo da seleção A (cinema silencioso) e B (cinema falado) é difícil e complicado.

A GRANDE EXPOSIÇÃO

Na sede do Museu, a partir de 25 do corrente, o público poderá apreciar muita coisa que, até então nunca havia sido mostrado no Brasil. Um "Oscar" original — o prêmio mais cobiçado por quantos atuam no cinema americano — é uma das peças da Exposição, que também inclui inúmeros costumes usados em filmes: o vestido de Bette Davis no papel da rainha Elizabeth (**Meu Reino por um Amor**) ou o de Gloria Swanson na cena final de **Crepúsculo dos Deuses** e o "soutien" usado por Kim Novak em **Pal Joey**; o traje de Errol Flynn, como Don Juan (**As Aventuras de Don Juan**) e a fantasia de Mário Lanza, como Othelo (**Serenata**). E muitos outros vestidos — de Greta Garbo, Hedy Lamarr, Lana Turner, June Allyson — e a roupa de **cowboy** usada, em seu último filme, por Jack Lemmon.

Além disso — e dos painéis (92) representativos dos maiores momentos do cinema americano — figuram na Exposição: **scripts**,

No encerramento do Festival virá ao Rio uma constelação de primeiros



SWANSON: A primeira Sadie Thompson.



partituras, cartazes, programas originais; desenhos animados, também originais, de Walt Disney, Tom e Jerry, UPA; uma amostra de arte (nos títulos) de Saul Bass, com material de **Orgulho e Paixão**. E velhas revistas, livros e almanaques, hoje raros.

ESTRÉIAS E PRÊMIOS

Na última semana do Festival, oito filmes inéditos — sendo o último em “avant-première” mundial — concorrerão a prêmios (placas de ouro e de prata) oferecidos pelo Itamarati em combinação com o Museu de Arte Moderna. Um júri — cujos integrantes serão oportunamente anunciados — escolherá os melhores das diversas categorias: filme, diretor, ator, atriz, atores coadjuvantes, história, fotografia, música, desenho animado.

Até agora as companhias americanas ainda não determinaram os filmes que inscreverão no certame, já que este só se verificará no fim de agosto e é difícil saber, com exatidão, quais estarão inéditos até lá. São, contudo, prováveis:

Wild is the Wind (Paramount), de George Cukor, com Anna Magnani, Anthony Quinn e Anthony Franciosa.

Stage Struck (RKO-Radio), de Sidney Lumet — com Henry Fonda, Susan Strasberg, Joan Greenwood e Herbert Marshall.

The Brothers Karamazov (Metro), de Richard Brooks, com Yul Brynner, Maria Schell, Lee J. Cobb e Richard Basehart.

Ten North Frederick (20th Century-Fox), de Philip Dunne, com Gary Cooper, Suzy Parker, Geraldine Fitzgerald, Diane Varsi.

sima: Gregory Peck, Gloria Swanson, Deborah Kerr, June Allyson



PICKFORD: A namorada de América

A Warner Brothers hesita ainda entre **The Prince and the Showgirl**, de Laurence Olivier (ator-diretor) e Marilyn Monroe (atriz-produtora), **The Wrong Man**, de Alfred Hitchcock, com Henry Fonda e Vera Miles, e **Giant**, de George Stevens, com Elizabeth Taylor, Rock Hudson e James Dean.

A United Artists poderá inscrever **Witness for the Prosecution**, de Billy Wilder, com Tyrone Power, Marlene Dietrich e Charles Laughton, ou **Paths of Glory**, de Stanley Kubrick, com Kirk Douglas. A Columbia talvez venha a preferir **Gideon's Day**, de John Ford, com Jack Hawkins e Anna Lee, a **Bonjour, Tristesse**, de Otto Preminger, com David Niven, Deborah Kerr e Jean Seberg. E a Universal-International se inclina para **A Time to Love and Time to Die** dirigido por Douglas Sirk e baseado na novela de Erich Maria Remarque.

O MUSEU E SEUS COLABORADORES

O Museu de Arte Moderna, na organização dessa "História do Cinema Americano", tem contado com a colaboração eficiente da Embaixada Americana no Brasil, da Motion Picture Association (e, especialmente, de Harry Stone, seu incansável representante aqui), do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, do Itamarati, de todas as companhias cinematográficas, através de seus diretores no Brasil, da Associação Brasileira de Imprensa (na energia e no entusiasmo de seu presidente, Herbert Moses) e dos exibidores

cariocas, que colocaram seus principais cinemas à disposição do Festival.

Tudo isso, como se fôsse uma orquestra, vem sendo regido por Niomar Moniz Sodré, diretor-executivo do Museu e a grande inspiradora do Festival e de todas as manifestações culturais com que aquela entidade se tem destacado no cenário nacional, além de erguer o prestígio do Brasil no exterior — onde o Museu, graças ao dinamismo de Niomar, já é conhecido e admirado.

A DELEGAÇÃO DE HOLLYWOOD

Em entrevista ao "Correio da Manhã", Harry Stone se referiu à possível vinda ao Rio, para o encerramento do Festival (quando os "melhores" da semana de "avant-premières" receberão seus prêmios), de um grupo de artistas de Hollywood, entre os quais Gregory Peck, Deborah Kerr, os nomes mais brilhantes, e ainda Arlene Dahl, uma das mais bonitas estrelas, e o marido Fernando Lamas, Dick Powell (hoje produtor-diretor) e a mulher, June Allyson, além de Gloria Swanson.

A lista divulgada poderá sofrer alterações. Não é possível, dois meses antes daquela data, saber quais os artistas que estarão sem compromissos nos estúdios. Mas uma delegação virá — e das melhores, para prestigiar a homenagem prestada pelo Museu de Arte Moderna ao cinema americano, escolhendo-o para inaugurar a série de festivais programados por aquela entidade no setor do cinema, que cresce sempre.



ENCONTRO com um homem cuja história não é muito diferente da de milhares de pessoas no mundo. A história de um talento que é encoberto pelo sucesso de outro membro da família, quando por lógica o sucesso deveria ser pelo menos idêntico para ambos. O homem é Fredric Kelly, irmão do famoso artista Gene Kelly.

◆ Fredric veio ao Rio ser o coreógrafo do próximo espetáculo de Carlos Machado, que deverá ter como partitura musical arranjos sobre a "Viúva Alegre", de Franz Lehar.

◆ Bastante parecido com Gene, Fred é, na realidade, mais moço que o irmão, e isto

só vem provar como a maquilagem cinematográfica engana.

◆ Nasceu em Pittsburg, de família irlandesa, portanto é católico apostólico romano, uma informação da maior importância para norte-americanos, diante do orgulho que aquele povo sente de suas várias religiões.

◆ A vida de Fred, Gene, James Kelly e suas duas irmãs não foi a velha história de crianças pobres que lutam por um lugar ao sol (ou à luz dos refletores). Todos estudaram, cursaram universidades e foram sempre considerados membros da alta-classe-média.

◆ Isto não impediu que os cinco irmãos gostassem de dançar. Fred começou a sentir atração pelo palco aos seis anos de idade. Quando já estava rapazinho, juntamente com seus irmãos e irmãs, formou um quinteto de danças chamado "The Five Kellys".

◆ Dançaram como meio-amadores, meio-profissionais, até terminarem os estudos. James Kelly resolveu abandonar a dança para seguir sua carreira de desenhista comercial. Uma das moças ficou noiva. Então Fred, Gene e a outra irmã formaram um trio. "Um detalhe interessante", explica Fred, "é que as moças eram tão parecidas,

que
tuia
ver

◆
ram
e fi
par
não
Fre
mas

◆
mu
ach
qua
por
gue
eur
ten
gur
firo
Est

◆
coi
bai
que
dos
tra
"Ti
res
tan
sav
me
Ge

◆
nh
e
life
rec
que
qua
ass
con
clu
tra
o
de
dêl

◆
tra
se
Mé
Fre
um
fer
org
is
exi
reó

◆
con

encontro



com chuck

que às vezes a que não dançava mais, substituí-a a que formava o trio, só para se divertir, e o público nunca desconfiou..."

◆ O tempo foi passando, Gene e Fred foram estudando cada vez mais seus passos, e finalmente a irmã que fazia parte do trio parou para se casar. "Até hoje as duas não conseguiram afastar-se da dança", conta Fred. "Ambas estão casadas e com filhos mas ensinam dança juntas".

◆ Gene Kelly conseguiu um teste para um musical ("Time of your life") e Fred, achando-se sozinho, foi para a Europa, na qualidade de dançarino-coreógrafo. Andou por Paris, Bucarest, e até Edimburgo. A guerra mundial foi surpreendê-lo em terras européias, sem dinheiro, sem trabalho e tendo perdido o passaporte. Depois de alguns meses de fuga e aventuras ("que prefiro esquecer"), Fred conseguiu voltar aos Estados Unidos.

◆ Seu primeiro emprego de volta, foi uma coincidência estranha. Um anúncio chamava bailarinos para um teste, sem explicar para que espetáculo. Fred compareceu e ganhou dos outros candidatos. "Você vai ser contratado para substituir Gene Kelly em 'Time of your life'", explicaram os diretores. E comentaram sobre a coincidência de também ser chamado Kelly. "Você precisava ter visto a cara deles quando informei que não só era Kelly, como irmão de Gene...", comenta Fred.

◆ Gene havia saído do elenco para ganhar mais noutro musical ("Pal Joey") e Fred, substituindo-o em "Time of your life", teve a satisfação de ver o espetáculo receber o "Pulitzer Prize" e outros prêmios, que não haviam sido conferidos ao musical quando Gene ainda estava nele. "Mas mesmo assim a presença de Gene se fazia sentir", conta Fred. "Imagine que chegaram à conclusão de que não era preciso tirar o retrato de Gene da porta do teatro e colocar o meu. Simplesmente substituíram o nome de Gene pelo meu, debaixo do retrato dele!"

◆ A guerra foi continuando e, com a entrada dos Estados Unidos no conflito, Fred se alistou no exército. Fazia parte do Corpo Médico quando os generais descobriram que Fred poderia tratar melhor da moral de um batalhão inteiro que da saúde de alguns feridos: Fred foi chamado para ser um dos organizadores de um musical chamado "This is the Army", que percorreu o país sendo exibido para as tropas. Fred, além de coreógrafo, também era dançarino.

◆ De passagem por Hollywood, Fred foi contratado para fazer a coreografia do filme

"Cover Girl", no qual dançavam Rita Hayworth e Gene Kelly. "Gostaria de ter dançado no filme também, mas como ainda estava no exército não podia aceitar o contrato", explica.

◆ Finda a guerra, Fred deixou as forças armadas e foi contratado para montar os famosos "Icecapades", no Madison Square Garden de Nova Iorque, espetáculos monumentais no gelo.

◆ E assim, de ano em ano, Fred foi recebendo cada vez mais contratos, porém como coreógrafo, e aos poucos sua carreira como bailarino simplesmente foi desaparecendo.

◆ Fred produz muito para a televisão, já tendo feito a coreografia de mais de 3300 programas. "Minha esposa sabe o número exato. Se não fôsse ela, eu não saberia nem onde havia colocado minhas meias..."

◆ No lar, Fred se diverte ensinando sua filha Colleen (na foto) a dançar. Embora não seja filha única, é a menina dos olhos do pai. "Recentemente fui fazer um programa de televisão numa cidade canadense, e resolvi dançar também. Contratei uma menina para dançar comigo um número que eu faço em casa com minha filha. Quando voltei, Colleen me perguntou quem era aquela sirigaita que eu havia arranjado..."

◆ A televisão hoje nos Estados Unidos é o ganha-pão básico de muitos artistas, um deles Fred Kelly. Recebi em 1950 o prêmio por coreografia dado pelo "Dance Congress" dos Estados Unidos, a primeira vez que eles premiaram um coreógrafo por trabalho executado em televisão.

◆ Com Gene, famoso mundialmente como bailarino, Fred encontra consolo no fato de que na América ele é tão famoso como coreógrafo quanto seu irmão o é como dançarino. Festas de caridade vivem atrás dele para usar seu nome, e Fred é o terceiro artista a mais contribuir para causas de beneficência, do país.

◆ No Brasil, Fred se tem valido de seu humor irlandês para achar tudo bom. "Na véspera de embarcar, meu passaporte não estava pronto. Não dormi a noite inteira. No avião, também não dormi. Quando cheguei ao Rio, Carlos Machado foi buscar-me no Galeão e disse que me levaria imediatamente para o Hotel Serrador. Realmente ele me levou diretamente para o hotel, mas não para o quarto, e sim para o "Night and Day", onde durante duas horas explicou tudo a respeito da "boite". Quando, finalmente, ele foi para casa, subi para o quarto e fui dormir. Meia hora depois chegaram jornalistas. Dei uma entrevista e fui

dormir. O telefone tocou: era Machado perguntando se os jornalistas haviam conseguido falar comigo. Fui dormir. O telefone tocou novamente: era mais um jornalista. Fui dormir. O telefone tocou: era Machado dizendo que viria buscar-me dentro de uma hora para jantar na sua casa. Desisti de dormir. O telefone não tocou mais."

◆ Fred interrompe seus ensaios no "Night and Day" para fazer mágicas para o elenco. "Isto é divertido e descança o espírito dos bailarinos", explica. A maior graça dos ensaios é que Fred não quer intérpretes porque na sua opinião isto tiraria o espírito de "comunhão" que deve existir entre ele e os artistas. "Então falamos uma mistura de inglês, espanhol, italiano e francês. Ontem eu queria dizer que um movimento era muito parecido com uma imitação de um trem. Fiz uma série de gestos e ninguém entendeu. Finalmente disse em voz alta para mim mesmo: **how can I say train?** (Como posso dizer trem?) Fiquei surpreso quando todos entenderam. Eu não sabia que trem e train tinham o mesmo som."

◆ Possibilidades no elenco? Fred encontra muitas, especialmente nas bailarinas do Teatro Municipal que foram contratadas e sobretudo em Ruth de Lima. "Quanto às vedetes", explica, "são igualzinhas em qualquer parte do mundo. Elas acham que plumas e sua beleza chega, e sabe de uma coisa? Chega mesmo!"

◆ No final da entrevista, Fred não conseguiu esconder seu humor irlandês e dar à tradicional "ripadinha" nos ingleses. "Você é filho de inglês, não é? Permite que eu lhe faça um elogio? Você não tem cara de inglês..."



A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

28, junho, 1908. Domingo.

O CZAR, acompanhado de toda a família imperial, chegava a Peterhof. E, em Versailles, por motivo da passagem do aniversário do general Hocche, tinha lugar um banquete de 500 talheres, presidido pelo general Picquart, ministro da Guerra da França. Enquanto um ciclone varria a cidade norte-americana de Minnesota. E o general Liautey partia de Oran, a fim de fazer uma voltinha de inspeção pelo interior da Argélia.

Em Roma, eram aprovadas as últimas convenções italo-abissínicas e confirmava-se a indicação do marquês Guiccioli para embaixador em Tóquio. A Câmara Alta do Reichsrat também aprovava o orçamento austriaco para 1908. E, em consequência das representações dos ministros da Rússia e da Inglaterra, em Constantinopla, o governo otomano ordenava ao comandante das tropas turcas na fronteira com Pérsia que fôsem retiradas as forças de ocupação enviadas pela Turquia.

* * *

Aqui, no Rio, "era natural que, depois do aguaceiro da noite da véspera, tivéssemos um dia frio, muito frio mesmo", como realmente tivemos: a temperatura não foi a mais de 18 graus. O que afetou, por exemplo, a tarde de corridas do Jockey Clube, ao qual compareceram poucos "turfmen": com exceção do 3º páreo, onde venceu Sorriso, todos os outros ganhadores foram azares — Joubert, Ouvidor, Garboso, Rubi, Portugal e Iguassu, estes dois nas carreiras mais importantes — e as apostas, ainda assim, chegaram ao total de quase 84 contos de réis.

Por outro lado, foi normal a afluência à matriz da Candelária, onde a Irmandade do Santíssimo Sacramento mandou rezar missa solene para celebrar a passagem do aniversário da sagração deste majestoso templo. E na matriz de São José, também. Por ocasião das festas de Corpus Christi, com toda a pompa do ritual católico.

* * *

Dólar, a 3.302 réis. E o dia marcava mais um centenário: o do erário real, criado por alvará de 28 de junho de 1808, passando mais tarde a denominar-se Tesouro Nacional.

* * *

Na véspera, o prefeito assinara nomeações importantes, no Departamento do Patrimônio: do diretor, Raul Lopes Cardoso; do chefe de seção, Joaquim de Melo Palhares; do 1º oficial, Manoel da Costa Velho Júnior; do 2º oficial, Oscar de Paiva Legey; do 4º escrivão, Jerônimo Luiz da Costa Cardoso; e do amanuense, Alvaro Lage Sayão.

Também na véspera, "o presidente da República, de volta do dentista, aonde fôra pela manhã, sentiu-se indisposto devido a uma fatigante operação dentária a que se submetera, tendo sido forçado a permanecer em seus aposentos, sem receber ninguém".

* * *

Já no dia seguinte, santificado, seria inaugurada a ponte central das barcas da Cantareira, em Niterói, com a presença do doutor Alfredo Backer, governador do Estado do

Rio. E estava programada mais uma comemoração cívica à memória de Floriano Peixoto, constando de préstito que partiria do Conselho Municipal para o cemitério de São João Batista, formado por 9 comboios de 21 bondes, profusamente ornamentados com bandeiras, galhardetes e palmas de flores naturais.

* * *

Para não perder o hábito, talvez, malhava-se a polícia: "O fato de achar-se em inteira liberdade um advogado que há dias desfechou dois tiros de revólver contra um negociante da rua do Ouvidor, no estabelecimento deste, em pleno dia, diante de muitas pessoas, tem impressionado desagradavelmente a população, chegando já a motivar indignados reparos. Acredita-se estar assegurada a sua impunidade pela desídia extraordinária da autoridade policial ou pelo vergonhoso propósito da mesma em subtrair à ação da Justiça o culpado, devido à posição social deste".



Neste domingo, REVISTA DA SEMANA oferecia o seu número 424, no ano XHI. Ao preço de 300 réis, o exemplar.

No editorial, por assim dizer, Mendes Júnior dava o seu brado de protesto: "Basta que um fato tenha tido, no mundo jornalístico, um vislumbre de sucesso, para que em dias consecutivos apareçam logo outros idênticos e explorados mais ou menos da mesma forma".

Lembrava: "A semana que findou trouxe para os que têm a mania pernicioso e estúpida de desmoralizar o Brasil um contingente de primeira ordem".

A questão dizia respeito a um crime escabroso, que, na sua opinião, fazia parte desses "delitos que por sua natureza deviam ser rigorosamente punidos, mas também sobre eles devia haver uma coligação de silêncio".

E o comentarista censurava a publicidade dada ao caso, embora se revelando mal informado: "Enquanto que em quase todos os países cultos do mundo a imprensa procura evitar o conhecimento das faltas que dizem respeito à moral, entre nós tem-se visto que são aproveitadas como notícias de sensação".

UMA NOVELA COMO
AS OUVINTES
GOSTAM E EXIGEM:

"Os anjos também Choram"

Original de Raimundo Lopes,
tôdas as têrças, quintas
e sábados, às 21 horas,
na

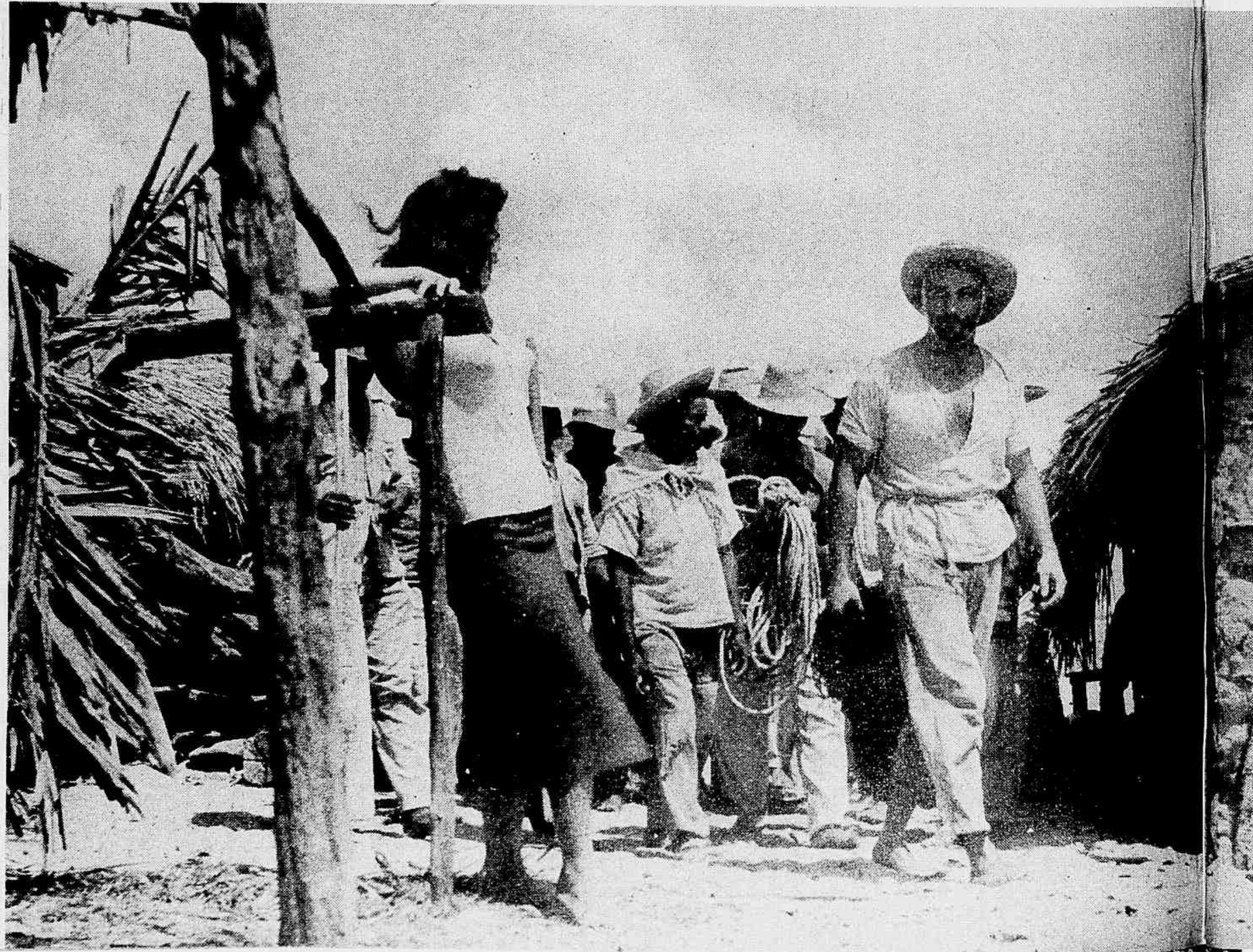
**RÁDIO
MAYRINK VEIGA**

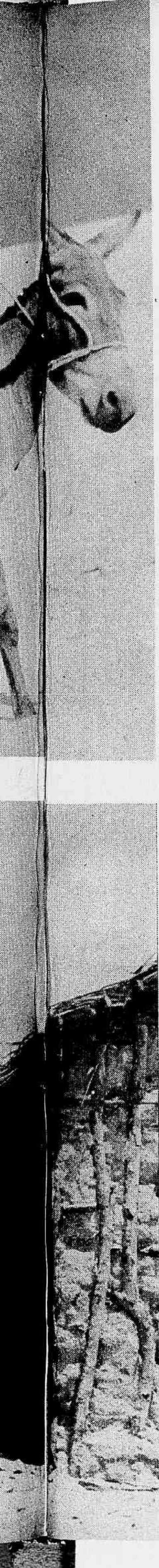
Numa apresentação dos

PRODUTOS ARNO



Em seu quinto filme americano — "Passion of Wilderness", da Columbia Pictures, categorizou-se Eugênio Carlos para novas atuações.





ASTRO BRASILEIRO A CAMINHO DE HOLLYWOOD

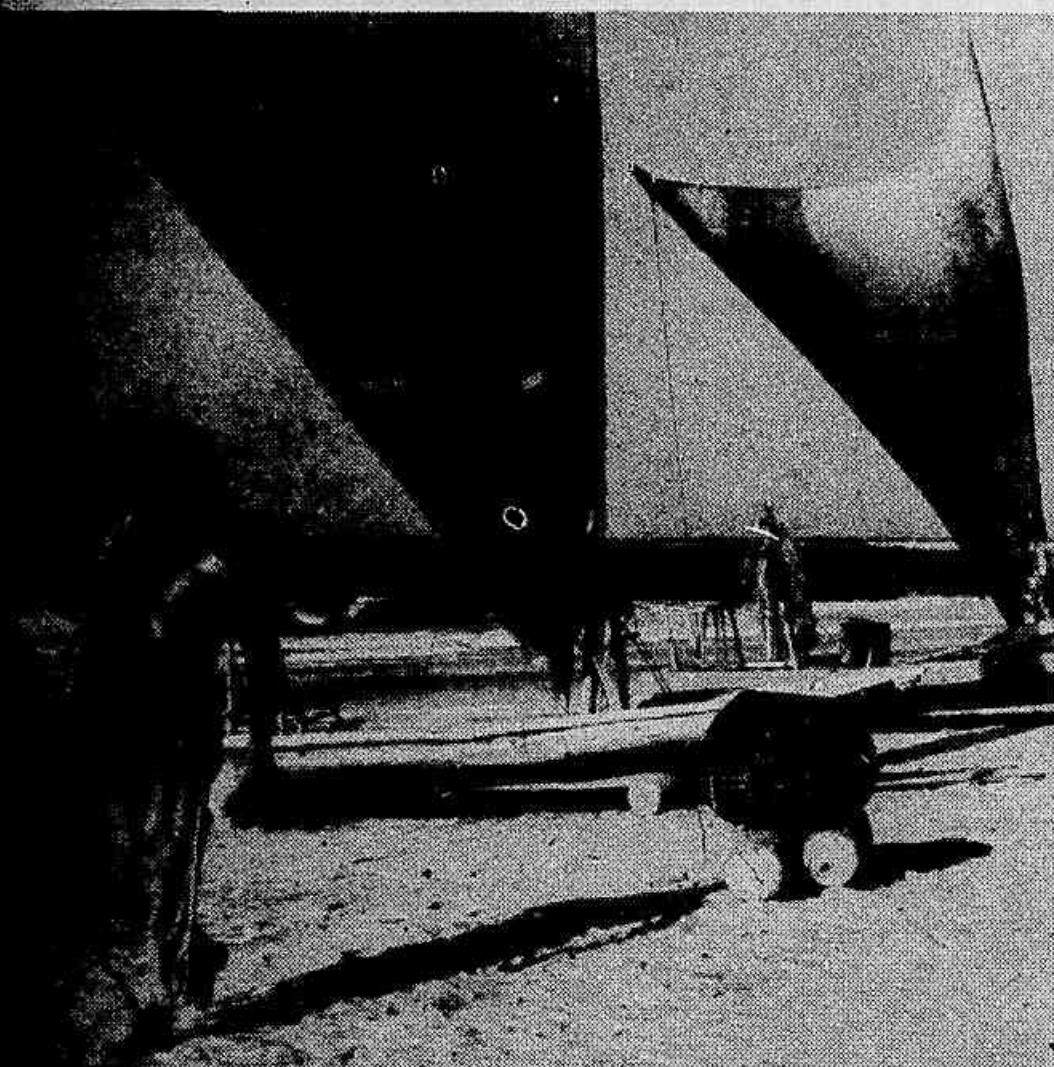


TENDO EM VISTA o marasmo a que voltou o cinema nacional depois do fechamento da Vera Cruz, muitos são os artistas patricios que procuram tentar, lá fora, a glória do estrelato. E, na verdade, o cinema europeu já conta, nos últimos anos, com uma série de representantes brasileiros — como Vanja Orico, Vera Clouzot, José Lewgoy, Alberto Ruschel, Marisa Prado — que, mal ou bem, desta ou daquela maneira, vão abrindo o seu caminho no cinema e adquirindo, no estrangeiro, uma repercussão que muito nos envaidece.

Mas, decididamente, os nossos artistas não têm tido sorte com o cinema americano e é ele, afinal de contas, que representa a glória suprema e definitiva, com a sua repercussão internacional, sua técnica, seus dólares. Em toda a história do cinema, contam-se pelos dedos os que conseguiram uma atuação, embora pequena, em Hollywood. Depois do “caso” Roulien, já pertencente ao passado, e o sucesso especialíssimo de Carmen Miranda, tivemos



ASTRO BRASILEIRO A...



Eugênio Carlos — um pernambucano a caminho do estrelato de Hollywood.



Em "Love Slaves of the Amazon", já anunciado no Rio, contracena Eugênio Carlos com Eduardo Cianelli.



ape
pela
Por
pro
Ent
pat
ven
D
cra
Du
Dep
em
suc
Ou
gra
—

"L

C
am
cor
ele
cer
fal
rea
da
da
ex

é
me
Ma
o

BI

na
qu
De
de
av
19
pa
da

on
no

es
si
"P
lh
e

fo
qu
gu
B
ta

P

P

Filmado em Cinemascope, mostra "Passion of Wilderness"

os belos cenários do nordeste brasileiro

apenas tentativas frustradas. Embora haja um grande interesse pelas coisas do Brasil, os nossos artistas não são aproveitados. Por quê? O sucesso de Vanja, Lewgoy e Vera, na Europa, nos provam que o artista brasileiro não é um canastrão irremediável. Entretanto, sabemos que Hollywood está, há anos, cheia de jovens patricios à espera de uma oportunidade, numa obstinação comovente.

De quando em quando, lemos, em jornais, que Fulano ou Si-crano vai aos Estados Unidos, tentar a glória em Hollywood. Durante alguns meses, acompanham-se as primeiras notícias. Depois, vem o silêncio... Onde estão eles? Que fazem? De raro em raro, chega-nos de lá vagas informações, que se referem a sucessos duvidosos de cantores nacionais em boites, em cabarés. Ou então, um dia, eles retornam e, em entrevistas, contam do grande sucesso que fizeram, que trabalharam neste ou naquele filme — filmes que nunca são passados entre nós...

"LOVE SLAVE OF THE AMAZON"

Os programas de cinema carioca anunciam, agora, um filme americano, da Universal — "Love Slave of The Amazon" — tendo como cenário o norte do Brasil e apresentando, à frente de um elenco americano, um nome bem brasileiro: Eugênio Carlos. Com certeza, um patricio — reflete o fã de cinema que nunca ouviu falar no ator — e, insensivelmente, seu orgulho tupiniquim se reanima. Um astro brasileiro, num filme americano embora rodado no Brasil, é algo de inédito, que nos envaidece. E o fã indaga, interessado: quem é esse Eugênio Carlos — esse homem excepcional que conseguiu romper o tremendo tabu?

Na verdade, e para satisfação de todos nós, Eugênio Carlos é brasileiro e, aliás, um nome bastante conhecido nos nossos meios artísticos, embora não o seja — ainda — do grande público. Mas o será em breve. E esta reportagem pretende ser — enquanto o filme não chega — a sua apresentação.

BIOGRAFIA DE UM ATOR

Eugênio Carlos — ou Eugênio Carlos de Almeida Barbosa — nascido em Pernambuco há 28 anos passados, é o astro brasileiro que mais tem trabalhado com os americanos e pelos americanos. Descendente de tradicional família pernambucana (o avô, Eugênio de Almeida, engenheiro, foi o responsável pela construção da avenida Beira-Mar, em Boa-Viagem, Recife), veio para o Rio em 1943, quando o pai — Dorgival de Souza Barbosa — foi convidado para ser secretário particular de Apolônio Sales, então ministro da Agricultura.

Aqui, cursou Eugênio Carlos os colégios São José e Andrews, onde terminou o científico. Estudou línguas, e teve alto cargo no Senado Federal.

Interessado em cinema, teve suas primeiras experiências nos estudos nacionais como extra, fazendo depois papéis de alguma significação em "Aviso aos Navegantes", "Carnaval no Fogo", "Falta Alguém no Manicômio", "Caçula do Barulho" — trabalhando ao lado de Anselmo Duarte, Francisco Carlos, Vera Nunes, e dirigido por Watson Macedo e José Carlos Burle.

Teve Eugênio Carlos uma pausa no seu trabalho artístico quando foi convocado para o exército, tendo servido na Escola de Paraquedistas, sob o comando do general Penha Brasil. Mas em seguida reinicia suas atividades e, depois de viajar por todo o Brasil com o Teatro Paschoal Carlos Magno, segue para os Estados Unidos.

PASSADENA PLAYHOUSE: CAMINHO PARA O CINEMA

Nos Estados Unidos, entrou o jovem ator para a "Pasadena Playhouse" — a maior academia de arte dramática da Califórnia

e, durante dois anos, representou em mais de vinte peças de teatro. Especializando-se em Shakespeare, foi considerado como um ator de grande capacidade dramática quando seu "Macbeth" foi apresentado — pela primeira vez, por um latino — em Pasadena. Terminado o curso, foi se especializar com o já falecido mestre da Metro-Goldwyn-Mayer — Michael Chekov, em seu estúdio de Hollywood, tendo aí surgido a sua primeira chance para o cinema e televisão americanos.

Através do agente H. Swoverland, foi Eugênio convidado e teve seu primeiro desempenho num filme para a Jarry Fairbanks — "The Great Adventure", e logo em seguida — "The Outcast of Poker Flat" e "The Big Revolution".

BRASIL E EUROPA

Em 1955, está o jovem ator de regresso ao Brasil. E depois de alguns meses com a família, faz nova viagem — desta vez para o velho mundo. Durante dois anos, percorre o rapaz, por conta própria, os principais países da Europa e, em todos eles, nas primeiras filas dos grandes teatros, toma contato com os maiores atores da atualidade — Olivier, Barrault, Gasmann, Guildenstern — realizando, dessa maneira, um verdadeiro curso de arte dramática, de grande valor para a sua carreira.

Desde seu regresso ao Brasil, em 1957, tem Eugênio Carlos trabalhado para o cinema americano. Terminou recentemente três filmes — "Love Slave of the Amazon", para a Universal, ao lado de Eduardo Cianelli, Don Taylor e Gianna Segalli; "Passion of Wilderness", para a Colúmbia, com John Sutton e Celeneh Costa, e, finalmente, "Boomerang", também para a Colúmbia — os dois últimos dirigidos por Solistrowsky. Seu trabalho em "Passion of Wilderness", muito elogiado, já lhe garantiu três novas produções do mesmo diretor para a Colúmbia Pictures — "Bue Danger", "The Lost One" e "The Rolling Edge" — o primeiro a ser rodado em princípios de setembro. Novos produtores virão este ano ao Brasil e, sem dúvida, irão procurar Eugênio Carlos, pois sua formação de ator foi toda feita nos Estados Unidos e seu trabalho tem sido muito elogiado por todos os diretores com quem tem trabalhado.

UM EMBAIXADOR DA BOA-VIZINHANÇA

É Eugênio Carlos, talvez, o único ator brasileiro que já percorreu o mundo todo às suas custas, sem nunca ter recebido bolsa de estudos ou ajuda oficial. Falando perfeitamente cinco idiomas, e conhecendo a maneira de trabalho dos estrangeiros, é ele, hoje, o mais indicado para receber todos os produtores e diretores que aqui chegam. Graças ao seu grande círculo de relações, muito os tem ajudado a resolverem os eternos problemas que encontram quando se defrontam com a nossa burocracia — como sejam as licenças de importação e exportação, cartas de credenciais para os diversos governantes dos Estados do norte e nordeste, pedidos de urgência. Na verdade, um grande número de facilidades têm sido, por ele, espontaneamente oferecidas.

É essa mais uma das razões por que acreditamos na volta de nosso astro brasileiro para a meca do cinema, e, desta vez, para ser nosso representante em Hollywood para as futuras realizações cinematográficas brasileiro-americanas. Nada melhor do que um ator, conhecedor dos métodos de trabalhos dos americanos, tendo vivido e estudado na terra do tio Sam para nos representar em Hollywood. Eugênio Carlos é um ator que tem colhido suas experiências pelo mundo e que hoje, muito jovem, já possui uma grande reserva de conhecimento que poderá servir ao Brasil. Que os representantes do cinema americano, entre nós, levem o mais cedo possível o nome deste jovem aos "big-shots" de Hollywood para termos, bem breve, o orgulho de vê-lo nas telas do mundo inteiro.

A PROPÓSITO DE... FANTASMAS, POR EXEMPLO...



CARLOS A. NASCIMENTO

"ÊLE" APARECEU OUTRA VEZ — Um dos fantasmas mais populares (e também o mais querido) de Londres é o que frequenta o teatro Drury Lane. Por mais estranho que possa parecer, sua "visita" é sempre esperada com ansiedade pelos artistas daquela casa de espetáculos pois, segundo a crença, "êle" somente aparece nas estréias de peças de sucesso. Assim vem ocorrendo há vários anos. Este fato é de conhecimento geral nos círculos teatrais da capital britânica desde que "êle" pela primeira vez apareceu na noite de estréia de "Careless Rapture", uma das peças de maior sucesso de bilheteria da história do teatro inglês e desde então nunca mais deixou de "assinar o ponto" nas noites de "premières" de peças de êxito. Há poucas semanas, no dia 30 de abril, lá estava "êle"; jovem, elegante, trajando vestes do século XVIII, perambulando pelos corredores e camarins do teatro. O dia 30 de abril marcou a estréia do musical "My Fair Lady", peça para qual só se consegue assistir comprando ingresso com 6 meses de antecedência. O nosso "bom fantasma", segundo se acredita, foi um jovem da sociedade londrina que viveu lá pelo ano de 1700 a 1730. Seu esqueleto foi encontrado no século passado num quarto emparedado do mesmo teatro e tinha entre as costelas um punhal cravado. Acredita-se que o jovem tenha sido assassinado pelo então gerente do teatro por se haver envolvido em laços sentimentais com uma atriz.

UM FANTASMA MUITO ÚTIL

Outro "fantasma camarada" é o que frequenta o Teatro St. Jame's, também da capital britânica. Essa "boa alma" é muito benquista pelos atores e atrizes. É um fantasma de atitudes mais modestas; ajuda os artistas a se vestirem, escova-lhes as roupas e até dá brilho aos seus sapatos.

UM FANTASMA GENTIL

Para não fugir à regra, o Teatro St. Martin's Lane também tem seu "fantasminha". Sua presença é sempre saudada com alegria pelos profissionais que trabalham naquela casa. É um velhinho de aspecto mui distinto e sempre sorridente. Sua alma fazia parte do corpo de sir Charles Wyndham, um arquiteto londrino que viveu no século passado. Acredita-se que sir Wyndham venha fazer a "vistoria" no teatro que "êle" construiu.

TEATRO AMBICIOSO — DOIS FANTASMAS

O Teatro Royalty, fechado há algum tempo, tem nada menos de dois espectros. Trajando vestes vitorianas, uma simpática velhinha era vista constantemente no interior do Royalty, quando funcionava. Com um sorriso nos lábios "ela" cumprimentava os

artistas e misturava-se com a platéia em noites de "première". Ainda nesse mesmo teatro, o "espírito" de uma jovem cigana vinha constantemente "matar as saudades". Trajando vestido vermelho e meias de seda verde, sua aproximação se fazia sentir pelo ruído do pandeiro que sempre trazia consigo. Quando a Prefeitura de Londres mandou demolir parte do prédio, os trabalhadores encontraram o cadáver macerado de uma mulher. O pouco que restava das vestes foi logo identificado: fragmentos das meias verdes e pedaços de um vestido vermelho cobriam o corpo da múmia.

O MAU COSTUME DE UM FANTASMA INGLÊS

Porém, nem todos os personagens do além são boas criaturas (se é que se pode chamar um fantasma de criatura). O espectro do Teatro Duke of York, por exemplo, tem o péssimo costume de tentar estrangular as atrizes (e só as atrizes). Mas isto se "explica": Há muitos anos passados, uma atriz, cujo nome é desconhecido, fôra estrangulada em seu camarim pelo amante ao vestir seu traje de caráter e desde então não deu mais sossego às suas ex-colegas; conta-se que há cerca de oito anos passados, uma atriz, ao vestir aquele mesmo traje (pertencente ao guarda-roupa do teatro) sentiu a sensação de que estava sendo estrangulada. Atacada de uma terrível crise de nervos, teve de ser substituída no elenco. Sua substituta sentiu a mesma horrível sensação ao vestir aquele traje. Depois de muitas investigações descobriu-se que a inditosa atriz trajava o mesmo vestido quando fôra assassinada.

JOE GRIMALDI — UM FANTASMA QUE SE PREZA

O famoso palhaço Joe Grimaldi é um dos mais populares e também um dos mais macabros que "habitam" os teatros da Grã-Bretanha. Grimaldi "faz ponto" no mais ambicionado dos teatros de Londres — o Sadler's Wells. Altas horas da noite, o outrora conhecidíssimo "clown", aparece no teatro; ocupa um dos camarotes e fica contemplando o palco. Vestindo trajes de arena, rosto maquilado, olhos vidrados e brilhantes, o palhaço é "visto" dentro das sombras do teatro vazio. Algumas vezes desce para as coxias e vai representar no palco; suas gargalhadas ecoam por toda a sala e se projetam para rua e nenhum inspetor de polícia que ronda o quarteirão tem coragem de verificar de que se trata.

OS FANTASMAS NA LITERATURA

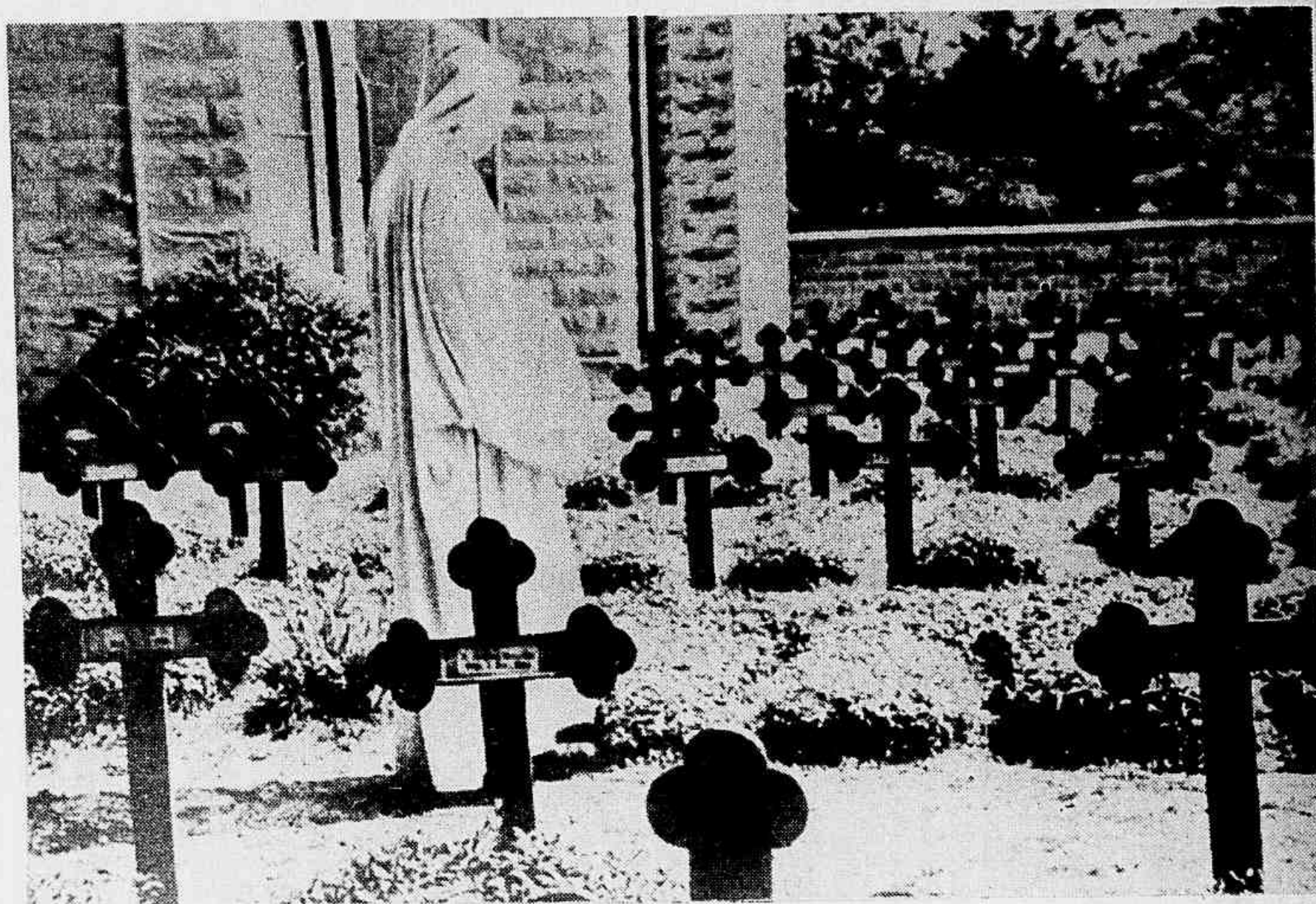
Uma editôra inglesa lançou um livro cuja autora, a sra. A. M. W. Stirling faz um relato "imparcial" do procedimento, das atitudes, dos hábitos, dos pensamentos e até revela a estrutura física dos habitantes do além. Para dar maior veracidade à sua obra, a autora descreve fatos ocorridos na considerada mais famosa casa-mal-assombrada do mundo — a mansão de Beavor Lodge, que durante um quarto de século chamou a atenção da população pelos estranhos fenômenos ali ocorridos. O livro intitula-se "Fantasmas Vivissecados" e foi impresso pela editôra Robert Hale, de Londres.

NO CINEMA TAMBÉM

Um elenco inteiro de filme e toda a sua equipe técnica se recusaram a trabalhar numa mansão de Singapura antes de que um sacerdote malaio realizasse orações nas 16 salas do prédio para "afugentar os maus espíritos" que, segundo os nativos, davam pavorosos gritos de dor durante todas as noites. O velho casarão, que era indispensável para a realização da película, servira como câmara de tortura durante a ocupação japonesa. O filme em questão intitula-se "Di-mana Gajah Bedira Tegak" (Onde Ficou o Elefante), uma produção do cinema malaio.

IDEM, NO JORNALISMO

Recentemente toda a imprensa estadunidense publicou um fato ocorrido com um cidadão chamado Lowell Limpus, redator do "New York Daily News", que faleceu aos 60 anos de idade por causa natural. Durante os 33 anos em que serviu àquele jornal, Limpus escreveu 8 699 reportagens. A 8 700.^a (possivelmente a mais sensacional de todas) foi exatamente sobre a sua própria morte, ocorrida no dia anterior. Sua macabra reportagem começa assim: "Esta é a minha última reportagem para 'The News'. É a última porque eu morri ontem" e a seguir faz seu próprio obituário revelando fatos de sua personalidade. Entre outras coisas, diz Limpus na sua auto-reportagem: "Ninguém conhecia mais o assunto do que eu, por isso resolvi escrevê-lo", e terminando seu auto-necrológio: "fui um sujeito mais ou menos honesto, mas com boas intenções. Não mereço muitos elogios". A reportagem foi encontrada num envelope fechado em seu apartamento no mesmo dia de sua morte.



A revista inglesa "Picture Post" publicou em seu número de junho de 1957 a fotografia que reproduzimos ao lado. A legenda diz que a fotografia é autêntica!

O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

RESUMO: Terminado o jantar, encontram-se reunidos no Arayado, além do escritor Georges Meller, seu novo proprietário, Lydia Moreau, a governanta e candidata à esposa de Meller; Nick, Nane e Isabelle, enteados do escritor; como também Claire Brémond, sua sobrinha, Jacques Delancy, marido de Isabelle, e, de visita, a decadente atriz Juliette Laval e o produtor de cinema André Beaumont. A maioria dessas personagens tece seus planos contra um ou outro — principalmente os enteados do escritor contra Lydia — e um clima de tragédia paira no ar, inquietante.

— É DOS MAIS originais, apressou-se em dizer Juliette, pouco disposta a ver Georges roubar-lhe a palavra. Aliás, já o título bem o indica...

— Qual é ele? — indagou Beaumont, enquanto Meller resignava-se de boa-vontade em ver-se despojado de seu filho.

— **Pêso Morto.** Trata-se de um drama burguês extremamente feroz. A personagem central é uma mulher que se casou, muito jovem, com um homem bem mais idoso que ela. Quando se abre a cortina, ela acaba de atravessar o cabo dos quarenta e se acha literalmente acorrentada a um velho. Ela casou-se por interesse, mas reconhece que foi lograda no negócio, pois viveu até então sem conhecer o amor...

— Tema audacioso, comentou Beaumont.

— Não é? — exclamou Juliette, radiosa. — Fiquei logo entusiasmada quando Georges leu-me o primeiro ato e disse-lhe: "Mas esta mulher é toda minha!" Ele concordou que a via muito bem sob meus traços.

Mme. Delancy teve um sorriso azêdo e olhou Beaumont para ver se ele apreciava todo o sál daquela afirmação. O cineasta não pestanejou:

— E por que não? — disse. — Voltaremos ao assunto quando Georges tiver terminado sua peça.

— O senhor disse que os produtores tinham a vantagem de poder viajar incógnitos, disse de repente Nane, com sua vozinha calma, sem levantar os olhos do prato. Tenho a impressão de que muita gente não consideraria isto como vantagem.

— Acha? — retorquiu ele. — Não sei a que ponto as estrélas

apreciam muito tempo serem perseguidas até em sua intimidade pelos amadores de autógrafos ou as histéricas, e se os diretores de cena gostam de ver sempre um bando de moças, com a mania de se tornarem estrélas, agarradas aos seus casacos. Até mesmo os operadores têm que fugir aos ataques de ambiciosas figurantes! Não, não posso crer que isto lhes agrade, mas resignam-se como se o considerassem uma parte do ofício. Quanto a mim, repito, considero vantagem poder passar despercebido. Salvo nas esferas comerciais do cinema, hão de ignorar sempre meu nome e meus traços, ao passo que todo mundo conhece o cachorro de Jean Marais e não ignora nada dos amôres de Edith Piaf...

— Seu nome, é possível — disse súbitamente Lydia Moreau, saindo do seu mutismo e fitando atentamente Beaumont. Mas seus traços me são familiares.

— Talvez já se hajam encontrado? — sussurrou Isabelle. O incidente a interessava ao mais alto grau, mas não ousava esperar que se pudesse tratar de um antigo flêrte. A coincidência seria feliz de mais...

No entanto, Mme. Delancy viu nitidamente uma sombra de contrariedade passar sobre o rosto de Meller, enquanto o cineasta batia nervosamente as pálpebras.

Um silêncio muito curto, mas do qual cada um teve consciência, pesou sobre a mesa, de modo incômodo, depois da intervenção de Isabelle.

A voz calma de Beaumont dissipou-o:

— Por certo que não, disse galantemente, porque me teria recordado.





Lydia continuava a olhar o cineasta, mas sem parecer vê-lo, nem mesmo ouvi-lo. Mas, depois de alguns segundos, disse num tom de desculpa:

— Sinto bastantes vezes estas impressões de já ter visto alguém, embora não saiba onde nem quando... Não sei a que atribuir...

Mme. Delancy percorreu com os olhos a mesa, a fim de assegurar-se que todo mundo havia terminado o sorvete de morango, depois levantou-se, seguida pelas outras mulheres; ainda um desses hábitos ingleses que irritavam Jacques.

— Nós os deixamos, senhores, anunciou ela com um sorriso que envolvia a todos em volta. O café será servido no terraço. Com esta temperatura, lá sentiremos menos calor do que no salão.

E dirigiu-se para a porta, acompanhada por Lydia, Anne, Claire e Mlle. Livel — que se assemelhavam a damas de honra reconduzindo uma rainha aos seus aposentos.

No corredor do primeiro andar, Claire passou à frente de Mme. Delancy e apressou-se a entrar em seu quarto.

Depois de fechar a porta de carvalho, achando-se só na penumbra violeta vinda de um céu crepuscular de tons tempestuosos, Mlle. Brémond levou a mão à fronte, tentando dar um pouco de ordem ao caos tumultuoso do seu espírito.

Claire sentia-se zombada qual uma criança cujo desabitual juízo não tivesse sido apreciado e, muito pior houvesse motivado censuras. Não compreendia o modo brusco pelo qual Lydia Moreau respondera à sua gentileza.

Sem abrir o comutador, dirigiu-se Claire a uma larga e profun-

da poltrona de chintz, junto à janela aberta. Nem uma brisa vinha lá de fora, e um silêncio de mau augúrio pesava sobre o parque. A moça deixou-se cair na poltrona e, a cabeça apoiada ao encosto, pôs-se a refletir, o olhar perdido entre as negras ramadas do parque.

O que teria assim irritado a governanta? Acharia natural usar sweater com uma temperatura tão abafada?

E a jovem continuou pensativa, seguindo o caminhar de uma grande nuvem que, lentamente, eclipsava a lua... Quando, de novo a pálida claridade banhou a paisagem, Claire havia encontrado uma razão para tranquilizar-se.

Lydia Moreau não a devia ter visto em companhia de Roland. Do contrário, furiosa por ter sido assim chamada à atenção geral, não teria deixado passar a ocasião de colocar Claire numa situação embaraçosa. Não, Roland tinha razão; o olhar de Lydia pousara sobre eles sem os ver.

Reconfortada, por esta certeza, a moça voltou ao presente e refletiu que já devia ter decorrido um longo momento desde a sua saída da sala de jantar. Passando rapidamente ao banheiro, ela empoeu-se, corrigiu o penteado com as pontas dos dedos, e se apressou em descer ao andar térreo.

Anne ouviu-a passar diante de sua porta, e compreendeu que devia ir também reunir-se aos demais. Não o desejava, porque a presença de Lydia Moreau nunca lhe era tão odiosa como quando havia um convidado no *Arayado*. O rosto em fogo, Nane mastigava sua vergonha por dever sentar-se assim à mesma mesa que a governanta. Parecia-lhe que esta situação escandalosa devia

"Tenho medo da tempestade, mas esta noite é diferente. co

imediatamente saltar aos olhos de todos, mesmo que não estivessem previamente informadas da condição de Mlle. Moreau. E essa Claire, que resolvera atrair a atenção sobre Lydia, indagando hipocritamente da sua saúde e felicitando-a pela sua toilette!

Enquanto atravessava o corredor para juntar-se aos outros, Anne perguntava a si mesma qual seria a causa do mal estar que havia provocado o reparo feito por Lydia a Beaumont durante o jantar.

Por causa dos mosquitos, fôra o terraço conservado às escuras. Apenas distinguia-se, aqui e ali, os claros das camisas dos homens, o fogo de um cigarro ou, mais fracamente, um braço feminino a descoberto.

— Gosta de pesca? indagou Jacques Delancy voltando-se para Beaumont.

Na sombra, a voz do cineasta respondeu:

— Sim, é mesmo o meu esporte favorito quando tenho tempo de dedicar-me a êle. Permite-me refletir, o que não tenho quase ocasião de fazer habitualmente...

Soou o riso de Juliette Livel:

— Oh! estou certa de que o senhor se calunia! Um homem de negócios reflete sempre.

— Exato! Mas não era nisto que pensava ao falar em refletir. Um dos benefícios da pesca é justamente permitir-nos realizar a vaidade dos esforços humanos.

— Para mim, disse prosaicamente Delancy, enquanto avivava-se a extremidade de seu cigarro, a pesca é, antes de tudo, um esporte exigindo muita paciência e resistência.

— Não me faltam nem uma nem outra, retorquiu Beaumont.

— Então, poderá pô-las à prova aqui, disse Isabelle — porque ela era uma dessas mulheres que não podem permanecer muito tempo fora de uma conversa. — O lago ao norte do parque tem muitos peixes e só Jacques é quem tenta algumas vezes trazer alguns!

— Se lhe agrada, senhor Beaumont, propôs amavelmente Delancy — tenho um anzol à sua disposição. Pois penso que vai ficar conosco alguns dias.

Beaumont teve uma imperceptível hesitação antes de responder:

— Isto dependerá de diversas coisas mas, evidentemente, não há pressa. Não trabalhamos em filme algum no momento, e, aliás...

— Desejamos então prendê-lo o mais tempo possível, disse Isabelle. Meu padraсто deve estar contente em rever um amigo da mocidade, e meu marido ficará encantado por ter um companheiro que partilha sua paixão pela pesca.

O visitante inclinou-se levemente:

— Nestas condições, minha senhora, não teria o mau gosto de recusar e com o maior prazer abusarei de sua hospitalidade durante alguns dias.

Foi o momento que Juliette Livel escolheu para exclamar, desapontada:

— Oh, não tenho o meu isqueiro!

Jacques, que era o seu vizinho mais próximo, já procurava o dêle no bolso do smoking, mas a atriz prosseguiu:

— Já sei onde está! Deixei-o em seu gabinete, Georges... Volto já.

Com uma vivacidade que não lhe era habitual, Juliette levantou-se e desceu rapidamente os degraus que conduziam ao parque. Ouviu-se seu passo afastar-se sobre o saibro da alameda.

Mlle. Vernon tomou silenciosamente uma poltrona livre ao lado de Lydia Moreau, abandonando a chícara onde o café esfriara. Com a cumplicidade da sombra, cada um isolava-se em si mesmo sem sentir necessidade de comunicar-se com os vizinhos, e os fumantes deixavam seus cigarros consumirem-se entre os dedos.

Juliette Livel não voltava.

Claire achava doce abandonar-se ao fundo da poltrona de vime que, de vez em quando, estalava fracamente. Era uma espécie de tranqüilo aniquilamento: não se falava, nem mesmo se pensava. Graças à noite, havia para a moça um delicioso relaxamento em deixar cair a máscara mundana da qual, em geral, ninguém se pode livrar a não-ser na solidão de um quarto. Assim como o poeta,

ela quisera que o tempo suspendesse seu vôo eternizando êsse instante em que a vida fazia trégua.

O encanto foi quebrado por Nane, de modo inesperado. Isabelle, que dormitava, teve um brusco estremecimento ouvindo-a dizer em voz abafada:

— Oh! É terrível!

Isabelle ralhara com ela, irritada de se ter quase deixado vencer pelo sono.

— O que é que é terrível? Estais sonhando!

Beaumont adivinhou que a jovem sacudia a cabeça:

— Não... não tiveram a mesma impressão que eu? Êste silêncio... Dir-se-ia que toda a natureza está na expectativa de alguma coisa... Deve ser assim quando vai irromper um incêndio... Meu Deus, é horrível!

A voz de Nane traía um real desespero e os outros calavam-se, como se aquelas angustiosas palavras fôsem uma revoada de ameaçadores presságios.

— É horrível! repetiu a moça. Isto cola-se à gente como as teias de aranha que nos embaraçam numa volta de alameda e da qual não nos podemos livrar... É uma sensação de estrangulamento na qual se adivinha confusamente que uma só coisa nos pode livrar... uma coisa cuja natureza se ignora, mas a qual aspiramos, receiando-a ao mesmo tempo...

— A tempestade, simplesmente.

A voz de Beaumont pusera as coisas em seus lugares e cada um lhe ficou intensamente grato.

A tempestade, por certo. Era apenas a tempestade!

No entanto, Lydia Moreau cruzou o sweter sobre a garganta nua, num gesto que se tornara semelhante a um tique, e Nane, falando em voz surda, um pouco agitada, lembrou a Delancy aquela mulher em hipnose que Isabelle e êle tinham visto num circo e que, de olhos vedados, descrevia os objetos tocados na sala pelo seu parceiro.

— Não, não é a tempestade...

Viu-se luzir a pulseira de brilhantes que Isabelle usava, enquanto ela esboçava um gesto de irritação:

— Mas sim! Bem sabes que sempre tiveste medo de tempestade. Que idéia; esta, agora? Se te julgas interessante, menina, desengana-te.

Anne, porém, prosseguia, com a calma segurança de uma profetisa em meio a um círculo de incrédulos:

— Sim, tenho medo de tempestade, mas esta noite é diferente. Nunca senti isto... Digo-lhes, é como um fogo que se vai propagar, um mal que cresce na sombra...

Ouviu-se o rumor sêco de mão batendo num rosto e Nane interrompeu-se. Beaumont curvara-se instintivamente para a frente, enquanto Lydia Moreau dizia:

— Desculpe-me, Anne... Não percebi o que fazia.

Mas também, você nos esotraça os nervos!

Imediatamente, Mme. Delancy entrou na arena:

— Nane conduz-se como uma tolinha, concordo, senhorita Moreau, mas, por seu lado, seria de desejar que tivesse mais domínio sobre si mesma e que medisse seus reflexos!

Antes que a governanta pudesse responder, a voz de Nane ergueu-se de novo, apenas mudada:

— Deixa, Isabelle. Não é nada... absolutamente nada.

E André Beaumont perguntou a si mesmo se teria sido o único a notar que, dissolvendo-se lentamente no ar pesado, aquelas palavras deixavam atrás delas uma vibração odienta.

Delancy levantou-se e agitou, inútilmente, os braços;

— Na minha opinião, Anne tem necessidade de ir deitar-se. São mais de dez e meia, e êsses dias tórridos são enervantes.

— Palavra de honra, penso que para mim, também, será uma boa coisa, disse André Beaumont para descarregar a atmosfera. Os percursos em estrada de ferro não me fazem nada bem...

Inclinou-se para Isabelle e beijou a mão que esta lhe estendia, enquanto Meller declarava:

e. como um mal que cresce na sombra..."

— Está bem, mas eu me sinto completamente em forma, e retiro-me para o meu gabinete, enquanto você vai descansar. Não estava satisfeito com a cena de abertura do meu terceiro ato, porém, de repente, acabo de descobrir o modo exato de abordá-lo... Quem sabe se esse tempo favorece a minha inspiração? Ouvi dizer que havia seres mais particularmente receptivos à aproximação das tempestades...

— Sim. Eu, igualmente, o ouvi afirmar, murmurou Beaumont pensativo, procurando Anne na sombra.

— Então, eu tenho, com muita certeza, que estar no número desses fenômenos. A inspiração, somando tudo, não é mais do que uma espécie de recepção... Nós captamos idéias esparsas, da mesma forma que uma estação de rádio capta ondas, mas não inventamos nada, porquanto essas idéias já foram emitidas e outros pensaram antes de nós aquilo que nós escrevemos...

Votos de boa-noite foram trocados. Depois, Isabelle, deslizando um braço em volta do corpo da irmã, arrastou-a levemente para o interior da casa. Um após outro, os hóspedes do Arayado seguiram-na até o primeiro pavimento, com exceção de André Beaumont a quem tinham alojado, por falta de espaço, no andar térreo, e de Meller que ficou um momento fumando no terraço, antes de se dirigir para o pavilhão.

Jacques Delancy desmanchava o nó da sua gravata em frente ao espelho do toucador da esposa, quando esta entrou no quarto.

— Anne se acalmou?

Isabelle aquiesceu:

— Sim, é o efeito da tempestade, mas essa espécie de crise que ela sentiu, parece tê-la reconfortado. Aconselhei-a a tomar um soporífero, a fim de ter um sono repousante.

A Sra. Delancy retirou para si o pufe que se encontrava em frente à penteadeira e aí se sentou. O marido olhou-a de esguelha, antes de abordar a questão que o preocupava:

— Por que você não aproveitou o estado de expectativa que se produziu durante o jantar, entre Claire e a Moreau?

Isabelle teve um leve erguer de ombros. Ela teria apostado que seu marido lhe faria essa pergunta. Decididamente, a sutileza não era o forte dos homens... Tanto melhor para as mulheres, evidentemente, mas bastante irritante, às vezes.

— Claire não está do nosso lado, explicou ela no tom paciente de um professor dirigindo-se a um aluno pouco dotado. Tomar partido e causa por ela teria sido deslocar a pergunta, você não o compreende? Além disso, ela é sua sobrinha, Claire não tem nada que censurar no usurpador, bem ao contrário! Sem ele, ela teria tornado, talvez, lavadeira de pratos num restaurante, ou pior ainda! Meller lhe fez essa caridade com o nosso dinheiro, está entendido, mas para ela, o resultado é o mesmo e Claire não tem que se preocupar com a origem do maná. Ela, por conseguinte, deve reconhecimento a Meller e é com certeza a última das suas preocupações que ele se case ou não com essa mulher.

— Também! Ela é a única herdeira de Meller por todo o tempo em que ele não se casar...

— Não, há ainda essa espécie de atriz que é sua prima ou Deus sabe o quê. E depois, se você pensar que, na idade de Claire, ela já se preocupa com herança! e Isabelle deu um suspiro expressivo. Aos vinte anos, tem-se a vida diante de si e só se pensa no amor. É, aliás, por isso que se fazem tantas tolices...

— Parece-me, em contraposição, que havia meio de utilizar o incidente da hofetada... embora indiretamente. Eu mesmo me preparava para fazê-lo quando tive a impressão de que você não desejaria ver a coisa ir mais longe. Isso me surpreendeu, mas, pensando que você, talvez, tivesse algum plano, preferi abster-me para lhe deixar a possibilidade de agir de acordo com a sua idéia.

Voltada para a penteadeira, Isabelle tinha o olhar perdido no brilho do espelho:

— Você fez bem, disse ela devagar, pois tenho um plano, na verdade.

— Realmente? Qual é? indagou Jacques logo interessado.

— Compreendi que o nosso erro era querer ofender, frontalmente, o usurpador e a sua dona. Eu me pergunto como não ti-

vemos consciência mais cedo que seria correr risco. Siga-me bem, Jacques: quando duas nações, possuindo interesses semelhantes, se acham em oposição a um mesmo adversário, elas têm por reflexo natural de unir-se face ao inimigo comum. Aqui a situação é a mesma: agindo por escândalos repetidos, desencadearmos um escândalo, com certeza, mas como Meller e a Moreau não terão mais nada que perder, apenas conseguiremos firmá-los mais em sua decisão. E é exatamente o que não queremos!

Jacques pareceu um instante pesar o valor do raciocínio; depois, como queixa, perguntou:

— Seja, mas o que você achou de melhor? Não é tudo demolir.

— Isabelle esboçou um sorriso mordaz:

— Em minha opinião, cortou ela, ainda é preferível não fazer nada a agir tólamente. Mas, como eu lhe disse, tenho um plano, um plano muito mais sutil, inspirado por um exemplo histórico, rico em ensinamentos...

— Minha querida amiga, eu talvez não possua a sua erudição histórica, mas não tive necessidade de remontar a tão longe, nem me recolher à sombra e ao silêncio para lhe sugerir, a partir de hoje à tarde, a propor a Moreau uma certa quantia que...

Isabelle deu um estalinho de língua excitada e voltou às costas ao espelho para ficar de frente para o marido:

— Muito bem, muito bem! Mas para que serve ter achado um bom plano, se nos apressamos em aplicá-lo mal? É na direção de Meller e não de Lydia que precisamos encaminhar nossos esforços.

Jacques considerou sua mulher com admiração:

— Meller? Você pensa ter mais oportunidades de conseguir êxito atacando-o a ele?

— Palavra de honra, isso me parece evidente. É preciso que eu lhe lembre que, desposando a Moreau, Meller regulariza uma situação, mas não tira dela proveito algum?

Jacques objetou:

— Proveito pecuniário, não, mas...

Com um gesto, sua mulher interrompeu-o:

— Vou empregar-me em fazer ressaltar, aos olhos do meu caro padraço, o escândalo que decorreria de tal casamento. Em nosso mundo, não se pode mais desposar a própria governanta sem temer fazer tagarelarem as pessoas. Se fôr necessário, chegarei mesmo a amedrontar Georges, fazendo com que se estabeleça uma certa ligação entre esse casamento pouco adequado e a morte de mamãe...

Delancy estremeceu:

— Isabelle! Será que você acredita seriamente...

— Com toda a certeza que não, vejamos! Stella morreu de um resfriado apenas devido à sua imprudência. Mas todos não tiveram a possibilidade de adquirir a minha certeza nesse ponto e é muito difícil impedir que as pessoas falem... Farei força para convencer o nosso Meller de que, se ele se casasse com Lydia, depois de haver herdado a quarta parte da fortuna de mamãe, as "pessoas" poderiam ir até ao pensamento de que ele se está casando com sua cúmplice para colocá-la na impossibilidade de testemunhar contra ele... O que diz você de meu plano?

— É uma verdadeira chantagem! — resmungou Delancy.

Sua mulher olhou para ele com ironia desprezível:

— Quem quer o fim...

Jacques procurou uma objeção e encontrou-a:

— Muito bem! Admitamos que Meller se entregue às suas razões e não se case com a Moreau. Quer me dizer o que impedirá de continuar a nos impor essa mulher, aqui?

Isabelle olhou para o marido, como se descobrisse a sua insignificância pela primeira vez:

— Meu pobre Jacques! Eu lhe estou falando em interesse e você me responde em moral! Nunca nos poderemos compreender porquanto tais pontos de vista, ambos são, de modo geral, diametralmente opostos. O que temos que evitar, a qualquer preço, é que Meller despose a Moreau e dela tenha um filho que drenaria a maior parte da fortuna deixada por mamãe...

O Sr. Delancy deu alguns passos indecisos em direção à janela, depois voltou para a mulher e disse a contragosto: (CONTINUA)

LÉO BELICO (EX-BUROCRATA) LEVOU PARA A ARGENTINA AS "MACACAS DE AUDITÓRIO"



Léo Belico é o grande cartaz da LR — 3 TV (Canal 7). Toda semana atua no programa de maior audiência em Buenos Aires.

Belico gosta muito

TROCANDO A BUROCRACIA pelo samba, Léo Belico, mineiro de Juiz de Fora, é hoje uma das maiores atrações do rádio, televisão e noites argentinas. Tudo começou a pouco mais de três anos quando o bancário foi a Buenos Aires em gozo de férias e pela primeira vez. E a simples viagem de recreio transformou-se em um futuro promissor.

Belico desembarcou na capital argentina sedento de emoções, como qualquer turista. Foi conhecer o Tigre, o bairro da Boca (onde nasceu o famoso clube de futebol, Boca Juniors), a Cidade dos Meninos, a rua Florida, os cabarés grã-finos, todos os recantos que sempre ouvira falar. Em país estrangeiro, todos os brasileiros que se encontram, consideram-se logo "velhos conhecidos e grandes amigos". E assim Léo Belico, que foi apresentado ao Adido Naval brasileiro, em uma "boite" portenha logo o considerou uma "grande praça". Nas noites seguintes andaram sempre juntos, "descobrimo" os segredos das madrugadas alegres. E entre uma e outra dose de "whiskey" veio a proposta que decidiu a vida do hoje artista :

— Belico, vou lhe apresentar pela Rádio El Mundo, como a maior sensação do Brasil!

O mineiro concordou, riu bastante, mas não deu maior atenção ao fato. Todo mundo sabe que durante os "pileques" são feitas as maiores propostas do mundo, e "fechados" os mais vultuosos negócios que a história já teve conhecimento... mas, passados uns dias, uma notícia fêz tremer o moreno mineiro :

— Léo, prepara qualquer coisa para cantar, porque hoje você estréia na Rádio El Mundo.

Belico arregalou os olhos, engoliu em seco e ficou apavorado. Eram três horas da tarde e o seu amigo não falava, evidentemente, "ajudado" pelo álcool.

— Estou falando sério, Léo — voltou a insistir o Adido Naval — o rádio está anunciando a sua estréia desde ontem, e você não pode falhar.

— Mas é uma loucura! Você sabe que mal sei segurar um violão. A minha voz, somente serve para cantar no banheiro. E ainda assim, muito mal.

— Agora a coisa está sem jeito. Se você não comparecer ficarei



desm
muit
form
vai s
Be
amig
ganh
e nã
ao m
—
Léo
Co
três
ram
gant
—
que
O
lico,



de crianças. Elas também gostam muito de ouvir êle cantar.

desmoralizado. Mas não precisa se incomodar. Estou levando muita gente ao auditório e êles vão lhe aplaudir de qualquer forma. Os argentinos não conhecem êste expediente, e a coisa vai surtir efeito.

Belico não teve outra saída. Compreendia a boa intenção do amigo, que queria vê-lo permanentemente em Buenos Aires, e ganhando mais do que o magro salário de bancário do interior, e não podia decepcioná-lo. Veio a noite. E o locutor anunciou ao microfone da Radio El Mundo:

— E agora, senhoras e senhores, a grande sensação do Brasil: Léo Belico.

Com muitas palmas foi recebido. Cantou um número, dois, três. Delirantes aplausos da clac organizada pelo Adido. Pediram bis. E aconteceu o inesperado: o proprietário de uma elegante "boite" vendo o "sucesso", procurou-o e disse:

— Você está contratado para a minha "boite", rapaz. Pelo preço que quiser. Passe amanhã em meu escritório para acertarmos tudo.

O Adido Naval riu a valer. Mal acreditava no que ouvira. Belico, porém, estava muito sério e bastante preocupado.



Garôtas lindas, como esta, esperam uma semana para sair com o cantor brasileiro.

— Não acho graça nenhuma — comentou o cantor. — Está vendo só, a encrenca que me arranjou? Como é que vou sair desta?

— Calma, rapaz. Não vá se afobar à-toa. Vamos dizer a êste empresário que você tem que ir ao Brasil, e somente pode estrear na "boite" dentro de um mês. E nesse prazo contrataremos um professor. E você aprende a tocar melhor violão, e a cantar também.

Trinta dias mais tarde, Belico estreava no elegante "night-club", pago a pêso de ouro, e conquistando uma legião de admiradores. Hoje é sucesso absoluto onde quer que se apresente, e um nome tão conhecido na Argentina quanto Eva, Perón ou Frondizi. Mas não é tudo. Léo Belico é o ídolo das mulheres que fazem rádio e TV, que o chamam de Lèozito, e esperam na fila por uma oportunidade para jantar. E quando alguém pergunta se acredita ser êle agora um bom cantor, responde rindo na gíria carioca: Bem... agora o "papai" já pode se defender... Não canto música de gringo, só do Brasil, vou ganhando os meus pesos, levando uma vida como nunca sonhei ser possível ter...

POESIA, DRUMMOND, PUBLICIDADE

PROVAR-ME-AO, talvez, que poesia e publicidade, ambas se nutrindo de vocábulos, e tendo na economia verbal um de seus predicados, possuem entre si pelo menos êsses dois pontos de contatos; dir-me-ão decerto que muitos de nossos mais conhecidos escritores hoje colaboram (e eficientemente) com a arte publicitária, e que os poetas, em especial, se revelaram excelentes redatores de anúncios, havendo mesmo um deles — J. G. de Araújo Jorge — conseguido encontrar, no mundo dos "slogans", o prestígio que lhe negavam no continente poético; acrescentarão que fraca é toda arte que se pretende desligada do cotidiano, de que se alimenta no fim das contas, e que nossa era já não permite a habitação em tórrides de marfim, transformado o Parnaso numa grande favela como foi de há muito; outros adiantar-me-ão que um poeta pode gracejar, assim querendo, ao passo que os de formação marxista argumentarão que até os poetas precisam de dinheiro, o jantar de hoje contribuindo, poderosamente, para o poema de amanhã... Tudo isso está muito bem, representando, sem dúvida, a expressão fiel da realidade. Contudo, continuo inconformado com o "poema" que o senhor Carlos Drummond de Andrade, a quem tanto admiro, fez publicar na edição de 1957 do almanaque "Nossa Sociedade" — um Gotha para uso interno, com os endereços dos Jorginho Guinle e adjacências —, e que tive a oportunidade de ler, casualmente, na Galeria GEA, em Copacabana, galeria essa que tem como proprietário, entre outros, o cronista social De Thorme.

Mas que poema será êsse, afinal, que suscitou tanto espanto,

tanta espécie? — indagará algum possível leitor. E logo digo: trata-se de um poema-anúncio, três estrofes de quatro versos, em que determinada personagem apregoa, na chave-de-ouro, as virtudes quase milagrosas do café D'Orvilliers. O poema-anúncio está devidamente assinado — o que é pior —, e fico a pensar se não irá Drummond incluí-lo numa edição futura de sua "Viola de Bólso", que talvez tenha de ser rebatizada como "Guitarra de Bólso", de vez que deu agora para fazer dinheiro.

Dizem-me que grandes poetas do passado andaram fazendo quadras tendo por fim a recomendação dêste ou daquele produto. Bilac, por exemplo, as fez — mas não teve jamais vontade de assiná-las. O rechonchudo Emílio de Menezes as fez, muitos as fizeram. Carlos Drummond de Andrade, infelizmente, foi, ao que parece, o primeiro a consentir em assiná-las.

E a que atribuir tal fato? A um gracejo, decerto que não. A uma séria crise financeira? Nossos poetas — com exceção de Augusto Frederico Schmidt — não primam lá muito pela riqueza e CDA vive de seu ordenado de correto servidor público, da colaboração na imprensa, dos direitos autorais, claro que minguados de sua aérea fazenda. Mas não há crise financeira que possa justificar a coisa. Poeta é coisa tão séria, Drummond de Andrade é — ou tem sido — poeta de tão grande pêso, que é penoso a alguém, como o cronista, que se acostumou desde a adolescência a admirá-lo, agora lhe descobrir a citada fraqueza. Quase mais penoso, mesmo, do que ter de hoje expô-la, e condená-la, nessas rudes linhas.

NOTÍCIAS

Adolfo Casaes Monteiro às voltas com a Alfândega, que considerou mercadoria um manuscrito enviado de Portugal ao crítico, e deseja que o mesmo pague, para resgatá-lo, direitos de importação. *** Elísio Condé foi eleito membro da Academia Pernambucana de Letras, por proposta de um grupo de escritores locais, inclusive Mário Mello, o homem que está contra o busto do poeta Bandeira. *** Simeão Leal partiu para o Nordeste, em viagem de estudos patrocinada pela Escola Superior de Guerra. *** Bruno Gargiulo, poeta radicado em Campos, esteve no Rio por poucos dias. *** Quem está para chegar é Mauro Motta. De Recife. *** Waldir Ribeiro do Val entregou ao editor Aguilar as "Obras Completas" (prosa e poesia) de Raimundo Corrêa. Número de

páginas datilografadas: mil... *** Oswaldino Marques, poeta e ensaísta, estuda no momento a obra de Cassiano Ricardo, a quem considera um de nossos mais importantes escritores de todos os tempos.



Elísio Condé

EUSTAQUIO DUARTE

Após longa enfermidade, morreu Eustáquio Duarte, escritor que não faz muito tempo lançara uma edição crítica de três livros originalíssimos, os primeiros tratados medicinais publicados no Brasil: "Morão, Rosa & Pimenta". Médico, senhor de vastos conhecimentos sobre sua carreira, foi também Eustáquio Duarte o escritor correto e erudito, e ainda o conversador inteligente e o amigo dedicado de quantos com ele lidaram. Morreu aos cinquenta e um anos, quando ainda tanto poderia fazer, vítima de uma moléstia que parece destinada a exterminar o que há de melhor na inteligência e na cultura brasileiras: Jorge de Lima, Graciliano Ramos, José Pancetti...

Há coisa de dois meses, Adonias Filho, pelo "Jornal de Letras" — e encarnando o pensa-

mento e a intenção de todo o corpo redatorial daquele mensário —, encabeçava um movimento no sentido de que o Prêmio Machado de Assis anualmente distribuído pelo Instituto Nacional do Livro, fôsse êsse ano concedido a Eustáquio Duarte, justamente pela importância do citado estudo crítico sobre "Morão, Rosa & Pimenta" — livro que é obra de ciência e de arte ao mesmo tempo, e que alia a um estilo elegante uma admirável erudição. Agora, com a morte do escritor, tal movimento não deve esmorecer, mas, pelo contrário, avivar-se: que o "Machado de Assis" venha premiar, embora póstumamente, a existência de um homem, como Eustáquio Duarte, a quem a literatura, longe de ser um passatempo, se constituiu numa preocupação de todos os momentos



QUE PENSA DE BUFFET ?

Bernard Buffet é, indiscutivelmente, um artista de grande projeção, mesmo internacional. Com pouco mais de 30 anos, conquistou vasta notoriedade, a ponto de hoje serem seus quadros disputados a peso de ouro por colecionadores dos mais diversos países. A inauguração de sua última exposição em Paris ("Cent Tableaux", Galerie de Charpentier, "Jeanne d'Arc", Galerie de David et Garnier) compareceram aproximadamente duas mil pessoas. A crítica francesa tem se portado de maneira contraditória, em relação ao pintor: há críticos (e Florent Fels, Pierre Descargues, Claude Roger-Marx, etc.) que o elogiam quase sem restrições; outros negam-lhe muito, ou qualquer espécie de valor, tal como Frank Elgar, Raymond Charmet e outros mais. Para saber o que pensam os pintores brasileiros sobre Buffet, ouvimos a opinião de sete deles, de várias idades e tendências — e seus depoimentos não deixam de ser dignos de atenção.

IVAN SERPA — Penso que Buffet, no início de sua carreira, tinha grandes qualidades. A crítica francesa, porém, ao endeusar sua pintura, matou Bernard Buffet. Hoje, ele não faz pintura, mas desenho colorido. E seu êxito junto ao povo se explica pelo fato de que, em seus trabalhos, Buffet apela para sentimentos, temas e formas caras ao espírito francês. Prova disso é o grande êxito conseguido com a série de painéis que narram a vida de Joana D'Arc.

BENJAMIN SILVA — Minha opinião sobre Bernard Buffet acha-se estabelecida, e não de hoje: é um desenhista que apela para as cores, nunca um pintor. Talvez tenha tido em si, um dia, as qualidades inerentes a um legítimo pintor. A preocupação em vender, com a conseqüente produção em massa a que se vem entregando desde há muitos anos, sufocou, nele, muitas de tais qualidades. Hoje, acho ser Buffet um artista sem grande importância.

GARBOGGINI QUAGLIA — Gosto de vários trabalhos de Buffet; principalmente dos trabalhos iniciais de sua carreira. Não me interessam certos quadros como os que compõem a série "Le Cirque", por exemplo. Sei que aconteceu com Buffet um fenômeno de supervalorização, artificialmente forjado pela crítica francesa. De qualquer maneira, se tenho de emitir minha opinião sobre esse artista, tal opinião, em última análise, não deixará de ser favorável.

CARLOS MAGANO — Nunca vi, face a face, um quadro de Bernard Buffet. Por isso, não quero externar, aqui, senão uma opinião relativa: para mim, Buffet é um artista com altos e baixos, acertando aqui para logo adiante errar. Parece-me antes um excelente desenhista. Mas — repito — seria preciso ver-lhe as obras pessoalmente, e não por reproduções, sempre infelizes, para melhor poder aquilatar de seu valor.

JÚLIO VIEIRA — Gosto de certos quadros, não suporto outros. Admiro em Buffet o desenho, perfeitamente característico. Esse artista possui um temperamento. Porém, acho que seu talento não chega a ser tão grande como não-lo mostra certa parte da crítica atual, em França. Aprecio mais suas obras mais recuadas no tempo, quando ainda não havia, em Buffet, a preocupação em

aparecer. De qualquer maneira, julgo-o o único artista do neo-realismo francês digno de maiores atenções.

INIMÁ — Gosto muito da obra de Bernard Buffet. Vi em Paris inúmeros de seus quadros, de várias fases, e em todos surpreendi um autêntico talento artístico. É um pintor poderoso, senhor de um estilo inconfundível. Admiro-o, e não me envergonho em dizê-lo.

RAMIRO MARTINS — Acho Buffet uma boa droga. Vi em Paris duas de suas exposições, entre elas "Le Cirque". Suas obras são paupérrimas como côr, Buffet parece ter medo da côr. Quanto à sua fama, deve-se aos "marchands-de-tableaux" unicamente. É um artista piegas, aborrecido. E a cada dia que passa, piora.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

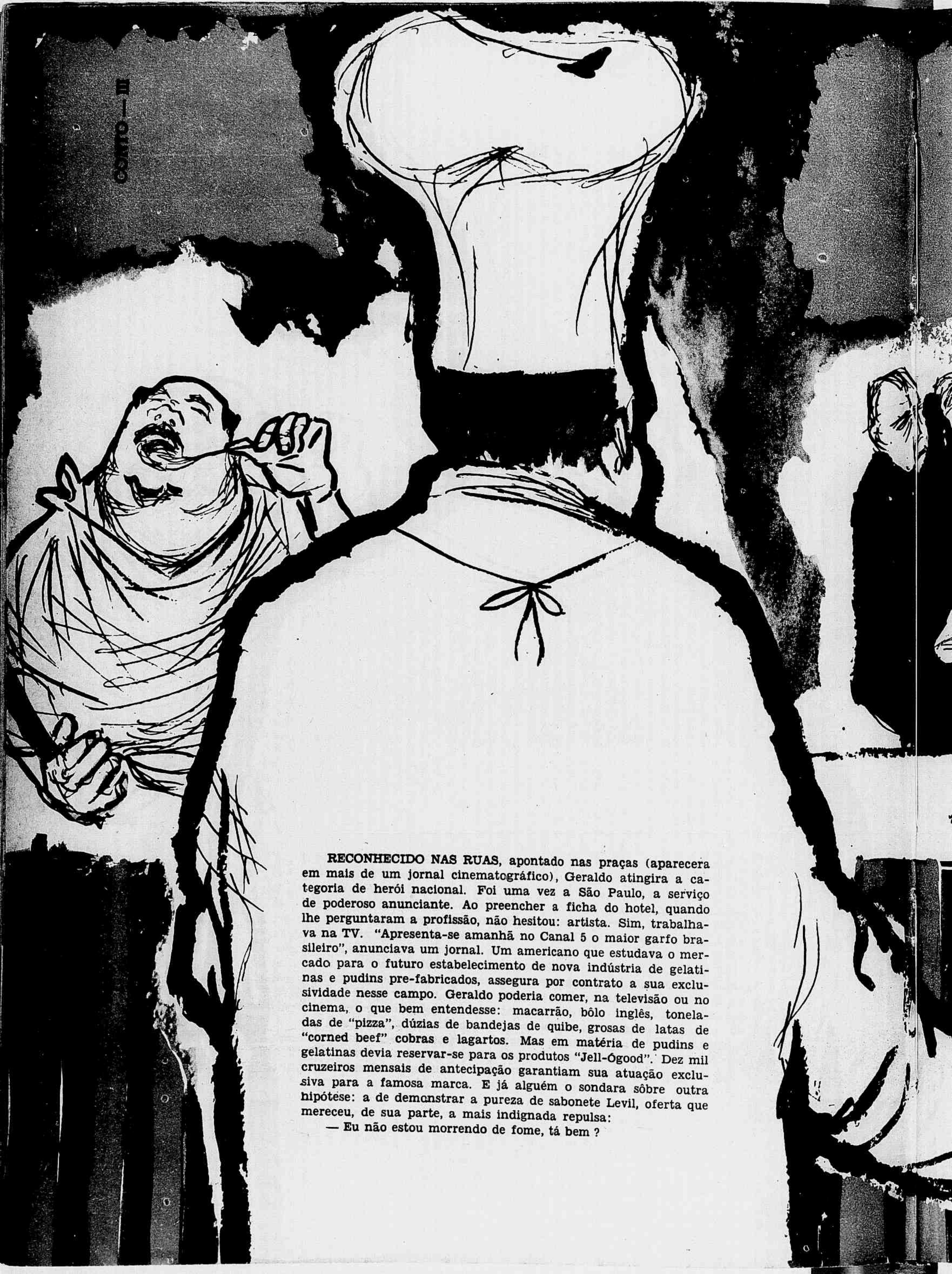
Hadassah Tel-Varni (Maison de France, até 21) — Essa artista israelense, prima de Renina Katz, chegou ao Brasil em princípio do ano, após muito viajar pela Europa. Suas telas melhores, porém, continuam detidas na Alfândega — e por isso, ac que parece, sua exposição não foi das melhores. Compõem-na desenhos e óleos — os desenhos bastante superiores: paisagens, retratos, etc. Em algumas obras (número 11), Hadassah ainda utiliza certa técnica impressionista, de há muito impraticável; em outras (número 1), aproxima-se dos fauves; finalmente, há um terceiro grupo de trabalhos (número 12) que se aparenta às obras realistas — tudo isso no que se refere à pintura, é claro. De modo que Hadassah é ainda artista indecisa, embora não possa ser considerada uma principiante. Quer-nos parecer que se sente mais à vontade quando trabalha dentro da técnica e dos limites fauvistas, e sem dúvida o melhor trabalho da exposição de agora é o já citado número 1 — uma grande paisagem cheia de côr. Outro bom trabalho é o de número 10, quadro de pequenas dimensões, em que a figura

de um poste de iluminação, de perfil contra um casario, foi aproveitado sãbiamente, com técnica e sensibilidade. Em outubro, essa artista (que repetimos sente-se mais à vontade quando desenhando), realizará uma grande mostra em São Paulo, na Galeria Ambiente. Se nossa Alfândega, é claro, consentir...

Ary Duarte (Museu Nacional de Belas Artes, até 25) — Eis aí um artista não moderno dotado de inegável talento. Sua exposição atual prova não apenas que sabe desenhar, como também que possui sensibilidade. Há em sua mostra pelo menos uma vintena de desenhos dos mais interessantes que temos visto — executados em vários lugares, na Europa, quando da viagem ao estrangeiro efetuada há alguns anos pelo artista, prêmio do Salão Acadêmico. Que diferença entre esse acadêmico, e quase todos os demais acadêmicos! O que prova que, afinal de contas, o que vale em verdade é o talento, independente do estilo. O que conta é a personalidade, em detrimento a escolas.

GENTE

Ivan Serpa embarca a 25, com destino à Espanha. Darel, que com ele conquistou, no último Salão, o prêmio de viagem ao estrangeiro, já se encontra há tempos na Itália. *** Mário Barata e Jayme Maurício acham-se em Veneza, assistindo à 29ª Bienal — na qual 2 artistas brasileiros: Fayga Ostrower e Marcelo Grassmann, — conquistaram valiosos prêmios. *** O pintor italiano Lazzarini inaugura a série de exposições a serem realizadas no recinto do Instituto Cultural Brasil-Itália, por iniciativa do adido cultural italiano, Fernando Capecci. No mesmo Instituto (situado à praia do Flamengo) exporá a 7 de julho Benjamin Silva. *** Frank Schaeffer, Quaglia, Benjamin Silva e Fernando P. conquistaram prêmios na mostra "O Trabalho na Arte" — levada a efeito no Museu de Belas Artes. *** A 31, no Museu de Arte Moderna, será inaugurada a mostra Djanira. *** Ramiro Martins voltou a trabalhar, após seu regresso da Europa. Seu atelier fica próximo ao centro.



RECONHECIDO NAS RUAS, apontado nas praças (aparecera em mais de um jornal cinematográfico), Geraldo atingira a categoria de herói nacional. Foi uma vez a São Paulo, a serviço de poderoso anunciante. Ao preencher a ficha do hotel, quando lhe perguntaram a profissão, não hesitou: artista. Sim, trabalhava na TV. "Apresenta-se amanhã no Canal 5 o maior garfo brasileiro", anunciava um jornal. Um americano que estudava o mercado para o futuro estabelecimento de nova indústria de gelatinas e pudins pre-fabricados, assegura por contrato a sua exclusividade nesse campo. Geraldo poderia comer, na televisão ou no cinema, o que bem entendesse: macarrão, bôlo inglês, toneladas de "pizza", dúzias de bandejas de quibe, grosas de latas de "corned beef" cobras e lagartos. Mas em matéria de pudins e gelatinas devia reservar-se para os produtos "Jell-Ógood". Dez mil cruzeiros mensais de antecipação garantiam sua atuação exclusiva para a famosa marca. E já alguém o sondara sobre outra hipótese: a de demonstrar a pureza de sabonete Levil, oferta que mereceu, de sua parte, a mais indignada repulsa:

— Eu não estou morrendo de fome, tá bem ?

Sete garfos

ORIGENES LESSA



Revistas médicas apresentavam estudos sobre a constituição excepcional do organismo raro: Sete Garfos.

O país começou a sentir que possuía em Geraldo um motivo de orgulho. O complexo de inferioridade nacional, criado pelas oposições insatisfeitas e pela indiscrição de cientistas, segundo os quais o brasileiro morria de fome, do litoral ao sertão, de norte a sul, olhava aquele ingente comedor como a demonstração do contrário. Revistas médicas apresentavam estudos sob a constituição excepcional daquele organismo raro, com sua capacidade de absorção e eliminação fenomenais. Geraldo era a compensação para milhões. Centenas de milhares de homens fisicamente deficitários vibravam de emoção aos domingos assistindo os malabarismos de seus ídolos que os faziam esquecer a própria e a geral deficiência, rouquejando a superioridade do nosso futebol sobre o de povos saudáveis como o inglês, o americano, o francês, o argentino. Milhões de famintos, agora, esqueciam a própria fome, vendo Geraldo comer.

— Ele come por vinte, ele come por cem, ele come por nós...

E muita gente, apertando a cinta, via agora uma luz no futuro. Geraldo surgira do nada. Um dia, chegaria a "chance" deles. Fome tinha também...

O senhor bem vestido, que dera a primeira oportunidade a Sete Garfos — e disso fazia praça — agora senador (empregou por uma fortuna o senador efetivo, numa de suas indústrias) erguia a voz na Câmara alta para afirmar que Geraldo era mais uma demonstração da mentira dos derrotistas. No Brasil não se morria de fome! No Brasil, até de comer, simplesmente de comer, se podia viver e triunfar!

Enquanto isso, os Pepinos Cornichões Tommy vendiam-se à pamparra e a Jell-Ógood apressava as suas instalações à margem da Via Presidente Dutra, a meio caminho entre São Paulo e Rio.

A fama de Geraldo transpusera de há muito as fronteiras. O "Life" dedicara-lhe quatro páginas coloridas. O "Paris-Match" uivara de raiva com o furo internacional e vingara-se do Brasil: dedicara um número às favelas do Rio, com estatísticas e fotografias clamorosas.

Foi quando alguém se lembrou de que era chegada a hora de alcançarmos um título internacional. E agitou-se pela primeira vez a idéia de um Concurso Mundial de Comilões no Maracanã-

zinho. Interessaram-se todas as companhias de indústrias alimentícias, que entraram com fortes somas e construíram estandes para exibição e venda de seus produtos, quase todos beneficiados com "testimonials" de Geraldo Rebouças, para aquela demonstração aos olhos do mundo.

Um jornalista aventou que se proibissem, para o futuro, todas as provas de faquirismo ou de jejuadores, nacionais ou estrangeiros. Devíamos esquecer os títulos já conseguidos nessas provas deprimentes. "Incentivemos os que comem!" dissera em entrevista o senador bem vestido.

E o país inteiro começou a esperar impaciente o grande certame. Missões foram enviadas à Europa a fim de contratar os campeões de vários países. Ao vencedor, um milhão de cruzeiros. Um jornalista famoso voara aos Estados Unidos para convencer o campeão americano, disposto a concorrer, mas temeroso da comida dos nossos restaurantes. "E' preciso estar imunizado", dizia o grande especialista. Mas a comissão organizadora concordou. Ele podia trazer três técnicos em nutrição para fiscalizar a escolha e a preparação do material. Do contrário, Mr. Pimps não se arriscaria e a ausência da grande República irmã tiraria o brilho do conclave, que, numa bela tarde de junho, teve início. Representantes de doze países europeus (fora recusado apenas o campeão russo, para não dar oportunidade à propaganda comunista e não dividir a torcida nacional), oito representantes latino-americanos, Mr. Pimps e Geraldo Rebouças...

*

* *

Foi um delírio. Orgia foi. Quarenta mil pessoas se comprimiam no estádio.

— Por que não se usou o Maracanã de verdade? perguntavam muitos, comendo Goiabada Pescadinha e Pepinos Tommy e toda espécie de tentações do paladar.

O morro descera, apesar da ingratidão de Sete Garfos, que nunca mais lá voltara desde a exibição no Recreio das Virgens, e uma torcida organizada, com camisa de malandro, calça branca e sandálias Joli — cedidas gentilmente — gritava com entusiasmo:

— E' o maior! E' o maior! E' o maior!

Teve início o torneio. Locutores, televisores, repórteres cinematográficos, jornalistas. Gente deixava de comer, para apostar os últimos níqueis. A colônia portuguesa apostava em Rodrigues, o Bruto. Italianos apostavam em Mangia-Tutto, o príncipe da Calábria. Os franceses, em Pantagrueu, o comilão mais elegante do mundo. O americano tinha seus fãs.

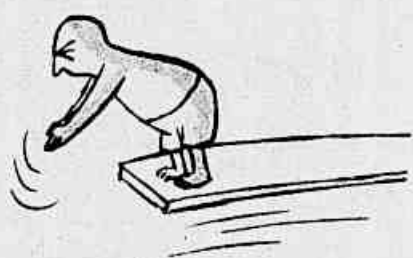
O regulamento era rigoroso. A fiscalização, estreita. Lá estavam o "Life", o "Time", o "Paris-Match", "Oggi", as principais revistas do mundo. Locutores de cem estações irradiavam os detalhes. A pressão dos jornais não conseguira feriado local, apesar do apoio do Senador bem vestido, mas o comércio estava praticamente paralisado e em centenas de milhares de casas, diante de aparelhos de rádio ou televisão, milhões acompanhavam cada minúcia do grande torneio.

A primeira parte da prova — três quilos de badejo — foi facilmente ultrapassada pelos concorrentes. ("Tomara que o badejo do americano esteja estragado", murmurara um torcedor deselegante).

A segunda prova foram oito quilos de macarrão e eliminou três sul-americanos e quatro europeus. Mangia-Tutto sorria e chegou a afirmar ao microfone, para maior orgulho do Brasil, que nem em Nápoles comera macarrão tão saboroso.

Veio o "round" dos frangos. Dez. Novas eliminações. Mangia-Tutto parecia engasgado. Caiu no "round" dos cabritos.

— Reina a maior agitação entre os quarenta mil expectadores deste fabuloso torneio internacional, dizia um locutor, falando para o Brasil e para o mundo. (Era de Pernambuco). O campeão nacional continua tranqüilo e, nos intervalos, concede autógrafos a seus fãs. Restam apenas três concorrentes, Rodrigues, o Bruto (o clamor da colônia impediu por minutos que o locutor continuasse a falar), Mr. Pimps, o Devorador do Texas, e ele, o maior,



cional daquêle

o maior, Ge-ral-do... Re-bou-ças! — Ge-ral-do Re-bou-ças! — Ge-ral-do Re-bou-ças!

Celebrava-se a semi-final. Um peru de seis quilos com farofa. Geraldo sorria, com farinha no queixo. O português vacilava, sufocadô. O americano, constrangido pela comissão a aceitar aquêle prato, em homenagem ao Brasil, lutava com visíveis esforços. Conseguiu vencer. Mas o português se entalou de tal forma, que mal se mantendo em pé, teve de desistir, por entre lágrimas de desespero de seus torcedores.

Houve um intervalo de quinze minutos, para descanso dos campeões (restavam o Brasil e os Estados Unidos) e para comunicação com os hospitais (Aqui fala a PR-25, diretamente do Hospital do Pronto Socorro... Acabam de falecer o representante da Suécia e o famoso Pantagruel, o comilão mais elegante do mundo...). E a torcida a clamar:

E' o maior! E' o maior! E' o maior!

— Já ganhou! Já ganhou! Já ganhou!

Geraldo continuava impassível. O americano dava-se ao luxo de tomar doze garrafas de certo refrigerante (contrato assinado em Nova York). As apostas subiam de preço. A polícia era obrigada a intervir a cada passo, contra grupos que se esbofeteavam. A colônia achava desleal a apresentação do peru com farofa.

Veio o "round" decisivo. Constava de churrasco simples. Não havia limitação. A carne era pesada, diante de fiscais de vários países, e passada aos dois heróis.

— Pelo menos vice, nós seremos, pilheriou alguém.

Foi transportado, com fraturas no crânio e costelas partidas, para o Pronto Socorro.

Logo às primeiras garfadas, sentiu-se a superioridade do nacional. Comia mais depressa. Ganhava distância. Devorou o primeiro quilo com um minuto de vantagem sobre o americano. Continuou a avançar. O americano suava, dava mostras visíveis de entalamento.

— O erro dêle foi ter assinado aquêle contrato, comentou preocupado o Embaixador do seu país.

Geraldo pedia o seu quarto quilo de churrasco e o Leão do Texas ainda lutava por devorar o segundo. Já se agitavam os lenços, saudando o vencedor, despedindo o texano.

E' o maior! E' o maior! E' o maior!

O americano arfava. Geraldo comia. Estava já com três quilos e meio de vantagem. Transpirava em bagas, parte pelo esforço, parte pelo calor dos refletores.

— Come agora êsse "bife", gritava um torcedor entre gargalhadas.

Já a diferença era de quase cinco quilos.

— Basta! Basta! Já ganhou! Já ganhou!

Foi quando os quarenta mil expectadores sentiram o sangue gelar-se nas veias. Geraldo se ergueu, num esforço derradeiro, os olhos esgazeados, o peito oprimido, tentou levar a mão à cabeça e, de brusco, desabou sobre a mesa.

Os médicos acorreram. As câmeras se concentraram no exame, um silêncio de morte no estádio.

O americano continuava a mastigar, os olhos voltados para o concorrente. No silêncio geral, a voz embargada pelos soluços, um locutor deu a triste notícia.

Durante dois minutos não se ouviu palavra. O americano mastigava. Nisso, viu-se que êle se voltava para o quadro onde se assinalavam os pontos. Geraldo tinha uma vantagem de quase cinco quilos. Sempre mastigando, êle chamou um intérprete e pediu que lesse determinado item do regulamento. Ouviu a leitura e cruzou o talher. Seria considerado vencedor o concorrente que, chegando até o fim, pudesse retirar-se vivo pelos próprios pés. A vaia explodiu.

— Covarde!

— Sujo!

— Bife sem vergonha!

Indiferente ao luto nacional, o americano sorria. Tinha o regulamento a seu favor.

— FIM —

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

'Mil' lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO
FECHADURA TRAVA DIREÇÃO MERLI



SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO



Cuidado com a silhueta



A MODA ATUAL é muito variada. Se houver alguma falha na realização do modelo, esta pode ser desastrosa para sua elegância, sua silhueta e, quem sabe... talvez para seu renomado bom-gosto. Aplicar as regras da moda, sem todavia permitir que as extravagâncias lhe sejam prejudiciais, eis o essencial.

Tomemos, como exemplo, alguns modelos das coleções dos grandes costureiros. Um vestido da Casa Dior, de grande elegância para "soirée", apresentado em cetim de cor amarelo claro: o "saco" é drapeado do lado direito na cintura e do lado esquerdo na altura dos joelhos! Se o corpo da leitora é muito esguio, esse modelo assentará bem. É audacioso, mas de grande beleza. Se porém, o manequim é forte, convém evitar esse modelo.

Maggy Rouff, por sua vez, tem grande número de vestidos para a tarde, simples, mas de muita elegância, assim mesmo devido a seu corte apurado. São eles, no entanto, mais para senhoras e moças esguias, devido a alguns drapeados nas blusas e a pinças não pespontadas, somente batidas a ferro.

Os "tailleurs" de Jacques Heim lembram a forma das ânforas. Muito elegantes, mas, todavia, um tanto ingratos os modelos com túnicas mais estreitas do lado da orla de que do lado dos ombros. Igualmente os casaquinhos que mal chegam até a cintura, estreitinhos e que, apesar de juvenis, não são adequados para todas as mulheres.

Se ainda não tem muita prática dessa pequena e indispensável modificação de um modelo, para que fique trajada segundo a última moda com um modelo que realça seu corpo, peça conselhos a uma boa costureira. Escolha a blusa de um modelo e a saia de outro.

Conjunto de jersei cinza, casaquinho muito amplo conforme em moda, largos bolsos, muito "bouffant" nas costas. Criação Starmy.



**CHIFFONELLE
PARISIANA**

Vestido de chiffon, leve e
fresco, com gola e mangas
longas, um toque de elegância
para acompanhar os
trajes. O modelo é
Jana.



Leonard criou para o inverno este tailleur de casaquinho comprido com cintura pouco marcada. Gola quadrada.



Nova tendência para o inverno, a nova tendência para mantôs é a linha reta, ampla. Modelo em "tweed" marrom, casaquinho $\frac{3}{4}$.

Se tem o busto forte, evite os drapeados em excesso. As senhoras que têm as costas um pouco largas, devem evitar os vestidos de passeio com decotes maiores ou golas amplas.

Onde houver um laço muito grande, uma senhora de corpo esguio o usará conforme apresentado pelos costureiros; outra, menos delgada, o substituirá por um laço pequeno.

A mesma dificuldade já não se apresenta no que diz respeito aos vestidos de "soirées", em seu conjunto.

A maioria dos vestidos de baile, de

tôdas as casas de Alta Costura, podem servir para mulheres de toda idade e de todos os tamanhos de manequins.

Maggy Rouff tem um modelo muitíssimo franzido de cima até em baixo. Este modelo tanto poderá servir para jovens como para senhoras que usam "toilettes" mais austeras.

Carven, sempre com seus modelos juvenis, por sua vez, que podem servir para diversas idades e tamanhos de manequins, visto que, além dos tafetás estampados, utiliza muitos tecidos brancos para os seus vestidos de baile. O branco é



Conjunto para viagens de cardigan e saia brancos, criação de Century & Select. A saia é de orlon, o tecido em grande voga.

elegante e não limitado para nenhuma idade. Um dos modelos de Carven, para "soirée", foi realizado em musselina, com saia muito ampla, cortada em godés e ainda franzida na cintura. O corpete é todo ele drapeado, da frente para as costas — estas descobertas, com duas amplas e compridas faixas cruzadas e presas por um broche nas costas e recaindo sobre a saia atrás.

Para resumir: os vestidos de "soirées" ainda mais do que os de passeio, convidam à elegância e imploram: "Cuidado com a silhueta?"



ELEGÂNCIA NOS HIPÓDROMOS DE PARIS

Em cima, original "toilette" da condessa de Chaumont-Laforge, em Chantilly, por ocasião do Grande Prêmio Diane; em baixo, a Begum, em companhia de madame Volterra, proprietária de famosa coudelaria, no "paddock" do hipódromo.



PROBLEMA N.º 39 — PARA VETERANOS

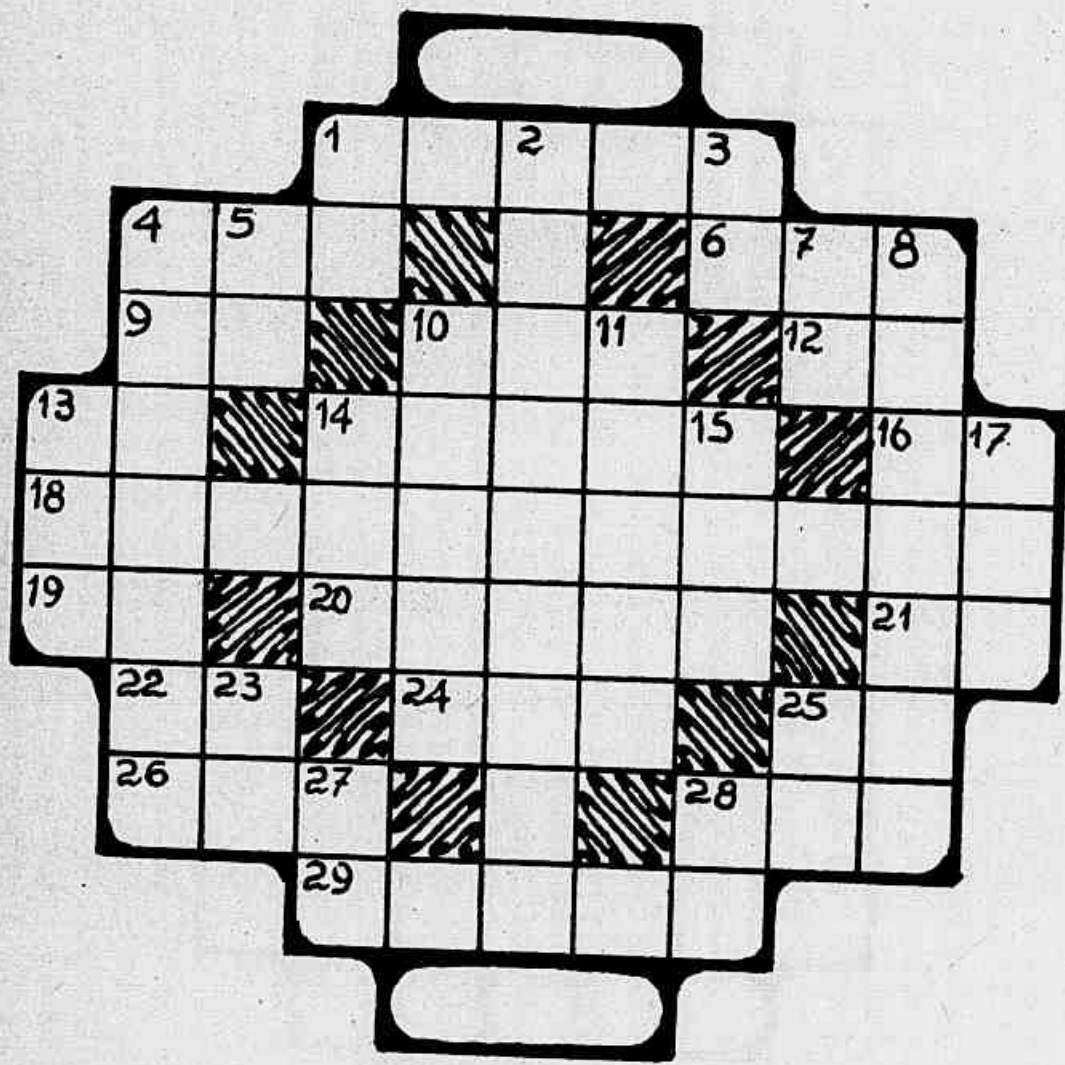
HORIZONTAIS: — 1. Bebedeira — 4. Pregos de pau, empregado na consolidação dos cortiços — 6. Círculo de ouro ou prata, que os timores trazem ao pescoço como sinal de terem cortado cabeças de inimigos — 9. Símbolo de metal precioso — 10. Antigo distrito da Turquia asiática, hoje pertencente à Síria — 12. Mi-bemol na notação alemã — 13. Árvore do Senegal — 14. Espiga de milho com poucos grãos — 16. Aba de hélice — 18. Muito recente e notável (pl.) — 19. Cidade chinesa, na província de Khan-Su — 20. Arruela de ferro sobre que se rebata uma cavilha ou um prego — 21. Aqui — 22. Dificuldade — 24. Forma rudimentar — 25. Primeira palavra do hino de S. João Batista — 28. Armação de luneta — 30. Província da Austria — 29. Impressão moral.

VERTICAIS: — 1. Multidão — 2. Mal desenvolvidos — 3. Símbolo químico do metal de peso atômico 26,97 — 4. Grande árvore da família das Leguminosas — 5. Gênero de palmeiras do Brasil — 7. Interjeição de espanto — 8. Ponto de vista — 10. Disfarçado — 11. Diz-se do cavalo de cor clara e crinas amarelas — 13. Gênero de insetos coleópteros — 14. Cidade da Bélgica, na província de Liege — 15. Sufixo que ocorre em alguns substantivos em que há idéia de quantidade numérica — 17. Braço (pop.) — 23. Sufixo designativo de agente — 25. 17.^a letra do alfabeto celta — 27. Aum — 28. Golpe no tambor dado com a mão esquerda.

PROBLEMA N.º 39 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Nome de mulher — 4. Um milhar — 7. O mesmo que mártir — 9. Pedra do altar — 10. Símbolo químico do rádio — 12. Flexão do verbo ser — 13. Dão pancadas — 14. Em partes iguais — 15. Brisa — 17. Porém, contudo — 19. Da cor do ouro — 22. A casa — 23. Moléstia.

VERTICAIS: — 1. Querer bem — 2. Concede — 3. Lavra — 4. Dá miados — 5. Seguir — 6. Normas; decretos — 8. Cuidar; curar — 11. Rebordo de chapéu — 12. Avestruz — 14. Terra arroteada e própria para cultura — 16. Verdadeiro; que existe de fato — 17. Oceano — 18. Prefixo indicativo de falta, ausência — 20. Perversa — 21. Ali.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 38

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Abt — aas — miope — lampa — urrar — aguar — Sincretismo — Oséa — toas — rui — aura — dias — transitório — Anuar — iriam — rassa — lasca — asa — Aar.

VERTICAIS: Amuso — biris — torne — Beer — flat — amuso — apamá — saros — pacaranas — agitadora — elidi — atara — urnas — rassa — irisa — aiaca — somar — sras — tila.

PARA NOVATOS

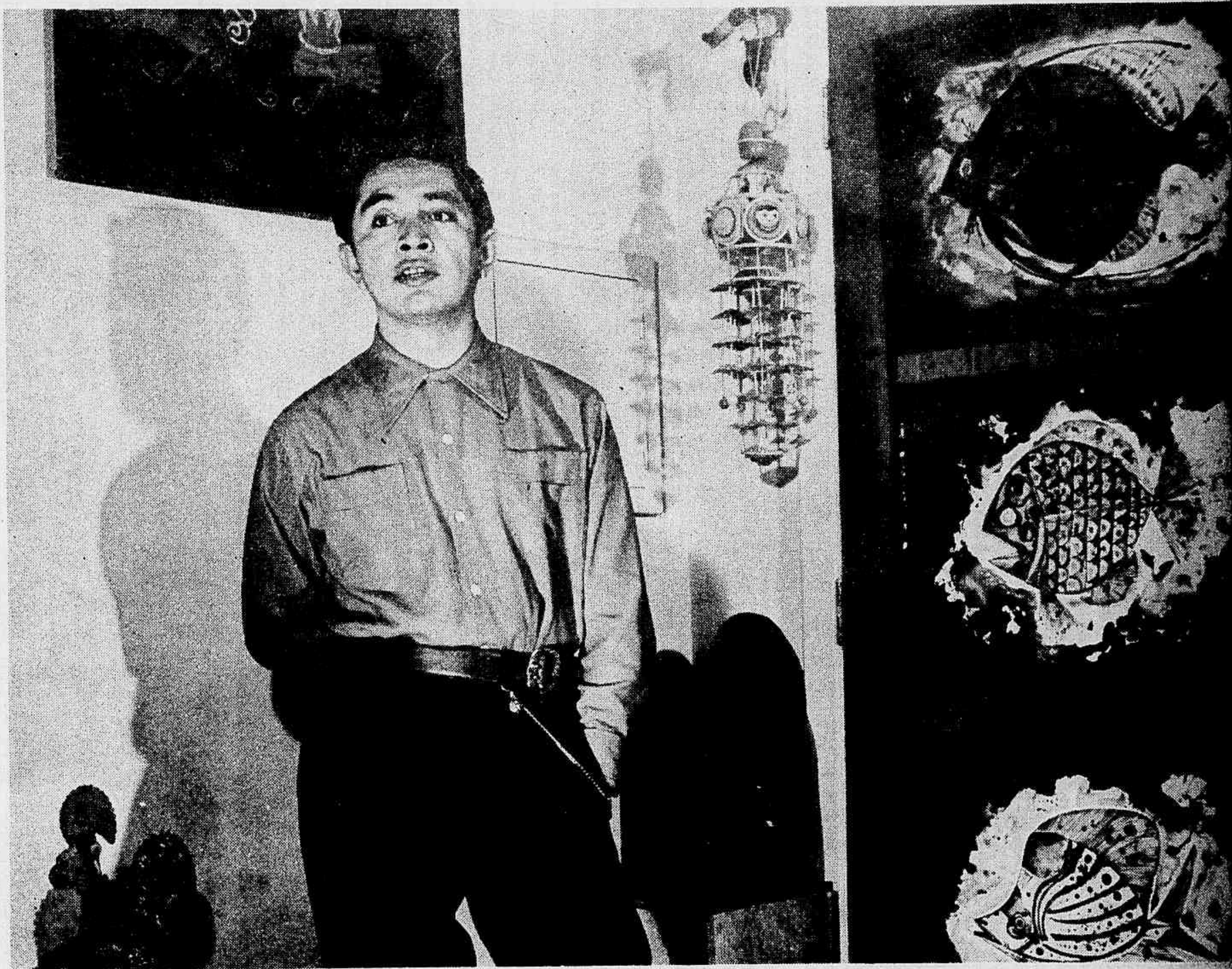
HORIZONTAIS: sarará — imo — ata — amor — uris — pai — amôres — amo — ária — cara — asa — ema — asilar.

VERTICAIS: ri — ama — rompera — mau — Ari — trama — Aimorés — oasis — só — Ra — aca — Aar — ami — al.



ARTISTAS GRAVADORES E O SALÃO DE ARTE MODERNA

ARTES PLÁSTICAS



ALDEMIR MARTINS, prêmio Internacional de Desenho na Bienal de Veneza, de 1957.

OS GRAVADORES requereram revisão da Lei que rege o Salão de Arte Moderna. O documento assinado por muitos, depois de vários "considerando", diz assim: "Nós gravadores abaixo assinados, vimos pelo presente solicitar à Comissão Nacional de Belas Artes que seja a gravura desligada da seção de desenho da qual vem constando até então, e inexplicavelmente, sob o título de "Artes Gráficas" e corrigido assim o equívoco, que seja enquadrada, com a autonomia que merece, na seção **Gravura**, mencionada no item III do art. 2 da Lei 1512. É necessário que uma revisão nesse sentido seja efetuada, porquanto essa má interpretação de termos vem prejudicando a gravadores e também aos próprios desenhistas. Os gravadores vêm assim sugerir que a dita seção de Gravura já existente, seja considerada no seu verdadeiro significado compreendendo xilogravura, talho-doce, água forte, litografia".

Reportagem de ENEIDA

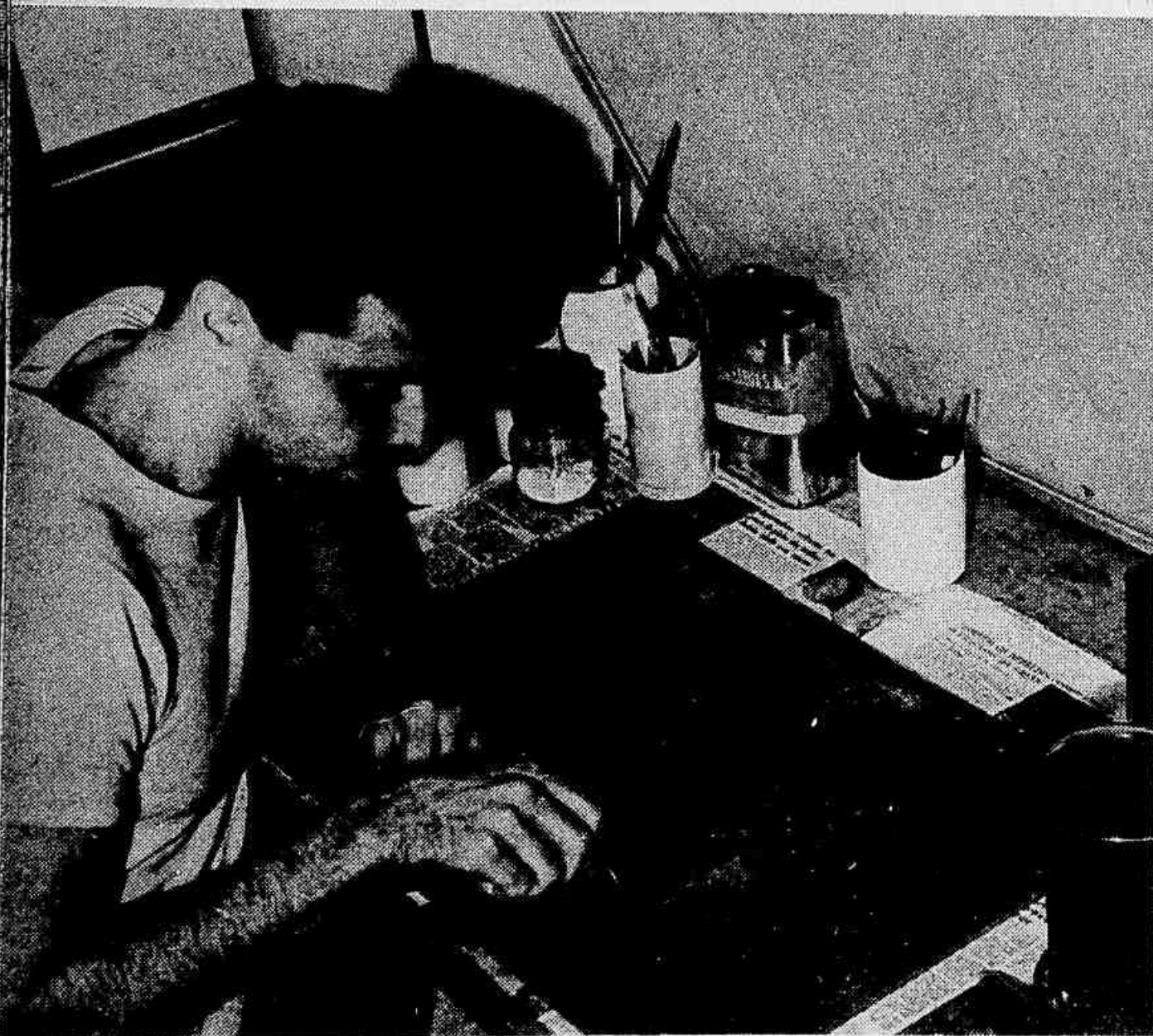
Inaceitável a inclusão dos gravadores na seção de desenho e artes gráficas.

No atelier de Rossini Perez encontro três jovens artistas gravadores debatendo o problema com entusiasmo e calor naturais à mocidade. Quero saber o que há, interesse-me pelo caso. Dessa visita, dêsse encontro e dessa conversa nasce esta reportagem. Vera Tormenta explica:

— Imagine você: a Lei que regula o Salão de Arte Moderna estabelece a existência de seis seções: pintura, desenho e artes gráficas, gravura, escultura, arquitetura e decoração. Pintura tem o seu prêmio anual, mas para as outras seções o prêmio é variável, constando da Lei uma recomendação: uma mesma seção não pode receber prêmio por mais de dois anos consecutivos. Ora, os gravadores e desenhistas são incluídos numa só seção: a de desenho e artes gráficas e, com isso são os mais prejudicados. Ano passado foi premiado um gravador; ano atrasado um desenhista. Este ano o prêmio não poderá ser, segundo a Lei, nem de gravador nem de desenhista. Mas não houve gravador nem desenhista premiado dois anos consecutivos, compreendeu? Veja bem: não estou defendendo um caso pessoal, pois não sou candidata ao prêmio de viagem à Europa, onde já estive estudando. Mas, isso para mim não tem importância. O que devemos é respeitar o verda-



OSWALDO GOELDI, visto aqui entre seus alunos, é um artista a



ROSSINI PEREZ, gravador, trabalhando em seu "atelier".

deiro significado da gravura, inclusive aquele que é dado pelos dicionários.

Ana Letícia é mais calma; ouve a explicação de Vera Tormenta e procura colocar pontos nos ii. Comenta:

— O que principalmente nos interessa é que como gravadores sejamos inscritos na seção de gravura. Desde que existe o Salão de Arte Moderna, a gravura é interpretada como gravação em moeda ou medalha. É o velho conceito ainda existente nos salões acadêmicos.

— O Salão de Arte Moderna, acrescenta Vera Tormenta, surgiu por natural desdobramento do Salão Nacional de Belas Artes. A seção de gravura, instituída pela Lei 1512 destinavam-se apenas as obras de entalhe em moedas ou medalhas. Acontece que, durante toda a existência do Salão de Arte Moderna nascido em 1952 até hoje, nenhum trabalho dêsse tipo foi apresentado nessa seção.

— A moderna concepção de gravura — afirma Rossini Perez — é a estampa sem ligações com as artes gráficas o que não impede que um gravador moderno continue ilustrando livros, fazendo cartazes, etc., realizando portanto arte gráfica.

Agora falam todos ao mesmo tempo. É impossível saber quem está dizendo isto ou aquilo; todos pensam do mesmo modo; estão todos de acordo com o memorial apresentado, mas querem ilustrar ou aumentar um a opinião do outro.

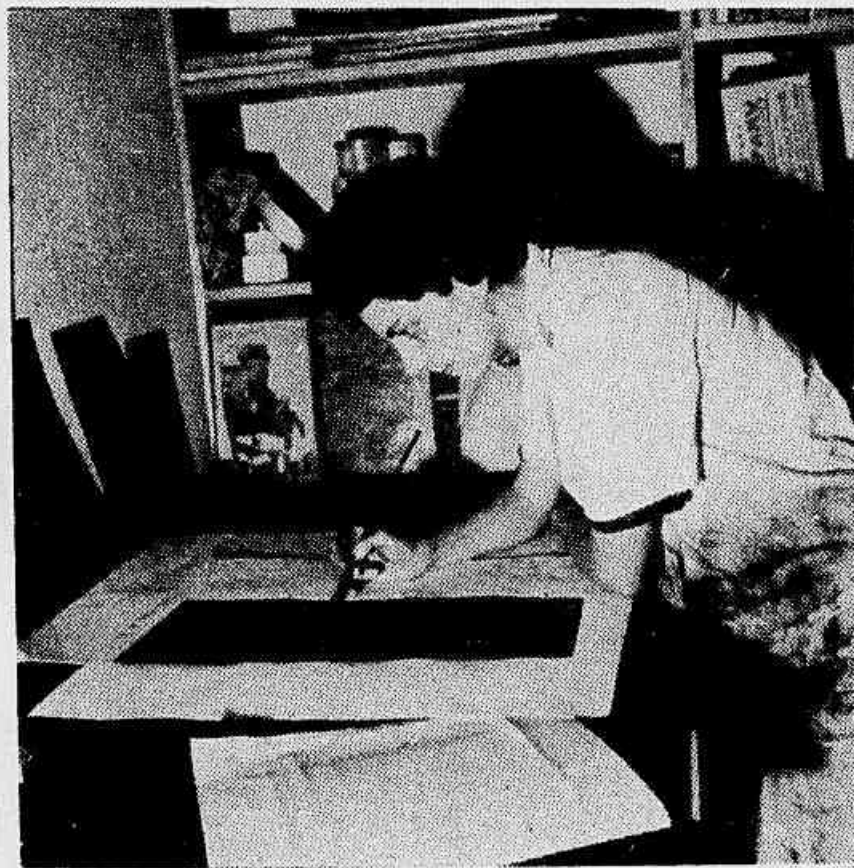
— O artista gráfico é um artesão por excelência; o artista gravador, dominando o artesanato, é sobretudo criador.

— Não se trata — veja bem — de querermos prejudicar a vida dos artistas de outras seções candidatos ao prêmio de viagem à Europa. Nada disso. O que queremos é ser incluídos no Salão com uma seção própria, a seção de gravura. No salão dêste ano



Fayga Ostrower.

Renina Katz.



Ana Leticia.

Vera Tormenta.

quem muito deve a gravura nacional

de 1958 há mais de dez gravadores "hors-concours" concorrendo ao prêmio de viagem ao estrangeiro não na seção de gravura, mas na de desenho e artes gráficas.

Tento organizar o debate, tomo notas, peço que cada um fale de uma vez. Vera Tormenta insiste:

— Mantido o critério de que o gravador é artista gráfico, esses, bem como os desenhistas não poderão concorrer este ano, porque em 1956 foi premiado um desenhista e em 1957 um gravador. Em cada uma das demais seções há candidatos únicos enquanto o número de gravadores e desenhistas é aproximadamente trinta. É contra esse critério que nós gravadores nos manifestamos, solicitando que, bem como os desenhistas, sejamos considerados no mesmo plano de igualdade que os concorrentes das demais seções.

— Aliás, informa Ana Leticia, só o Salão de Arte Moderna não estabelece a diferença. Na Bienal de S. Paulo os prêmios são dados isoladamente: prêmios para gravura e prêmios para desenho. O mesmo acontece na Bienal de Veneza. Tivemos este ano dois prêmios nessa exposição internacional: Fayga que conquistou o Prêmio Internacional de gravura e o prêmio de gravura destinado à Arte Sacra conferido a Marcelo Grassmann. Há dois anos o premiado foi Aldemir Martins com o Prêmio Internacional de Desenho. Não está claro?

Vera Tormenta conta que já houve no Rio um Salão organizado pela Casa da Moeda e chamado o I Salão Nacional de Artes Gráficas para o qual não foram convidados os gravadores modernos nem dele participaram espontaneamente.

— Havia ali estampas — comenta ela — feitas por artistas acadêmicos realizadas com os processos de gravura, acompanhadas das respectivas matrizes. Era realmente uma exposição de artes gráficas.

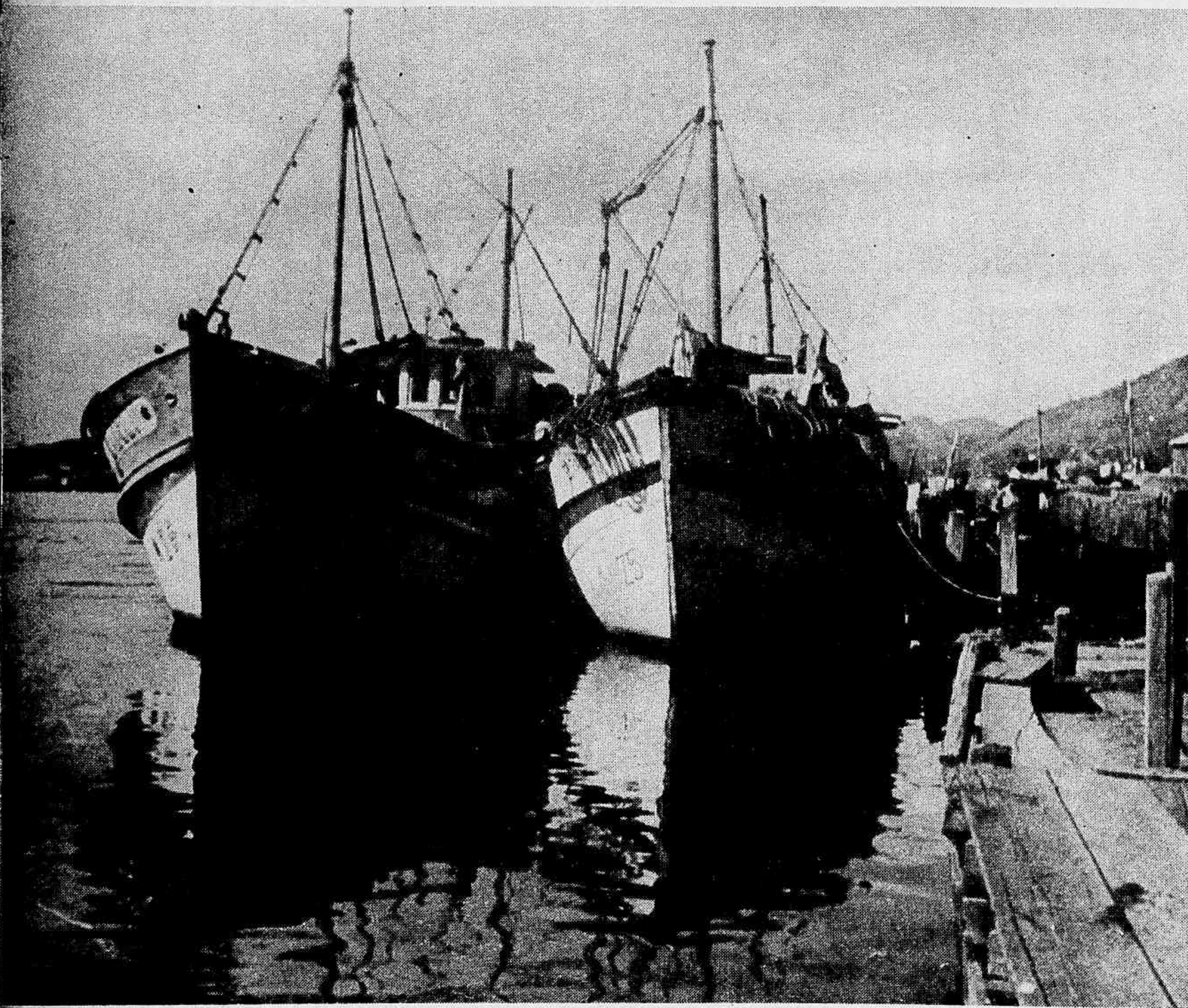
— A gravura engloba técnicas muito diferentes, diz Rossini Perez. Os processos modernos derivados da fotografia — heliogravura, offset, etc. — não correspondem mais a uma arte original, mas visam somente a reprodução. Quando um artista manda para o Salão de Arte Moderna um cartaz ou ilustrações para livro, ele não é incluído na seção de Artes Gráficas, mas sim na seção de Decoração.

— Se não formos atendidos agora, declara Vera Tormenta, esperamos que nos próximos Salões, bem como na elaboração da futura Lei que sabemos estar em andamento, a seção de gravura seja autônoma e seja feita a distinção entre artistas gráficos e artistas gravadores.

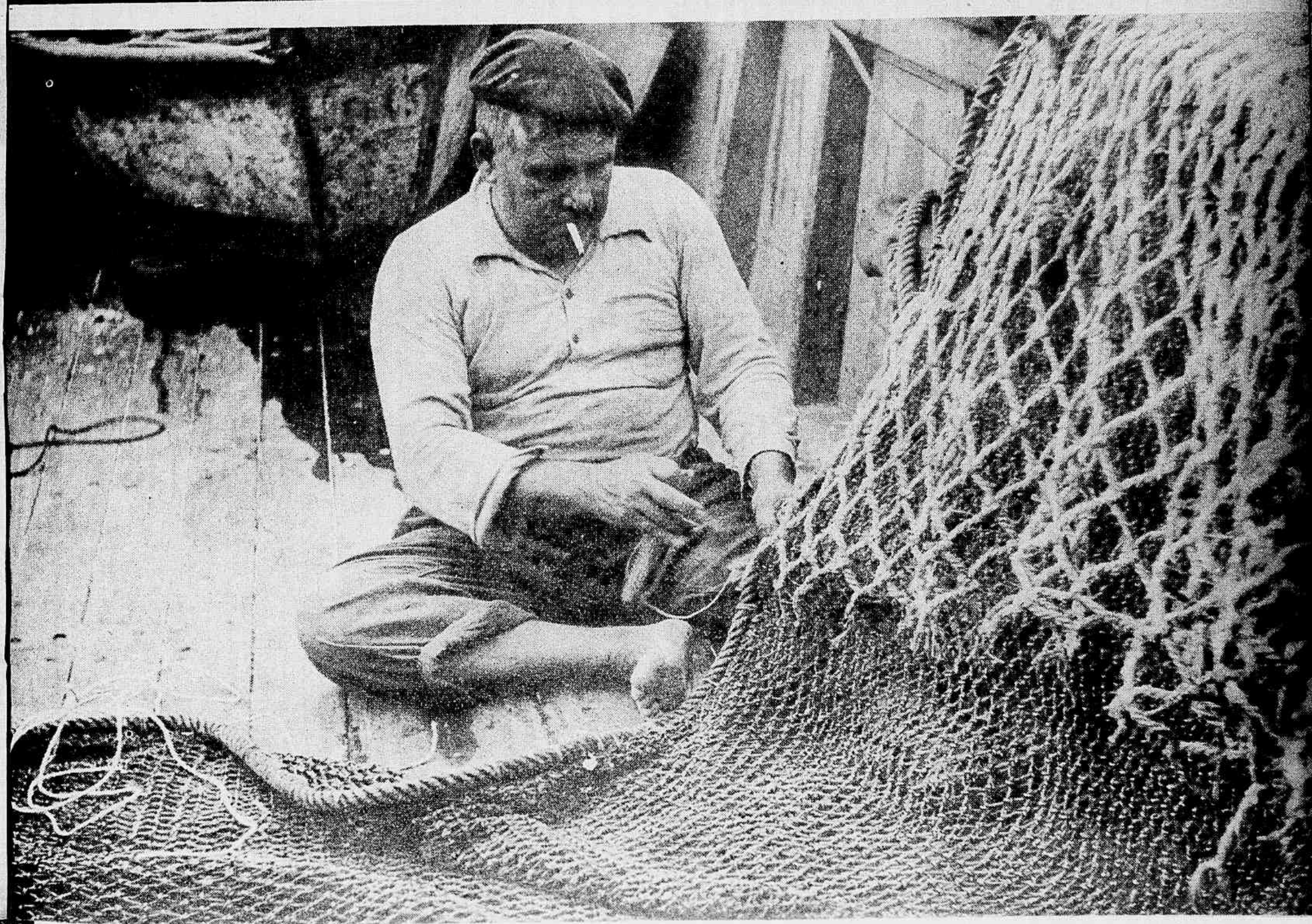
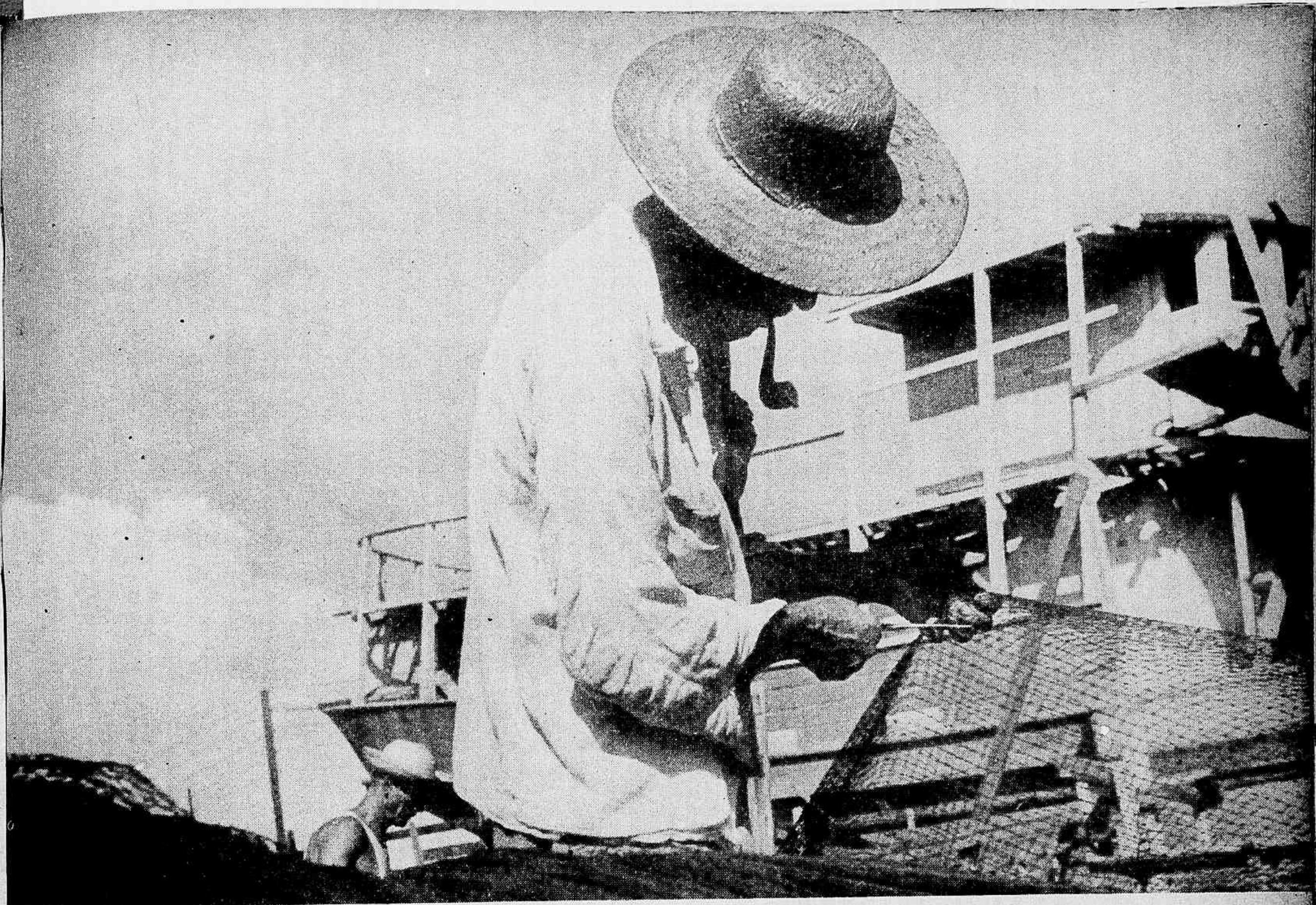
Despeço-me dos jovens deixando-os entregues aos debates em torno de uma reivindicação muito justa; estão cheios de razão. É inconcebível — principalmente no Brasil quando a grande Fayga Ostrower acaba de alcançar o prêmio internacional de gravura — que continuemos querendo negar-lhes independência, como seção, no Salão de Arte Moderna. E há mais: a arte da gravura moderna no Brasil atingiu um tão alto nível, é tão sério seu desenvolvimento e aprimoramento que os críticos de Arte não cessam de chamar atenção para esse fato. Tem pois razão o documento assinado por grandes nomes de artistas gravadores, entre os quais saliento: Oswaldo Goeldi, Lívio Abramo, Marcelo Grassman, Carlos Scliar, Poty Lazzaroto, Vera Bocayuva Midlin, Rossini Perez, Lígia Papi, Vera Tormenta, Ana Leticia, Tuni Murtinho:

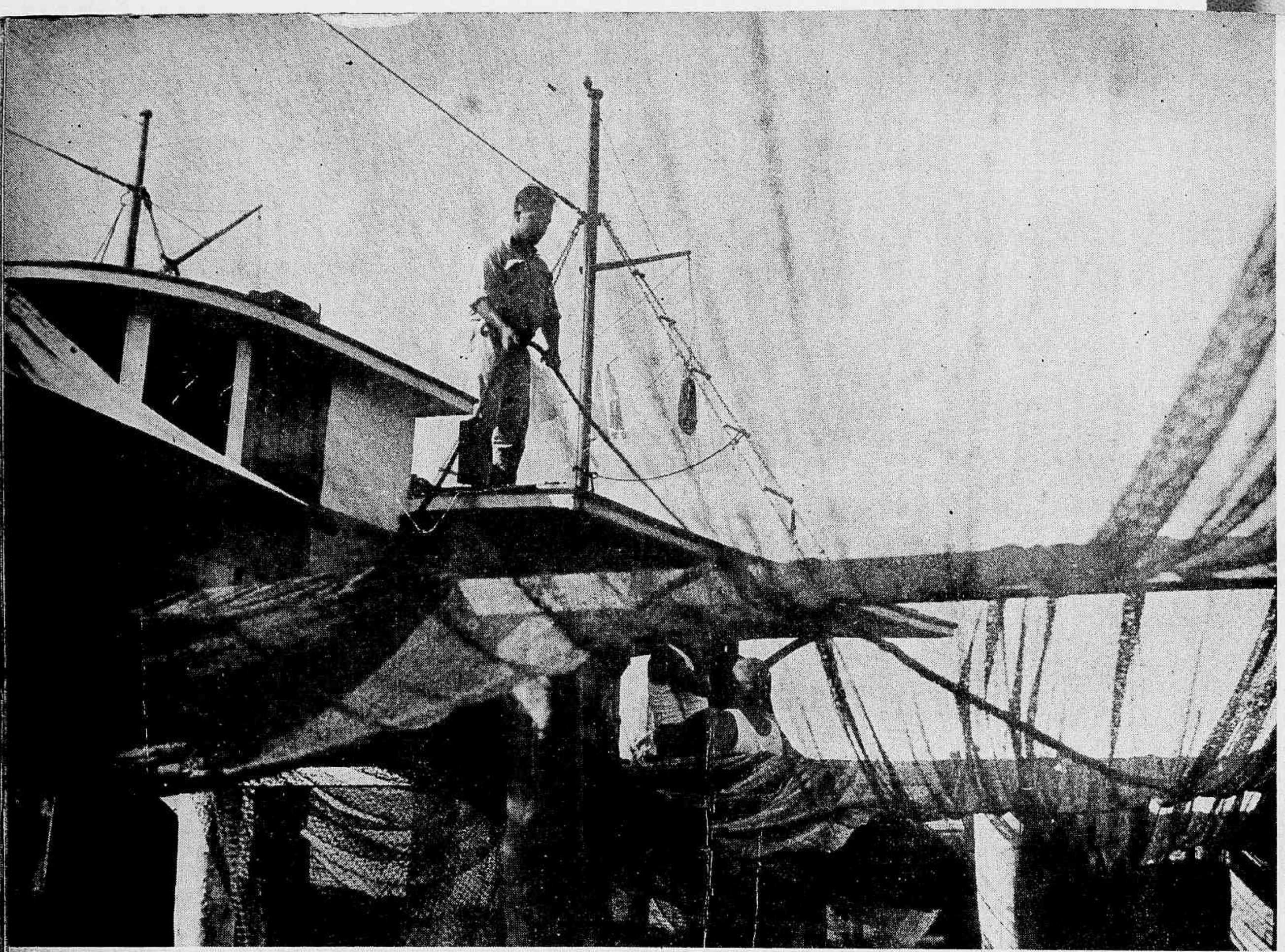
"Há muito a gravura deixou de ser considerada "arte menor", chegando mesmo a constituir um dos principais pontos de atenção para quantos se interessam pelo desenvolvimento da Arte no Brasil".

PESCADORES: UMA RÊDE CHEIA DE ESPERANÇAS



PESCADORES de todos os recantos do país estão neste momento reunidos no Rio, numa Conferência Nacional de Pesca, para debater suas necessidades e aspirações econômicas e sociais. As teses se desenvolverão em torno de problemas como a pesca (mecanizada ou não), conservação da rede distribuidora e industrialização do pescado, levando-se em conta as peculiaridades de cada zona.





Rêdes, mastros, o mar tranqüilo: um cenário poético a esconder vida rude e sacrificada de 500 famílias de pescadores.

A COLÔNIA DE PESCA da Ponta da Areia (Niterói) é uma das mais antigas e tradicionais do vasto litoral da baixada fluminense. Aí vivem cerca de 500 famílias descendentes de outras tantas da Ilha da Madeira e Províncias de Portugal. Imigraram para cá em 1918 e, organizando-se, passaram a viver da pesca, pois pescar é o seu tradicional ofício e ganha-pão. A colônia dispõe de 50 barcos pesqueiros e dêles vivem calculadamente 2 000 pessoas. O salário de cada pescador é pago por "partes", isto é, a divisão sobre o lucro total, de acordo com a função. O motorista do barco ganha duas partes a mais que os pescadores (e é, talvez, o que menos trabalha).

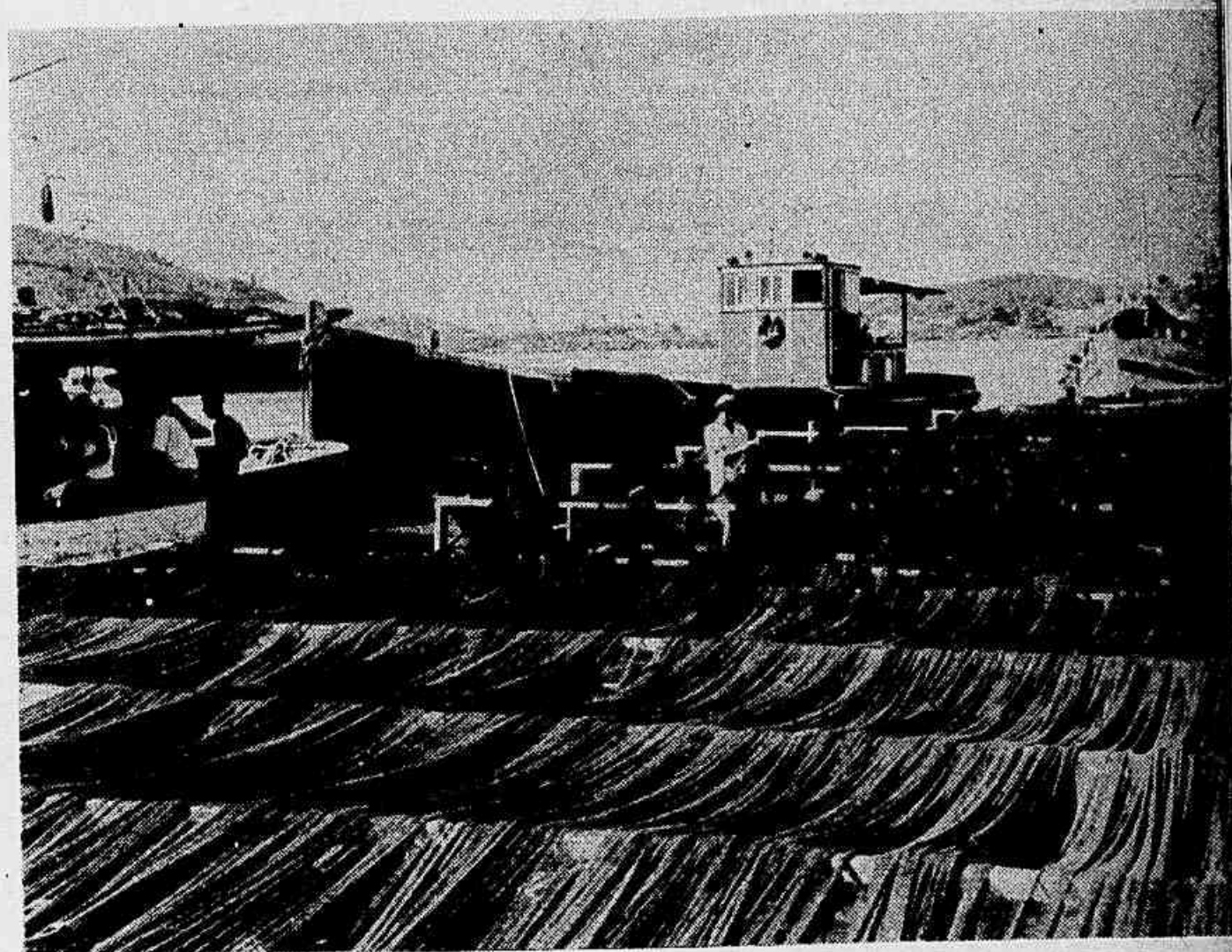
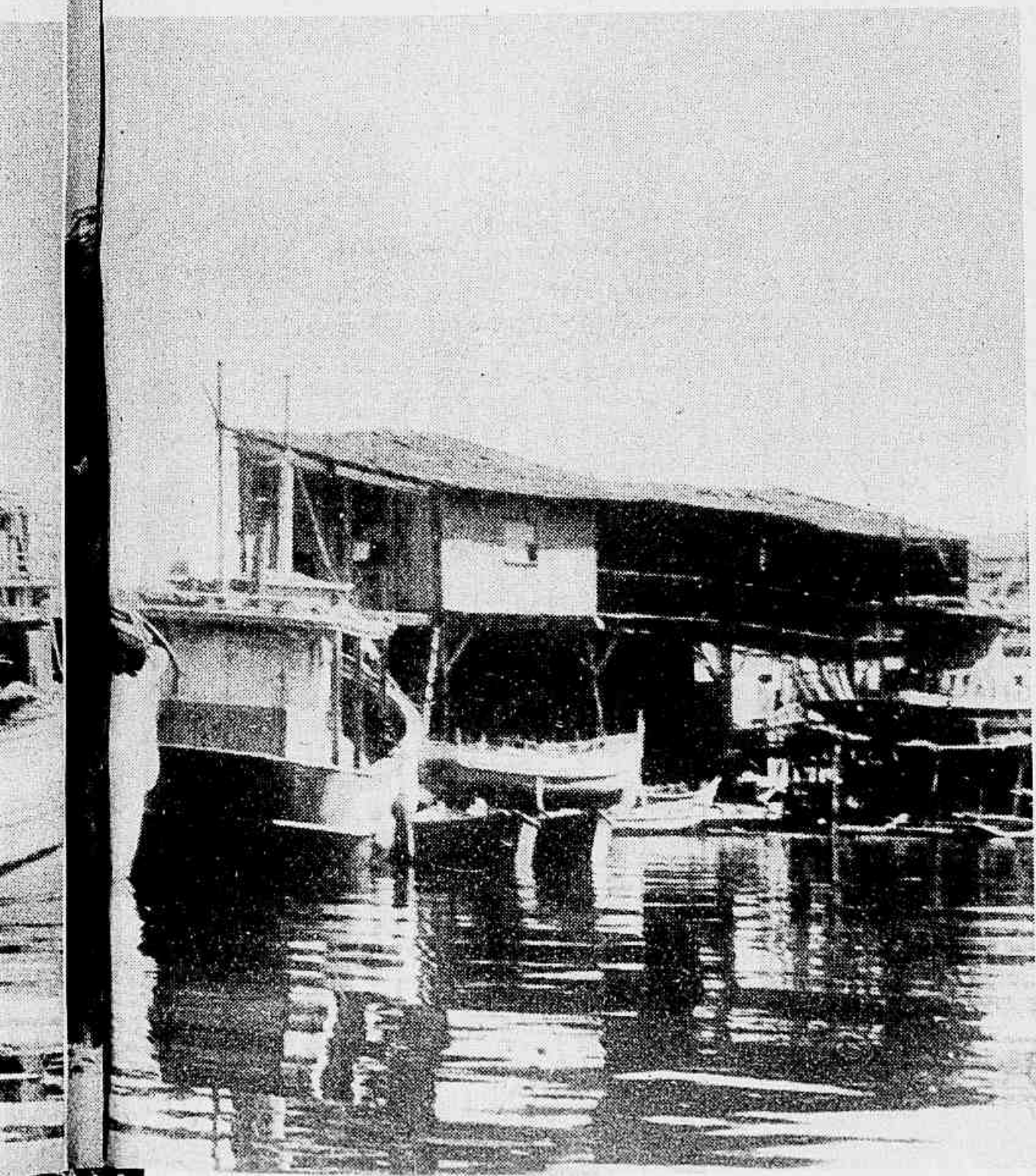
A PESCA MAIS COMUM é a do arrastão (rêdes) e a mais trabalhosa, a de linha, que é feita em alto mar, num círculo de 10 quilômetros, com a ajuda de botes. Pescam "de arrastão" xaréus, xareletos, corvinas, galos e sardinhas, e de linha, garopa, badejo, atum, namorado e polvos, etc. Levam nas pescarias, por vezes, 20 dias e mais em alto-mar, e os pescadores estão sempre sujeitos às fúrias dos elementos. Às tempestades que viram botes e matam os pescadores. Não têm diversão a bordo: é só trabalho e trabalho, durante dias e noites. Há, porém, um companheiro que lê em voz alta, enquanto pescam, romances tradicionais e histórias de aventuras. As desventuras da bela princesa Magalona ou as peripécias românticas dos Cavaleiros da Távola Redonda. No mais, é céu e mar — o céu que lhes dá uma esperança e o mar que lhes canta um canto obscuro, intranquilo.



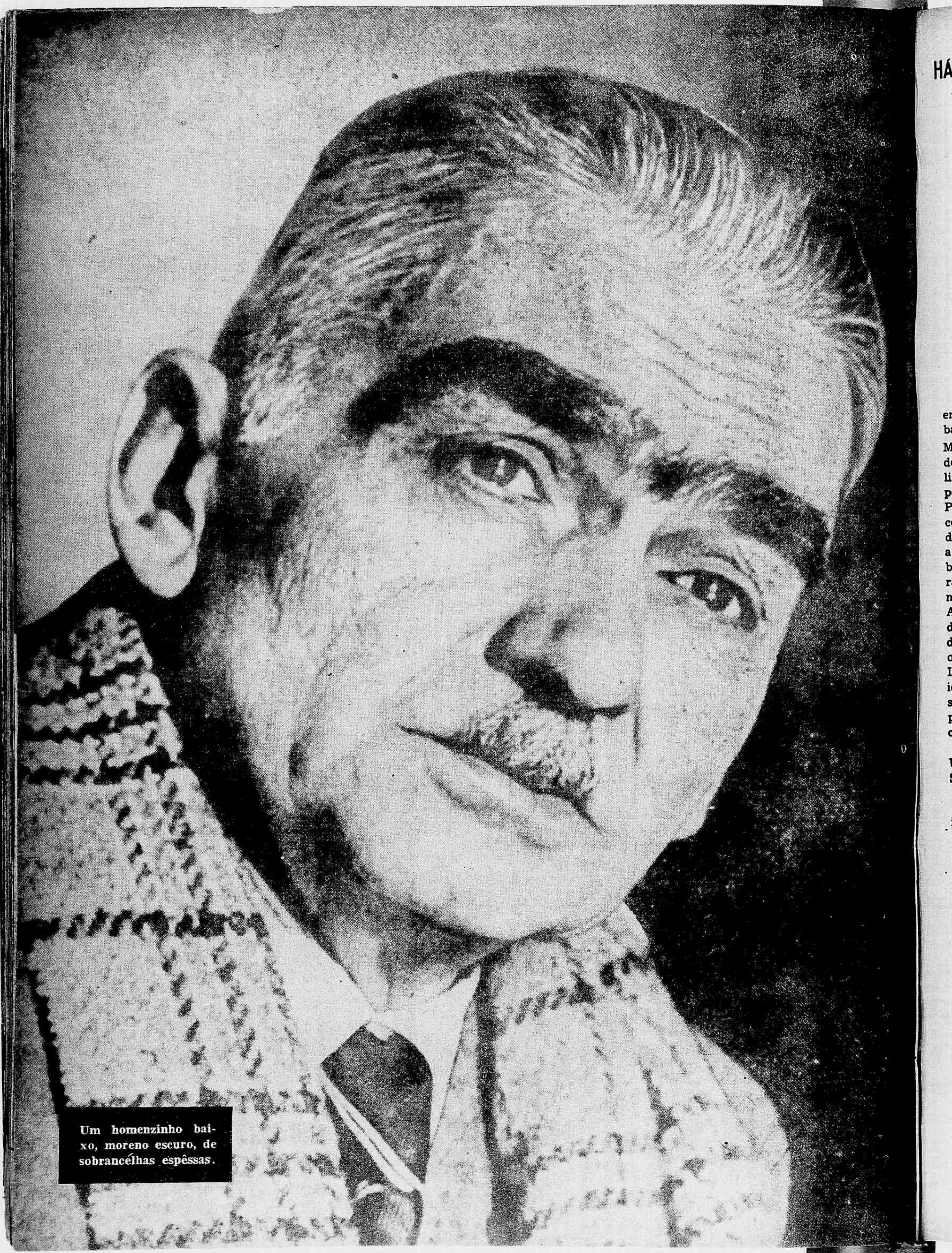
Conferência nacional de pesca reúne pescadores de todo o Brasil



Com suas rêdes estendidas ao longo do cais, a Ponta de Areia, em Niterói, tem um belo aspecto de poesia e de pitoresco.



Descendentes de pescadores portugueses fizeram, no Estado do Rio, o seu pequeno reduto — onde ainda vivem como os seus antepassados.



Um homenzinho bai-
xo, moreno escuro, de
sobrancelhas espessas.

HÁ
er
ba
M
de
li
p
P
co
d
a
b
r
n
A
d
d
o
L
i
s
F
o
v
s

O MONTEIRO LOBATO QUE EU CONHECI

BRITO BROCA

O MEU INTERESSE por Monteiro Lobato foi despertado no dia em que encontrei uma brochura do "Urupês", na mesa de trabalho de meu pai. Li-a de comêço ao fim, com o maior enlêvo. Mas o livro tinha sido tomado de empréstimo e meu pai não tardou a devolvê-lo ao dono. Inconformado, pois nessa idade todo livro que me agradava eu desejava possuir, consegui juntar níquel por níquel e mandei buscar outro volume para mim, em São Paulo. Foi então uma constante releitura daqueles contos de que conservei para o resto da vida até algumas frases de cor. E no dia feliz em que embarquei em Guaratinguetá para um passeio a São Paulo, levava êste propósito firme: procurar Monteiro Lobato, vê-lo de perto, em carne e osso, e mostrar-lhe a minha literatura, enfaticamente, porque era assim que eu sentia a expressão na época. Tinha lido, há pouco, a "Teoria da Indiferença", de Antônio Ferro, obra tôda feita de aforismos paradoxos — modelo de prosa modernista — e resolvera imitá-la. Escrevi uma série de pensamentos, cuja leitura não sei se me despertaria hoje riso ou ternura, e era isso que eu levava para mostrar a Monteiro Lobato. Há quem me chame de tímido. Parece-me que naquela idade, rapazinho da província, dispondo-me a procurar sem apresentação um escritor célebre eu dava uma prova de audácia ou pelo menos de convencimento que era tudo quanto havia de mais contrário à timidez.

UM HOMENZINHO, MORENO ESCURO, SOBRANCELHAS ESPÉSSAS

Subi as escadas do prédio da rua dos Gusmões, onde se achavam instalados os escritórios da firma Monteiro Lobato & Cia. Atendeu-me um moço, que depois vim a saber chamar-se Octales Marcondes. Perguntei pelo dr. Monteiro Lobato, achando que assim devia chamar o escritor, embora julgasse o título de dr. um ridículo apêndice burguês ao nome de um homem tão famoso.

— Lobato ainda não chegou — foi a resposta.

E o moço me convidava a sentar e a esperar. Era um gabinete de trabalho modesto: a escrivaninha, umas poltronas de couro, a mesinha ao centro com o cinzeiro. Sentei-me, apalpando no bôlso a literatura com que pretendia agredir Lobato e medindo tôda a extensão do meu atrevimento. Dentro de vinte minutos, mais ou menos, surgiu na porta que dava para outro escritório um homenzinho baixo, moreno escuro, sobrelhas espéssas. Era o escritor. Mas embora reconhecendo-o de pronto, senti na sua fisionomia qualquer coisa que a diferenciava dos retratos. E haverá, porventura, retrato rigorosamente idêntico ao original? Apresentei-me. Viera do interior passear em São Paulo e ali estava para conhecê-lo pessoalmente. Lobato sorriu. Pude então constatar aquilo que nêle, mais tarde, sempre observaria: o fundo de discrição pela qual moldava sua franqueza. Homem do vale do Paraíba não tinha a expansividade dos nordestinos. Fiquei a princípio meio encabulado, mas logo notei que aquilo não era frieza. Perguntou-me de onde era. Guaratinguetá? Lê-se muito lá? Sim; lia-se um pouquinho; pelo menos eu relera muitas vezes o "Urupês". A conversa foi-se prolongando nesse tom e eu a pensar

se já era a hora de puxar pela minha literatura. Acabei declarando-lhe que também escrevia, e num gesto resoluto, apresentei-lhe o papelucho. Lobato tomou-o, leu-o com uma paciência pelo menos aparente (talvez estivesse pensando em outra coisa, no momento) e declarou-me:

— É... São interessantes os seus pensamentos...

Começou então a manifestar o maior pessimismo com relação ao Brasil; espalhara livros por todo o país, lutando com uma resistência que em lugar de diminuir, aumentava cada vez mais. O povo gostava de safadeza. Foi aí que me deu o conselho ao qual tenho referido tantas vezes em conversas com amigos:

— Você está muito criança. Quer vencer nas letras? Escreva um livro safado.

A sugestão desconcertou-me algum tempo. E êle acrescentou: editara, há pouco, um livro nessas condições, que estava tendo boa saída: era o que o povo queria.

Nesse momento, penetrou na sala, vindo da rua, um moço gordo, de cabelos um tanto longos, penteados para trás, e apoiado a uma bengala. Já o conhecia de vista: era o escritor boêmio Sílvio Floreal.

Lobato fez um mau trocadilho:

— Sílvio, você vem todo florido...

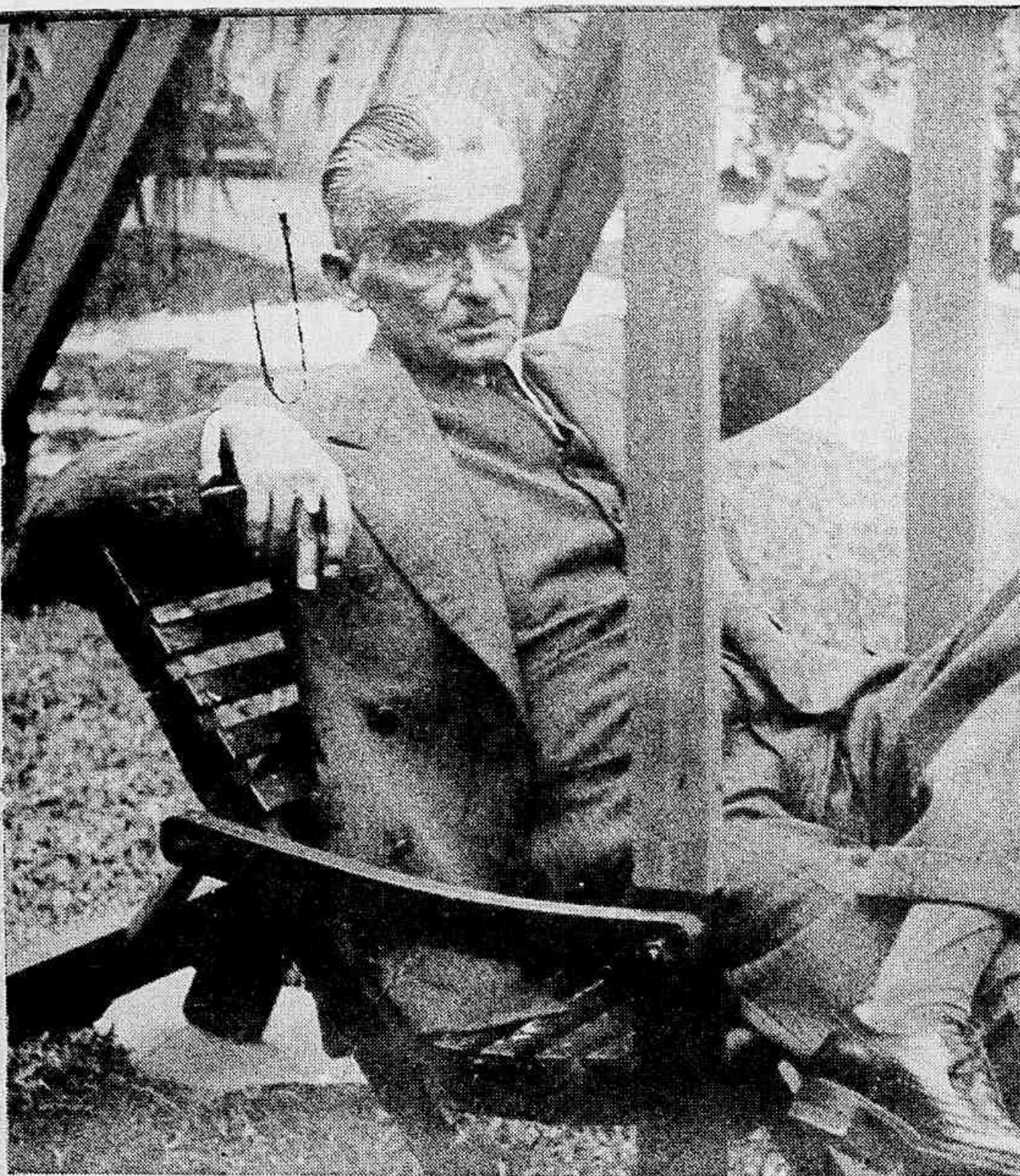
A conversa animou-se com a presença do terceiro interlocutor. Falou-se em crítica e críticos. Lobato pôs-se a elogiar Agripino Grieco, cujos artigos lhe pareciam magníficos: tinha êle a propriedade de pensar em imagens. Sílvio Floreal concordou plenamente; apenas achava que Agripino devia corrigir-se do hábito de citar em excesso. Veio à baila a Academia, Lobato começou a zurzi-la: o dinheiro do Alves fôra um achado: agora, os acadêmicos podiam, quando quisessem, fechar as portas da casa e ficar com todo o cobre; a herança afinal de contas era dêles.

Em dado momento, como Lobato se afastasse para o compartimento vizinho, Sílvio Floreal, que, segundo me parece, não me havia sido apresentado, quis saber se eu também escrevia. Mostrei-lhe, pressuroso, aquêles ingênuos aforismas. Depois de lê-los com a atenção, observou-me:

— Mas por que não faz alguém viver êsses pensamentos? Seria bem mais curioso.

Não compreendi bem o que êle queria dizer com isso. Viver os pensamentos? Pô-lo na boca de um personagem?

De retôrno à sala, Lobato perguntou-me se eu poderia conseguir um agente para a "Revista do Brasil", em Guaratinguetá. Respondi-lhe que conhecia o proprietário de uma papelaria bem capaz de aceitar essa função. Despedi-me radiante. Afinal, vira de perto o homem, tínhamos conversado quase uma hora, e podia dizer que entrara para o rol de suas relações, pois êle ainda me pedia um serviço. Regressando a Guaratinguetá tratei de conversar com Mário Moreira, que acedeu à proposta. Como, nessa ocasião, Lobato tivesse publicado o livro "O macaco que se fez homem", escrevi-lhe uma carta, informando-o sobre a agência da "Revista" e fazendo-lhe muitos elogios ao último livro. Respondeu-me com uma carta breve de que conservo esta frase: "Você é generoso



- Quer vencer nas
letras ?
escreva
um livro safado.

porque jovem e de coração bem formado". Não havia dúvida: estávamos amigos, eu era amigo do criador do "Jeca Tatu".

O SEGUNDO ENCONTRO

Da próxima vez que fui a São Paulo, daí a três ou quatro meses, já entrei pelo escritório da rua dos Gusmões com desembaraço. Lobato recebeu-me numa atitude amigável. Ali se achava Toledo Malta, que sob o pseudônimo de Hilário Tácito escrevera o romance "Madame Pommery"; um homem ainda relativamente moço, embora com os cabelos quase todos brancos. Lia um livro de versos em inglês e era surdo. Pude ver também o poeta Júlio César da Silva, que então secretariava a "Revista do Brasil", irmão da poetisa Francisca Júlia. Tinha se casado há pouco, e já um tanto maduro. Referiu-se ao fato, dizendo estar satisfeitíssimo, havia encontrado uma mulher inteligente e dedicada: exaltava o casamento como uma situação ideal. E eu, lembrando-me do seu livro de versos recentemente publicado, "A arte de amar", avancei este trocadilho idiota:

— Ah! Mas isto é porque o senhor tem a "arte de amar".

— Oh! Minha mulher não leu o meu livro não... — respondeu ele, sorrindo, e talvez, no fundo, gostando do trocadilho.

Surgiu logo depois um rapaz baixo, moreno, nariz meio adunco. Lobato chamava-o de Edgard. Vim a saber depois que se tratava de um jovem professor de matemática, já autor de alguns compêndios sobre a matéria. Disse do seu propósito de atirar-se a uma aventura comercial qualquer.

— Dr. Lobato, o que o senhor acha? Estou querendo comprar um bar. É coisa que dá dinheiro.

— Não — respondeu o autor de "Urupês" — acho melhor você escrever um bar.

Sempre que Lobato se dirigia a Toledo Malta, falava quase gritando, por causa da surdez do romancista. E em dado momento, respondendo a Júlio César da Silva, que lhe vinha expor determinada questão, fê-lo no mesmo tom. O poeta voltou num ar de troça:

— Vai gritar com o boi!...

Nessa tarde, Lobato conduziu-me até a Praça Antônio Prado, no seu "fordinho" — um "fordinho" que tinha uma história — juntamente com Júlio César e Toledo Malta. Este veio pelo percurso, traduzindo alguns versos do livro em inglês. Júlio César achava magnífica as imagens e dizia:

— Vamos plagiar isso. Vamos plagiar...

A RODINHA DO CAFÉ GUARANI

TRANSFERINDO RESIDÊNCIA para São Paulo, continuei, de vez em quando, a procurar Monteiro Lobato. Conheci então o Correia (cujo primeiro nome nunca soube), que trabalhava também na empresa, muito alto e magro, íntimo de Lobato. Pareceu-me um homem regularmente culto e de feitio boêmio. À noite, quando eu porventura entrava no Café Guarani, via o autor do "Urupês" na sua mesa preferida, junto à escada que levava ao 2.º andar. Tomava chope — duplo com tampa — em companhia de duas ou três pessoas, entre as quais se achava freqüentemente o Correia. Em 1946, em Buenos Aires, como eu lhe recordasse essa rodinha, Lobato declarou-me:

— Nunca bebi ali com escritores. Os meus companheiros eram malandros e vagabundos, gente até fichada na polícia. Naturalmente: eu convivia o dia inteiro com intelectuais; à noite estava farto deles, não iria aturá-los ainda numa mesa de chope.

Divulguei essa curiosa confidência numa entrevista, na qual, suponho, Edgard Cavalheiro se tenha baseado, quando evocou, essa roda do Café Guarani, na sua monumental biografia do escritor. Mas creio que Lobato exagerou um pouco. Sendo ele uma figura tão popular em São Paulo na época, e facilmente reconhecível naquele Café freqüentadíssimo do centro da cidade, a sua presença numa roda de punhistas e vigaristas iria identificá-los, causando logo certo escândalo. Malandro sim, poderia haver ali, mas dêses que então se costumavam encartar na categoria de boêmios. Eu, pelo menos, só me lembro de haver distinguido o Correia; de resto o protótipo dos "últimos boêmios", sobreviventes de uma raça já extinta, no São Paulo da década modernista.

"COMO O SERENO NA FLOR"

CONSERVO INESQUECÍVEIS todos os detalhes de uma visita que fiz a Lobato, quando a empresa editora se achava instalada num prédio do largo da Sé (esquina de Benjamin Constant, se não me engano). Nesse dia apareceu no escritório uma fauna bem estranha. Primeiro, um homem de trajes modestos, de quem se podia suspeitar tudo menos que se tratasse de um juiz de Direito. Foi com esse título, entretanto, que ele se identificou. Era juiz numa comarca perdida no Alto Amazonas. Escrevera, há tempos, uma gramática, editada no Norte, e recebida com muitos elogios. Vinha propor a Lobato reeditá-la. Vendia os direitos autorais por qualquer preço, o suficiente para ajudar-lhe o custeio da sua viagem



Monteiro Lobato, em 1947, ladeado pela família.

de regresso para a comarca longínqua. Lobato folheou muitas vêzes o livro e percebi as manobras que ensaiava para recusar a proposta, sem magoar o homem. Pois fazia pena, realmente, aquele velho magistrado do sertão, vindo oferecer por qualquer preço os direitos de um livro do qual falava com enternecimento como se fôsse uma obra-prima.

A chegada de Sampaio Dória tirou Lobato do embaraço. Era o consultor da casa, no que se referia a livros didáticos.

— Dória, vou te apresentar um gramático...

E passou-lhe o livro do juiz sertanejo. Sampaio Dória percorreu-o displicentemente, ouviu certas justificativas do autor, quanto ao método adotado e limitou-se a considerar num tom meio neutro:

— É... Interessante... interessante a sua gramática...

Mas sôbre a compra, o dinheiro, sôbre isso ninguém se manifestava. E o juiz olhava para um e para outro, numa expectativa meio constrangida, como se receasse a pedir uma resposta decisiva que previa negativa.

Nisto entra na sala um homem mais ou menos do tipo de Ascenço Ferreira, embora sem a estatura gigantesca do poeta pernambucano. Lobato, que já o conhecia, recebeu-o cordialmente. O recém-chegado sentou-se numa atitude pachorrenta e puxou por um cigarro de palha. Logo depois tirou do bolso um maço de papéis dizendo:

— Tenho aqui mais versos, doutor.

Muito sério, Lobato explicou aos presentes:

— Aqui o seu Florêncio (Florêncio de Tal, não me recordo o sobrenome) é poeta, um poeta inspirado.

E pediu-me:

— Leia alguns versos dêle.

O homem estendeu-me várias fôlhas de papel. A letra, embora má, era legível. Comecei a ler. Aquilo me pareceu um chorrilho de asneiras e disparates, mas a seriedade de Lobato me perturbou, pois eu não sabia até onde ele estava se comprazendo numa espécie de farsa. As composições, tôdas em quadrinhas, terminavam invariavelmente com êste verso: "Como o sereno na flor". Não havia lógica, nem sentido e nem gramática. Tudo que se podia imaginar de estapafúrdio e desconexo.

Então, o seu Florêncio esclareceu para nós, que ainda não conhecíamos a sua história: Era fazendeiro no oeste de São Paulo. Certo dia, depois de um rodeio, chegara à casa-grande fatigado, tira o chapéu e deitara-se numa rêde. Foi aí que pela primeira vez, de repente, sentiu o desejo irresistível de fazer versos. (A maneira pela qual êle figurava a situação sugeria a idéia de um

estalo semelhante àquele de Vieira). Sentiu-se poeta de um momento para outro, um verdadeiro fenômeno. Levantou-se, tomou de um lápis, e de um caderno de contas e começou a enchê-lo de versos, versos às mancheias, com uma particularidade singular: só fazia quadrinhas e tôdas terminadas, sempre, da mesma maneira: "Como o sereno na flor". Sua inspiração só se manifestava em função desse verso. Desde aí não teve mais sossêgo: a poesia tornou-se para êle um destino implacável, uma obsessão. Chegava a fazer cinquenta, até cem quadrinhas por dia. Certa vez, numa venda de estrada, apostou com um compadre que escreveria duzentas com o invariável final: "Como o sereno na flor". O compadre duvidou e êle ganhou a aposta. Fiquei perplexo. Sampaio Dória olhava meio interdito para Lobato, que se conservava imperturbável, enquanto o juiz gramático tinha um sorriso amarelo. E o homem me estendia mais versos: "Como o sereno na flor". Sempre o "sereno na flor".

Daí a uns três meses aparecia o livro do seu Florêncio. "O sereno na flor", editado por Monteiro Lobato. Foi um sucesso: esgotou-se rapidamente. O quanto eu daria hoje para possuir ainda o meu exemplar! Estávamos em pleno modernismo. E muita gente considerou o seu Florêncio, modelo de poeta "futurista". Lobato entusiasmara-se com o homem. Era genial, não havia dúvida. Decorou-lhe muitas quadrinhas e citava como exemplo de inspiração verdadeiramente apocalíptica, a seguinte:

"Os porcos ruge
Os bezerro berrô

Tudo na ordem
Como o sereno na flô".

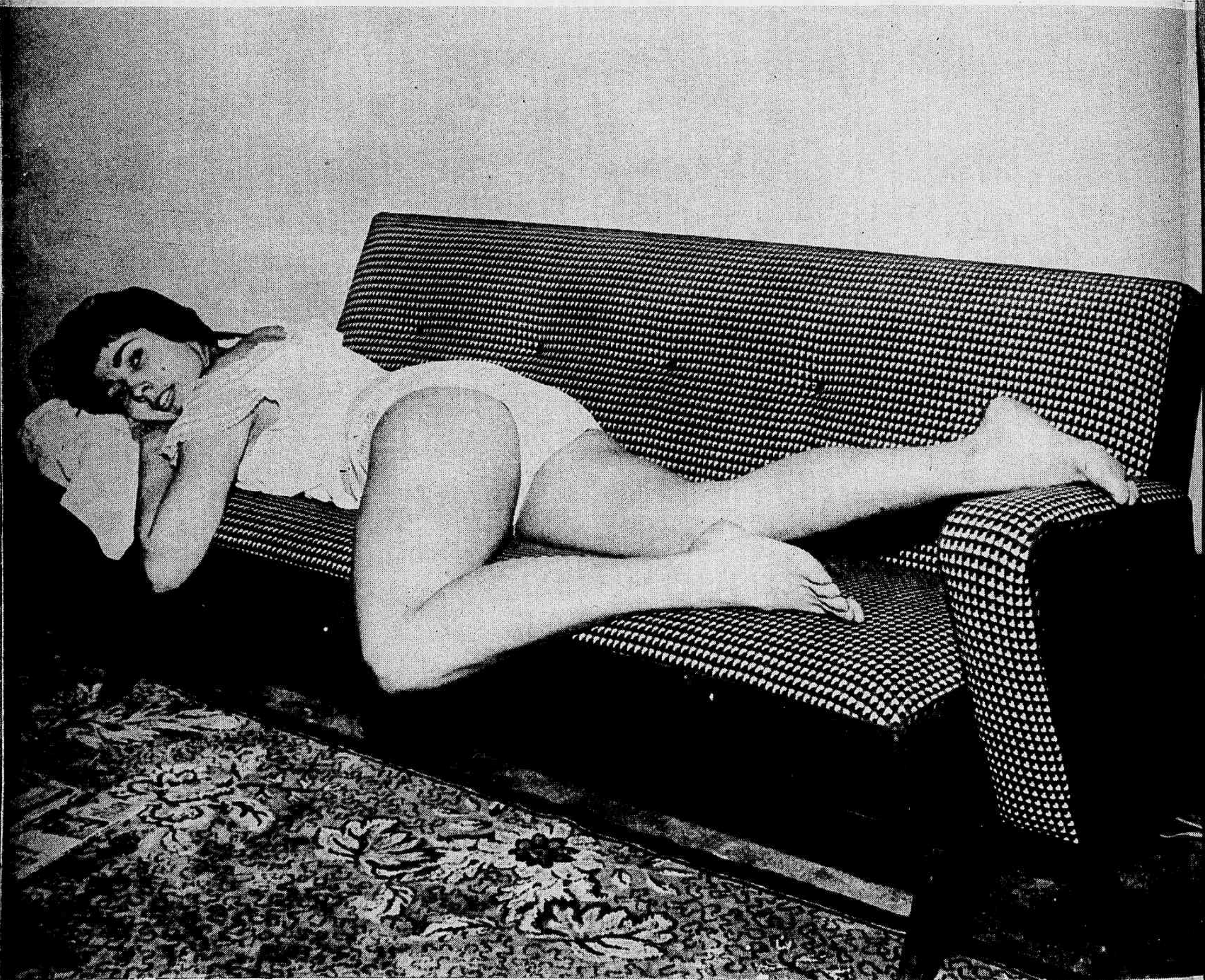
— Isto é um gênio! — gritava Lobato. — Onde encontrar uma combinação tão admirável de disparates?

* * *

Mas vou terminar aqui o meu depoimento sôbre o autor de "Urupês". Se fôsse contar tudo iria tomar um espaço excessivo pois embora não tivesse privado da sua intimidade e os nossos encontros fôssem muito espaçados, era êle um espírito tão interessante, tão cheio de humor e verve, que dos nossos raros contatos me ficaram sempre muitas recordações. Não terminarei, porém, sem lembrar estas palavras que certa vez ouvi dos seus lábios numa entrevista:

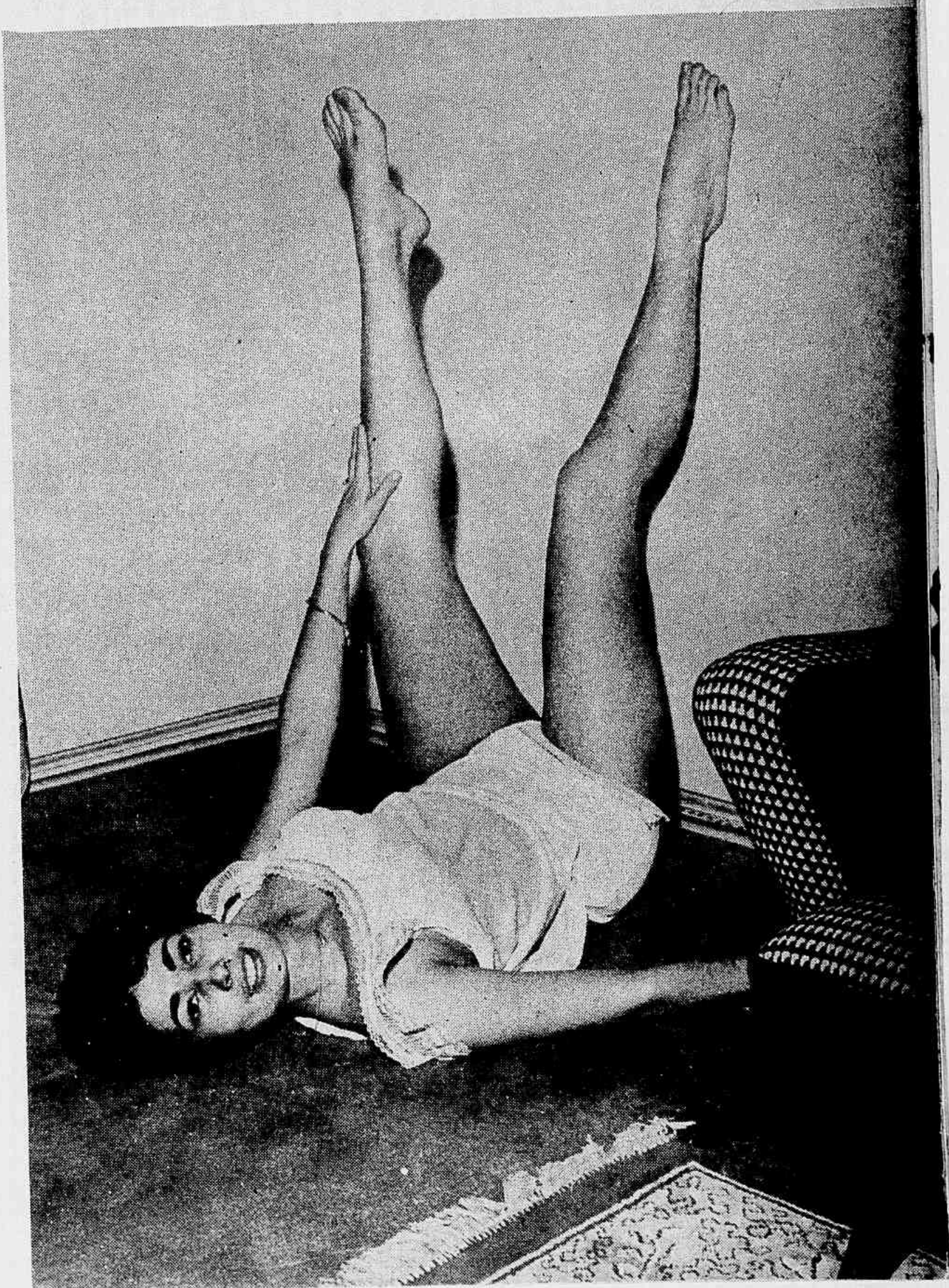
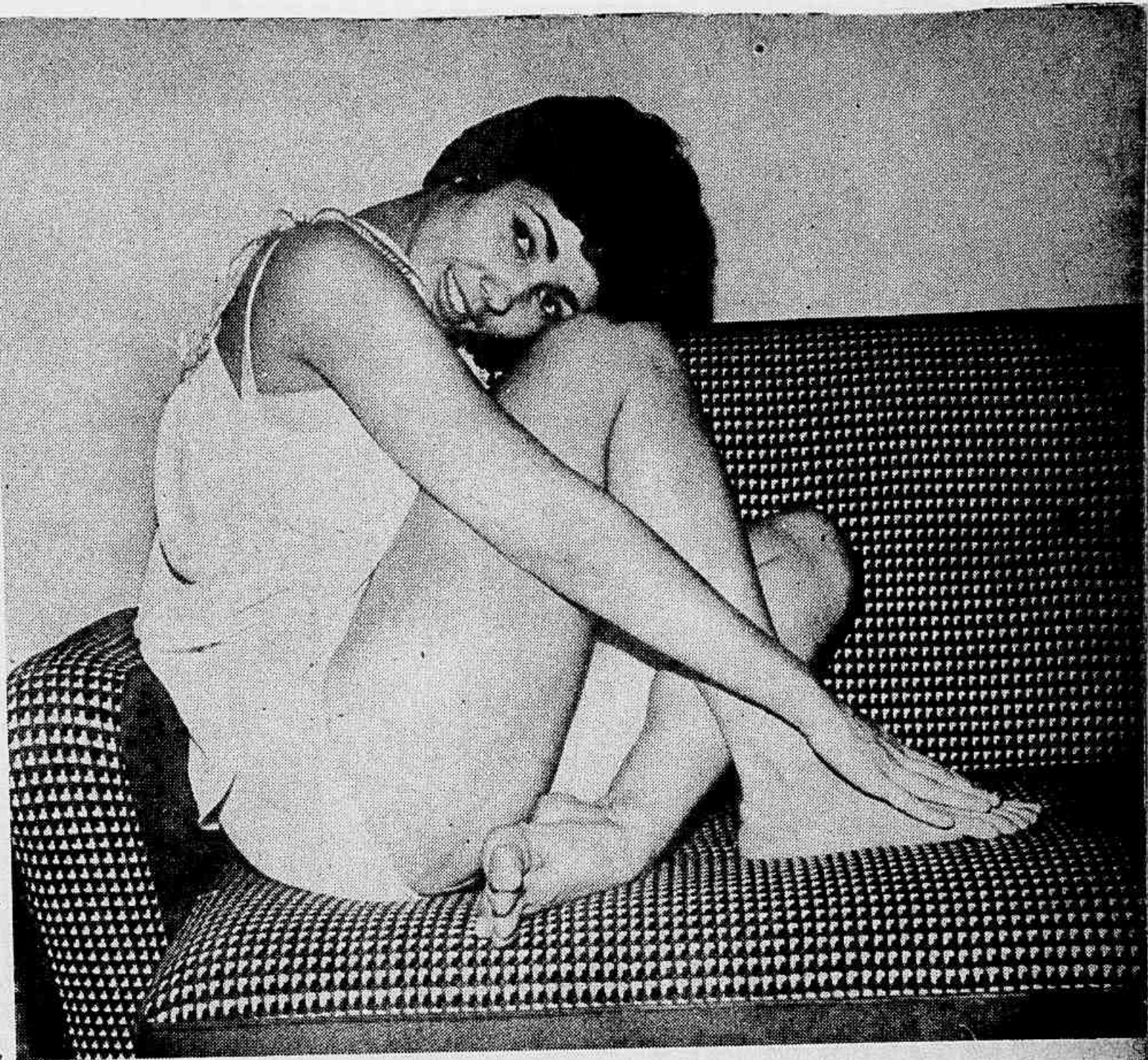
— Olha; o brasileiro gosta muito de livro, mas note bem, de livro em branco. Todo o mal do livro para êle é vir impresso... Teria modificado mais tarde essa opinião?

Mamãe, eu ganhei um "baby-doll"



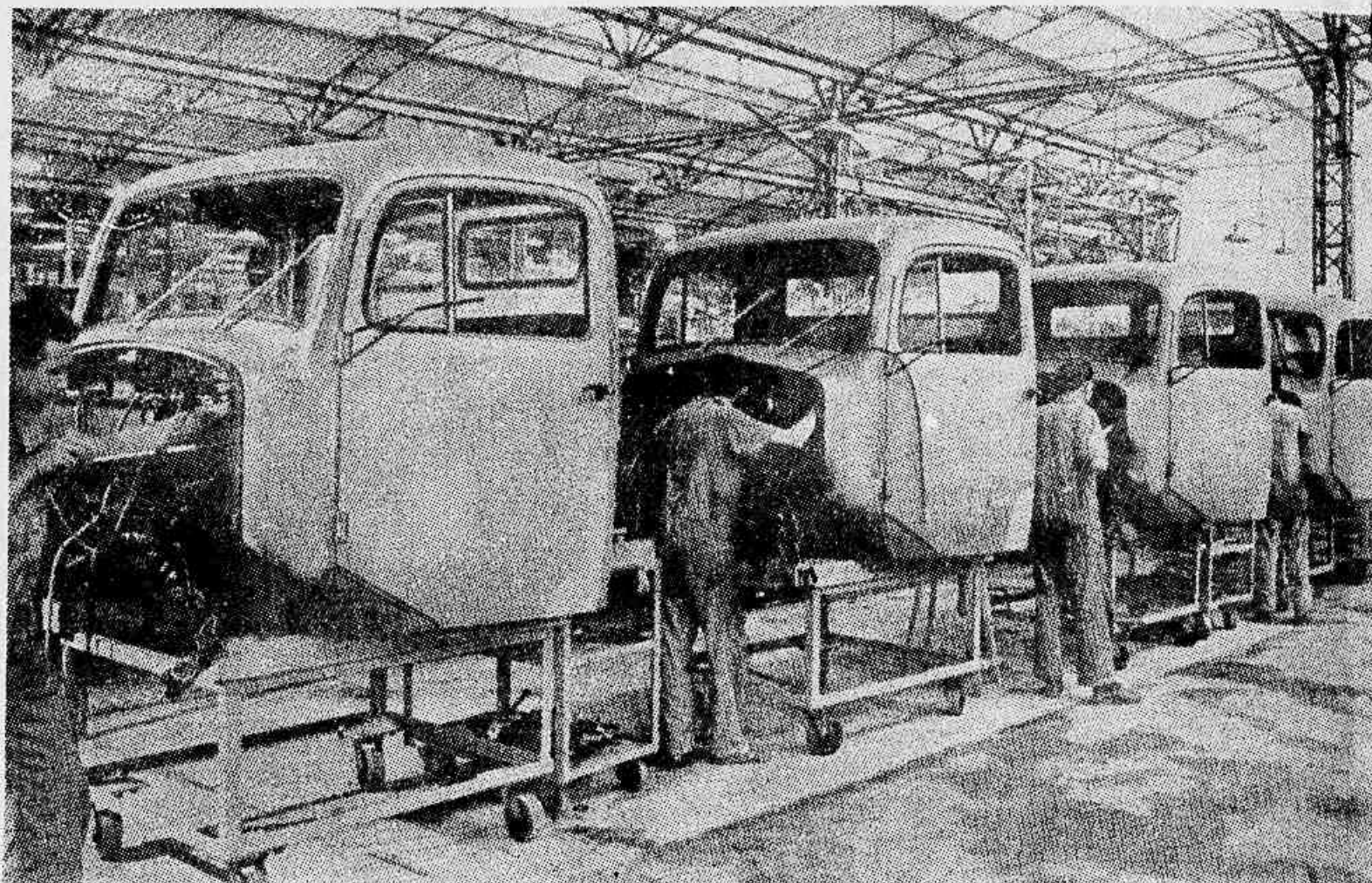
ADALGISA, que não é Colombo e nem nasceu no Rio, mas veio de Fortaleza com sobrenome Cardoso, desceu aqui em uma sexta-feira 13, viu logo um gato preto, passou por baixo de uma escada, mas não ficou com azar nenhum. Muito ao contrário até. Arranjou logo um namorado, dois, três. E fez concurso para "barnabé", porque "sempre ouvi dizer que era bom". Passou. Mas para morar, preferiu a Zona Norte, por causa de que Copacabana não tem água, e de seca, já basta a do Ceará. Logo aprendeu os hábitos daqui: fazer maquilagem, usar vestidos colântes (antes da "moda saco"), frequentar boites, passear no Joá, etc., etc.

Quando Adalgisa saiu do Nordeste, não faltou quem falasse a sua mãe: "D. Inês, essa sua filha não devia ir para o Rio. Aquêlê lugar é uma perdição! Carioca é lá flor que se cheire? Veja bem, D. Inês, veja bem!" Apesar da "onda", Adalgisa veio. Chegou e venceu. Aprendeu tudo daqui, mas sempre se comportou bem. Ora se comportou! Mas havia uma coisa que D. Inês não admitia: que para dormir, ela usasse outra roupa que não fôsse a centenária camisola. "Onde já se viu moça decente usar pijama. Isso é roupa de homem!" — dizia ela sempre. Agora, Adalgisa ganhou um "baby-doll". Vestiu. Gostou e passou a usar. E escreveu para casa. D. Inês, mais que depressa respondeu: "Menina, tenha juízo. Você não sabe que no Ceará não tem disso não!"



MERCEDES - BENZ:

capacidade e
experiência
a serviço da
indústria
automobilística
nacional



Aspecto colhido na cabine de montagem dos possantes caminhões MERCEDES BENZ, vendo-se diversos veículos recebendo os retoques finais.

AO ENSEJO do transcurso do segundo aniversário da gestão do Comte. Lúcio Meira na pasta da Viação, publicou esta revista (edição nº 12, de 22-3-58) com o merecido destaque um quadro demonstrativo dos projetos aprovados pelo governo para a produção, em nosso país, de caminhões, jipes e carros de passageiros, de 1957 a 1960.

Dentre as fábricas modernamente instaladas em S. Paulo, constantes do mapa em aprêço, uma que merece especial referência sempre que se fala ou se escreve sobre o trabalho gigantesco que está sendo realizado no sentido de tornar o Brasil proximadamente um dos países de maior produção de automóveis do mundo: a Mercedes Benz. Esta fábrica, com a autoridade decorrente da sua longa experiência e comprovada capacidade técnica, procura atingir entre nós, com a «Dieselização» de ônibus e caminhões, objetivo que trará para a economia nacional inestimáveis benefícios, seguindo assim uma tendência que hoje se observa em todo o mundo.

Tarefa de notável alcance econômico, é, sem dúvida, essa a que se vem dedicando a Mercedes Benz em prol da adoção do motor «Diesel» em veículos pesados, o que contribuirá de maneira positiva para a feliz solução dos nossos complexos problemas de transporte e abastecimento.

Trazendo para aqui a tradicional experiência de 75 anos de intensa atividade nos centros industriais mais desenvolvidos e adiantados do mundo, coloca-se a Mercedes Benz, num curto espaço de tempo, na vanguarda da indústria automobilística nacional. Os caminhões que, em

grande número, já estão trafegando pelas estradas brasileiras, demonstram que a qualidade e a segurança dos veículos Mercedes Benz, aqui produzidos, nada ficam a dever aos seus similares alemães. Aliando tais requisitos à economia decorrente da adoção do óleo combustível «Diesel» nos seus motores, que, por outro lado, lhes garante vida mais longa, chega-se à conclusão de que os veículos que a Mercedes Benz do Brasil S. A. está fabricando em São Bernardo do Campo, reúnem as três características mais importantes que podem oferecer as indústrias automobilísticas: ECONOMIA, DURABILIDADE E SEGURANÇA.

Uma das principais diretrizes da Mercedes Benz do Brasil S/A é a nacionalização dos seus produtos, e, neste particular, têm sido perfeitamente atendidas as exigências do Grupo Executivo da Indústria Automobilística (G.E.I.A.) e mesmo superados todos os índices de nacionalização previstos.

A Mercedes Benz do Brasil S/A, com sede social em São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo, é constituída com capitais mistos, nacionais e estrangeiros, subscritos pelo seu Presidente, Sr. Alfred Jurzykowski, brasileiro, e pela Daimler-Benz de Stuttgart, da Alemanha, não possuindo filiais no estrangeiro, nem é filial de firma estrangeira. Neste registro deixamos consignados nossos aplausos à obra que, no setor da indústria automobilística brasileira, vem realizando sem alardes, mas com apreciável segurança, a Mercedes Benz do Brasil, devidamente apoiada na colaboração do governo através da ação incansável do Ministro Lúcio Meira.

DAQUI E DALI



INCRIVEL! — Como é sabido, o Teatro da Praça teve uma belíssima inauguração, dotando o Rio (cidade tão pobre de salas de espetáculos) com mais um lugar para apresentações teatrais. Surgiu, entretanto, um fato que nos surpreendeu vivamente, não só pelo seu acontecimento, mas também pela forma com que alguns jornais o divulgaram. O que houve foi o seguinte: no local onde o Teatro da Praça dá seus espetáculos, funciona durante o dia uma escola da Prefeitura. Alguns (poucos, felizmente) elementos ligados à escola — dando uma prova sobeja de desamor às atividades recreativas culturais — resolveram fazer forte pressão para destruir o Teatro da Praça, provocando, inclusive, um protesto por parte dos pais dos alunos ali matriculados, sob a alegação de que os artistas estavam perturbando as atividades da escola. Tal alegação chega a revoltar! O teatro funciona isoladamente das salas destinadas aos meninos e as funções para o público — que talvez pudessem causar certo movimento perturbador — começam somente às 21,30, exatamente para não prejudicar a qualidade precípua e tão dignificante do local, isto é, a de ensinar.

Aliás, é curioso notar-se que os nossos governantes pouco fazem para solucionar ou ao menos atenuar os problemas da classe teatral. Quando o prefeito resolve, tão simpaticamente, ajudar o funcionamento de um grupo honesto, algumas pessoas se insurgem contra a benéfica ajuda. Pobre teatro!

BONS PROGNÓSTICOS — “Peguei um ita no norte” tem tido uma repercussão surpreendente junto ao público. O gênero musicado, que há anos se explora no Rio (e em todo o Brasil) estava diretamente

vinculado a uma exclusiva classe de frequentadores, que, se não aplaudia com muito entusiasmo as produções, por outro lado não deixava de comparecer aos costumeiros desfiles de obscenidades, piadas de mau-gosto e nudismo sem arte. Esse público determinado, é claro, admirou-se da falta daquelas “qualidades” em “Peguei um ita no norte”, mas aprendeu que o teatro musicado pode ser pôsto em cena com outras características. A produção de Maurílio de Castro, serviu também para chamar a atenção de um novo público há muito afastado da Praça Tiradentes.

É com otimismo que vemos essa iniciativa, inda mais quando vemos que o próximo espetáculo da companhia será “Pedro Mico”, de Antônio Callado, contando com o talento e a experiência de Silveira Sampaio para transformá-lo em “musical”. E há outros temas, originais ou adaptados de gente de valor que poderão surgir para a instauração definitiva da “comédia musicada” em nossos palcos. Será, fora de dúvida, uma salutar inovação, dando um mundo de oportunidades a escritores e compositores de talento.

NOVO SUCESSO — Em 1956, a “Ópera de Pequim” conquistou Paris na apresentação do Teatro das Nações, provocando os maiores elogios dos intelectuais. Atualmente, esse tradicional grupo colheu novo e imenso triunfo, embora sem os artistas da primeira exibição, visto que quase todos foram vitimados num desastre de avião, na Suíça. Apenas um dançarino-acróbata, Wang Ming Chaig, sobreviveu. Os outros 85 artistas da atual temporada, embora “novos”, representam igualmente o mesmo passado de 1200 anos de teatro ininterrupto. Os integrantes da “Ópera” ingressam no Conservatório aos 6 anos de idade, permanecendo por 15 anos em estudos vocais, culturais e físicos.

Após a exibição especial no Théâtre Sarah Bernhardt (palco do Festival) a “Ópera de Pequim” vai dar espetáculos ao público parisiense em sessões normais no “L’Alhambra”.

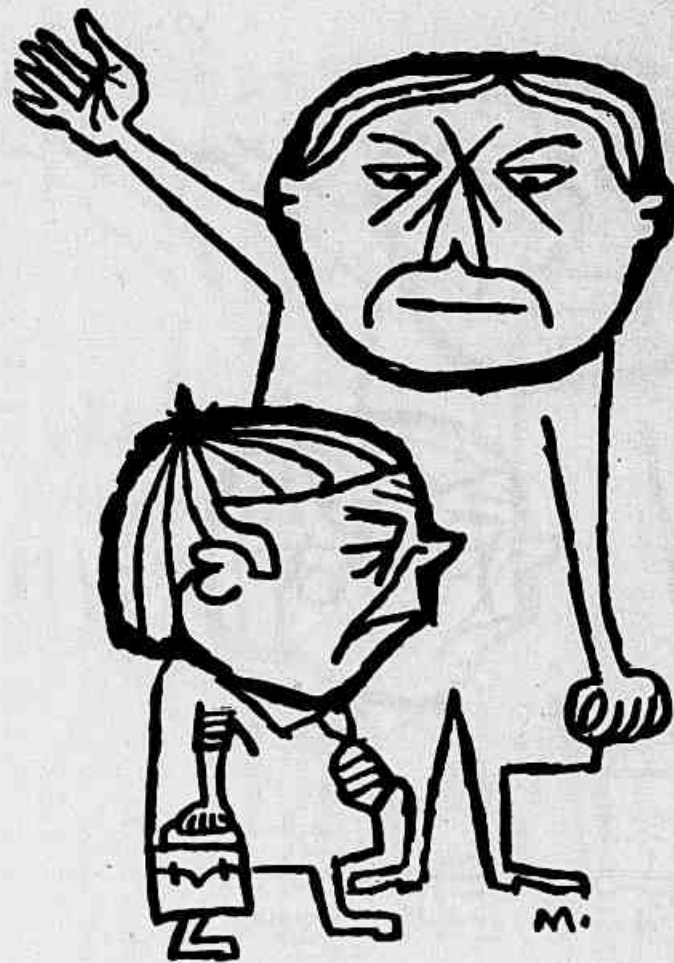
PRESLE X BERGMAN — Após uma “tourné” de vários meses na Bélgica, Suíça e províncias, a peça de Robert Anderson, “Chá e Simpatia” retornou a Paris. O principal papel feminino que foi criado por Ingrid Bergman, tem agora Micheline Presle, que atuou durante a excursão. Forçosamente os críticos fazem comparação

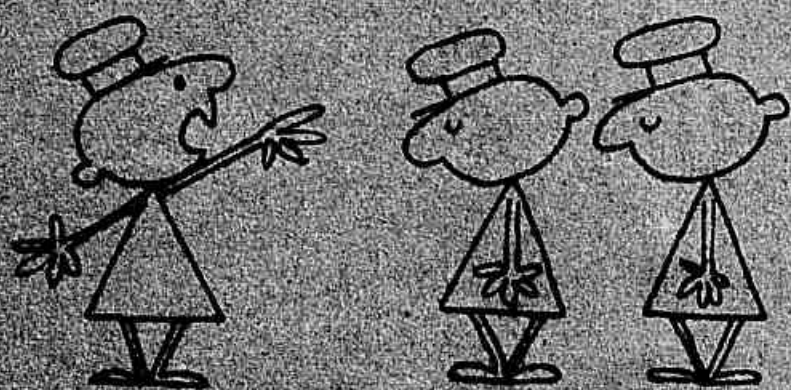
entre as duas grandes estrêlas, sem prejuízo para nenhuma, embora cada uma tenha imprimido uma linha individual à personagem de “Laura Reynolds”.

DEVAL AGRADA AOS RUSSOS — A peça de Jacques Deval, “Prière pour les vivants”, criada em 1933 em Paris e que será reprisada brevemente na capital francesa, é o atual cartaz do Teatro Nacional de Moscou. Essa violenta sátira a uma família burguesa foi estreada na capital russa em 1934 e novamente posta à cena, devido ao tema muito ao gosto dos soviéticos.

MALAPARTE TRADUZIDO EM SEU PAÍS — Durante sua longa estada em Paris, Curzio Malaparte fez várias tentativas no teatro, sempre mal sucedido. Um amigo fiel do literato italiano, Arturo Tafari, decidiu vingar Malaparte. Com muito carinho traduziu para o italiano e montou no Teatro Carregne, de Milão, a peça escrita em francês “Du coté de chez Proust”, batizada de “Con Proust”, merecendo muitos aplausos do público lombardo. Em um ato, Malaparte compôs com felicidade a atmosfera da obra proustiana. Os italianos, contudo, pretendem ver na peça, mais da vida de Curzio em salões parisienses após a segunda guerra mundial, que a de Proust no começo do século.

J. Fomm

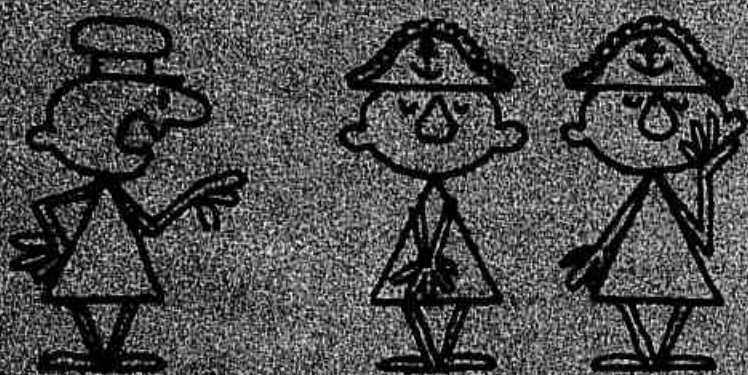




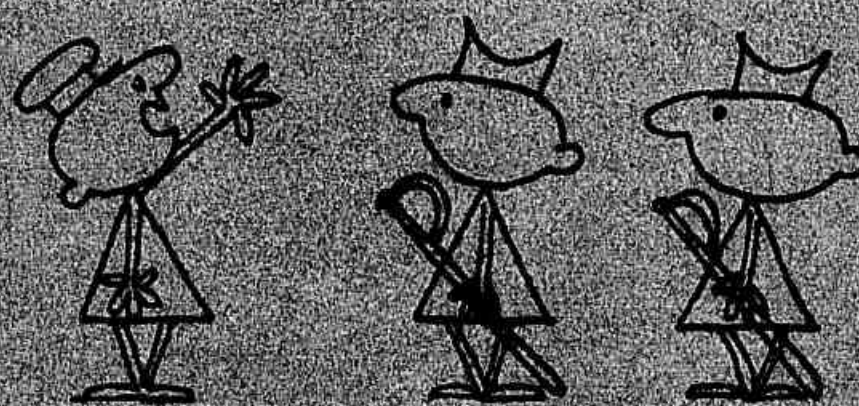
2.ª-FEIRA

UMA Semana DE DITADOR

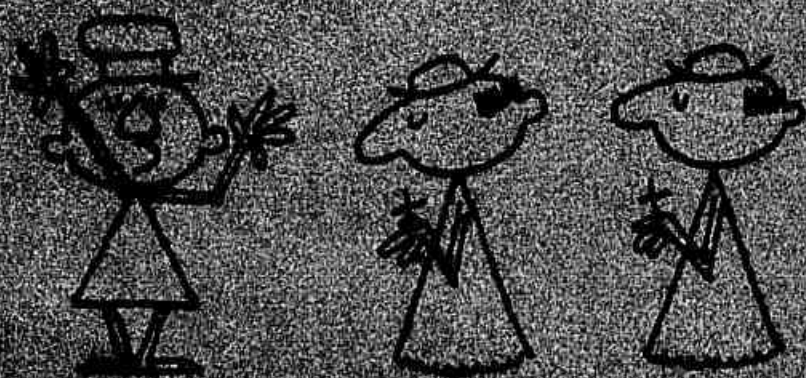
AMBROZIO



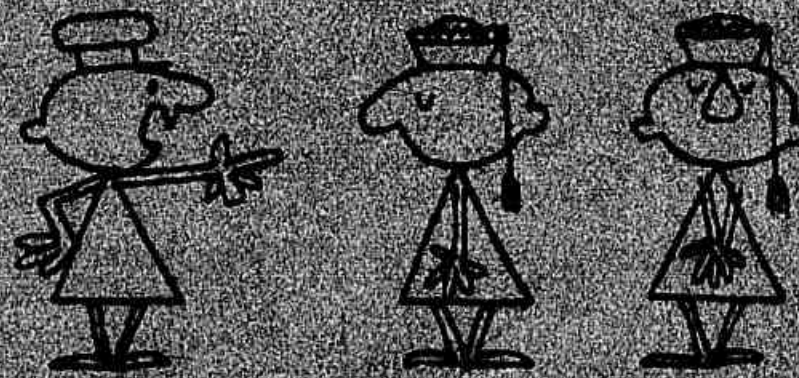
3.ª-FEIRA



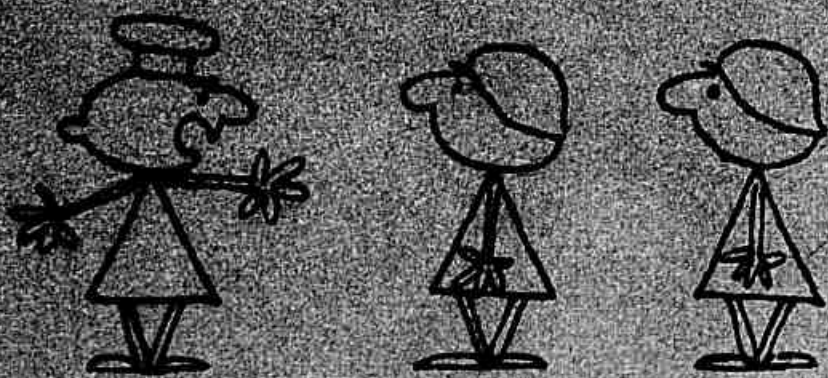
4.ª-FEIRA



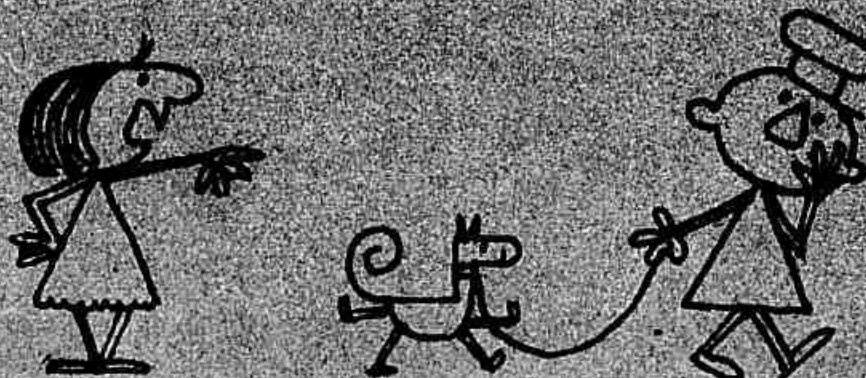
5.ª-FEIRA



6.ª-FEIRA



SABADO



DOMINGO

DRA

O
orga
tran
cias
e es
tier,
A r
educ
carg
dinh
desc
mát
em

Já
gura
era
duç
pelc
pani
tác
pag
par
do

BR
que
na
Pic
E j
cas

FIGURAS E FATOS

DRAMA QUASE SHAKESPEARIANO

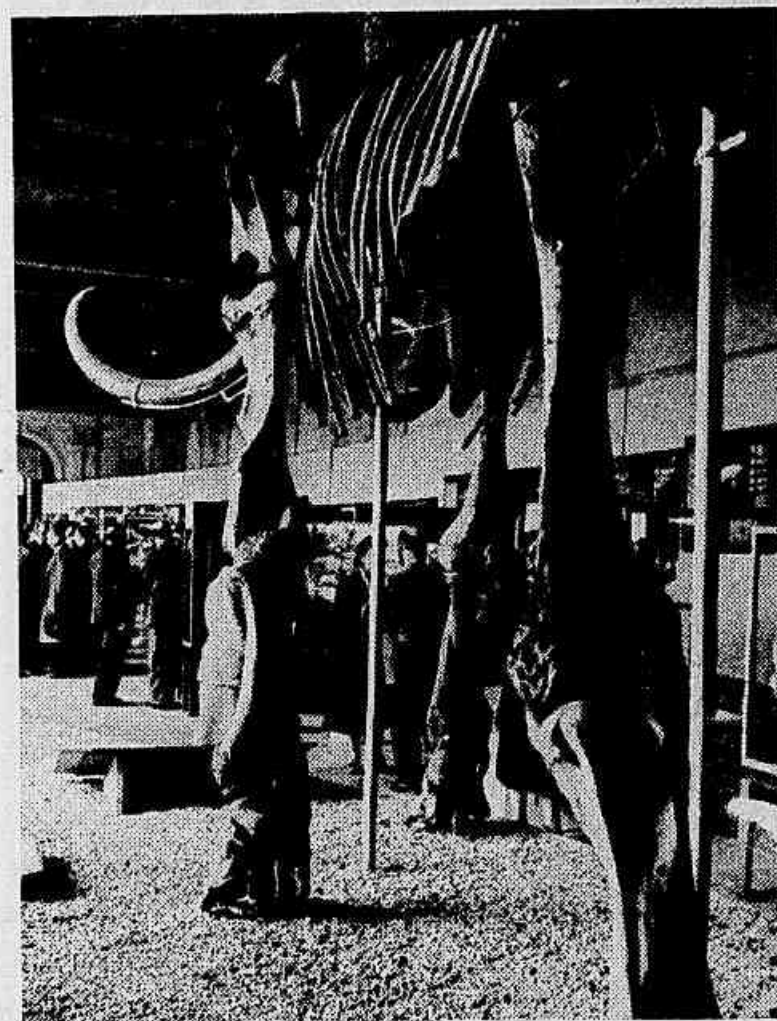
O homem tinha o micróbio do teatro no organismo. Das brincadeiras amadorísticas transferira-se para as primeiras experiências profissionais, tomando gosto pela coisa e estabelecendo-se definitivamente no métier, apesar da oposição de sua cara-metade. A mulher não compreendia como pessoa educada, de boa posição social, com um cargo público rendoso, perdesse tempo e dinheiro naquela besteira de teatro. E não descansava na oposição doméstica e sistemática, pé firme na política do água mole em pedra dura.

Já na repartição a coisa mudava de figura. A secretária, morena fôfa e sestrosa, era toda boa vontade e interesse nas produções do chefe. Diariamente indagava pelos ensaios e problemas de elenco, acompanhava com emoção a carreira dos espetáculos, colaborava na distribuição da propaganda e não rejeitava um serãozinho para datilografar cópias de peças. Em torno do teatro uma ligação foi nascendo, pri-

meiro artística, depois sentimental, para finalmente atingir aquela situação rotulada de clandestina. E a secretária passou a dar expediente integral, na repartição, no teatro e na terceira chave, para felicidade de quem se via pela primeira vez femininamente entendido em sua vocação de empresário. Meses mais tarde o inevitável acontecia: desquite, interstício legal e uma nova tentativa conjugal.

Seis meses após o segundo casamento, estranhando o desespero que se apossara do cidadão, amigos íntimos puseram-no em confissão. E a verdade espantosa veio à tona: a ex-secretária mal se vira oficializada na posição de esposa, botara banca e transfigurara-se completamente. Fazer teatro — uma ova! Ela conhecia muito bem aquela pouca vergonha, aquele ambiente debochado e de perdição. Tirasse a idéia da cabeça logo-logo e passasse a companhia adiante. E acrescentara: ou sobra a companhia ou sobro eu!

Já imaginaram o que significa para um homem de teatro ter de sustentar dois monólogos contra o teatro?



OSSO TAMBÉM TEM "NEW-LOOK". No Museu de História Natural, em Paris, uma exposição original: a evolução da moda nas vértebras humanas. No tempo dos mamutes, por exemplo, o "new-look" era assim...

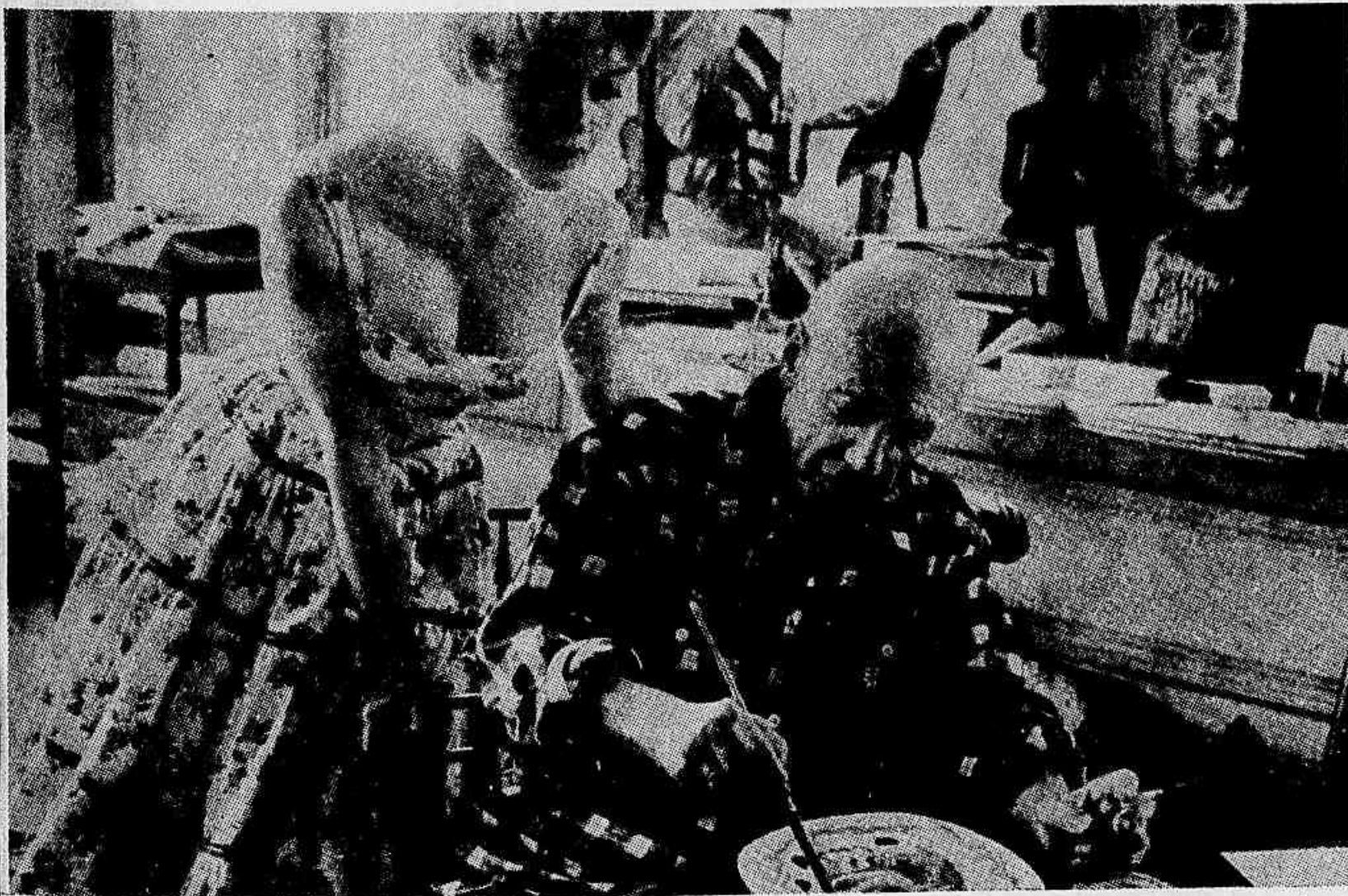
PAI CONTRA FILHO

A cidade está cheia de vários cartazes anunciando os propósitos de São Paulo Filho que aspira uma vaga na Gaiola de Ouro. O nome do apóstolo, jogado assim tão repentinamente nos rudes choques do embate eleitoral já suscitou muito comentário e muito trocadilho. Não é de estranhar, portanto, que São Paulo tenha saído dos seus cuidados e descido a este vale de lágrimas para resguardar o santo nome, apresentando-se em pessoa como candidato à vereança. Pelo menos, na rua Evaristo da Veiga, diante do Quartel da Polícia Militar, acha-se um cartaz elucidativo: "Carioca — o teu candidato é São Paulo!"

O SOBREVIVENTE

O destino inglório do selecionado argentino, condenado a entrar no país pela fronteira uruguaia, protegido pelas sombras da noite e guiado por caminhos seguros pelos contrabandistas da região, deixou muita gente com a pulga atrás da orelha. E não houve quem deixasse a euforia de lado, entre buscapês e ufanismos, para imaginar as agruras do ostracismo no caso de uma reedição da tragédia argentina: Feola no balcão de uma Casa da Banha; Paulo de Carvalho perdendo a cadeira de senador quase garantida; Didi de picareta na mão; Pelé quebrando pedra em Santos; Santos vendendo banana na Ilha do Governador; Gilmar vendendo frango na feira; Mazzola engraxando sapato; Gino lavando prato numa pizzaria; Vavá aparando a grama de São Januário; Dida enforcado na Praia do Pinto; Zagalo afogado na Lagoa; e assim por diante.

Feliz, mesmo, só um deles: Garrincha. Era o reencontro definitivo com Pau Grande, o cheiro de serra, o canto dos passarinhos.



BRIGITTE E PICASSO — "Mestre, eu morria de vontade de conhecê-lo" — foi assim que Brigitte Bardot, com um de seus melhores decotes, se aproximou de Pablo Picasso, na "vila" do pintor na Côte d'Azur. "Mas nós já nos conhecemos", foi a resposta de Picasso, que não é nenhum bôbo (pode-se perceber) na matéria que BB representa. E já se conheciam mesmo. Quando Clouzot fez o seu filme sobre o artista (Visita à Picasso), Brigitte estava no set ao lado, terminando "A Luz do Desejo", com R. Pellegrin.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PANORAMA

A REFORMA DO MINISTÉRIO reapareceu no quadro político nacional como a solução para as grandes e pequenas crises que atravessa o governo do sr. Juscelino Kubitschek.

Aproximando-se o prazo fatal para as desincompatibilizações nesta semana ora iniciada se inserem as mudanças com que o presidente pretende recauchutar a cúpula governamental precocemente carcomida, frondosa em alguns pontos, vacilante em outros. De um só lance, tendo o belo pretexto das desincompatibilizações para tudo justificar, o sr. Juscelino Kubitschek pode livrar-se de ministros que hoje lhe são incômodos, — como o sr. José Maria Alkmim — e atender as vaidades alheias bem como às novas necessidades políticas (caso do ministro da Saúde, casos dos ministros do Trabalho e das Relações Exteriores.)

OS MINISTROS MILITARES DEVEM PERMANECER, salvo, possivelmente, o almirante Alves Câmara, que estaria disposto a deixar a pasta da Marinha. Dos ministros civis, o que parece seguro é o sr. Lúcio Meira, ministro da Viação. O sr. Lúcio Meira firmou a reputação de único técnico que está obtendo êxito em larga escala no plano governamental, — não obstante a estrutura obsoleta de seu Ministério e o regime arcaico da administração pública, que pesa extraordinariamente sobre um órgão essencialmente dinâmico como deve ser o Ministério da Viação e Obras Públicas. Conquistou o sr. Lúcio Meira o conceito de ter realizado as metas da produção de veículos, ultrapassando-as e criando a indústria automobilística brasileira. Ainda na semana passada, o sr. Juscelino Kubitschek criou o Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval, uma espécie de GEIA para os navios, e entregou a direção ao sr. Lúcio Meira.

SENDO O EMPRÉSTIMO EM DÓLARES O CAMINHO para retirar o país do atoleiro cambial em que caiu, a saída do sr. José Maria Alkmim tornou-se inevitável. Perda para ele, no momento, a situação nacional, o sr. José Maria Alkmim tem de salvar, enquanto é tempo, a sua situação mineira. Mormente porque, entre os nomes constantemente indicados para o Ministério da Fazenda, figuram dois dos mais qualificados competidores seus à futura sucessão governamental em Minas — os srs. Tancredo Neves e Lucas Lopes. O sr. Lucas Lopes desfruta de maior reputação técnica (e por isso é agora chamado ao Ministério), mas o sr. Tancredo Neves tem o condão de sensibilizar PSD e PTB (este último via comportamento na morte do sr. Getúlio Vargas), além de ser um dos mais argutos calculadores políticos do país, com previsões para a trajetória de teleguiados de longo alcance. O sr. José Maria Alkmim precisa, hoje, de ir procurar, na terra natal, a sua própria recauchutagem.

RECAUCHUTAGEM DIFÍCIL É A DO GOVERNO FEDERAL. Ao recompor o seu quadro ministerial, o presidente Juscelino Kubitschek está diante do fracasso e da notória inépcia da maioria dos seus ministros. Enfrenta, simultaneamente, o problema da "origem" dos novos ministros, principalmente os que irão ocupar os postos-chave. Serão "entreguistas"? Serão "nacionalistas"? Tudo indica que o sr. Juscelino Kubitschek, livre do Ministério de compromissos eleitorais (ou de parte apreciável dele) deixe, enfim, de ser o candidato enleado nas promessas e passe a ser presidente mais desvolto. Na semana passada, houve um ensaio

de liquidar com a Petrobrás, através de elevação da taxa de câmbio para as importações da empresa, o que lhe acarretaria aumento de despesa na ordem de 6 bilhões de cruzeiros. O grupo nacionalista correu logo, obtendo que a "instrução" da SUMOC, já baixada, fôsse "república por ter saído com incorreções", poupando a empresa estatal do petróleo à morte certa. Assim, o governo segue aos trancos e barrancos, fazendo e desfazendo, até conseguir fazer uma que dê certo e ninguém tenha força para modificar. A pressão mais forte, por ora, é anti-"nacionalista". Está relacionada diretamente com a possibilidade da concessão do empréstimo em dólares e das medidas de auxílio pleiteadas pelo presidente Juscelino Kubitschek através da carta ao presidente Eisenhower.

Vai haver uma definição maior, por força das circunstâncias. Macunaima não pode desempenhar por muito tempo, sem rasgar a fantasia, o papel de Arlequim-servidor de dois amos.



J. M. Alkmim.



Lúcio Meira.



Eurico Sales.



Alves Câmara.



Nereu Ramos.



Jorge Lacerda.



Leoberto Leal.

UNIDOS PELA MORTE NO AVIÃO

A MORTE UNIU, para sempre, Nereu Ramos, Jorge Lacerda e Leoberto Leal. Os três políticos catarinenses tinham escondido à categoria de próceres nacionais, pelas qualidades de liderança que os assinalavam. Ficaram unidos pela morte no avião em que viajavam esta semana.

Na política estadual e, mesmo, na política nacional, eram adversários de posições firmadas, os três homens públicos mortos no avião. Homens civilizados, vinham no mesmo avião, mas politicamente viajavam em barcos diferentes. O sr. Nereu Ramos fôra contrário à candidatura do sr. Juscelino Kubitschek à presidência da República. O sr. Leoberto Leal, seu corre-

ligionário, desobedeceu às ordens do chefe pessedista catarinense e chefiou a reação contra a dissidência aberta pelo sr. Nereu. Venceu-o politicamente e venceu-o através da eleição do sr. Juscelino Kubitschek. Era o anti-Nereu em Santa Catarina. O sr. Jorge Lacerda era um udenista de filiação integralista, que derrotou o pessedismo em Santa Catarina, elegendo-se governador e mantendo-se no cargo com rara bravura e equilíbrio. Esses os mortos da semana. A todos conheci, com todos três privei.

De Nereu Ramos, fica a lembrança de sua férrea compreensão da ordem, da "caranca", de seu sentido às vezes despótico da liderança ao velho estilo, com um con-

ceito de centralização administrativa que ressaltava do projeto de reforma constitucional de sua inspiração, conceito anacrônico mas que exibe a sua tendência para o comando. Era um homem forte, na acepção do termo, um homem forte e lúcido, que somente a notável sabedoria jurídica corrigia nos impulsos do temperamento autoritário.

De Jorge Lacerda, a imagem do médico e advogado que levantou o nível das letras brasileiras pela congregação dos verdadeiros homens de pensamento no suplemento literário de "A Manhã", o homem que queria a censura no Ministério da Educação, o deputado que incentivou o começo modesto dessa grande obra que é o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o filho de gregos de uma daquelas luminosas ilhas do Mar Egeu que vieram para o Destêrro produzir esse raro, doce, sábio e bom exemplar de brasileiro.

E de Leoberto Leal, a figura romana do deputado que realizava o giro diário de sua obrigação política com a regularidade de um relógio, começando pelo Catete, indo para a Câmara, passando pelo Ministério da Viação (onde tantas vezes o encontrei com Ottolmy Strauch tratando do Fundo de Marinha Mercante, do Fundo Portuário, levando à frente projetos e obtendo favores para o seu eleitorado), gordo e bom, com a bondade natural dos gordos, jamais pachola, sempre atento, aos interesses do país, que defendia madrugada a dentro, mesmo nas mesas do "Michel", em que atravessava as noites, lúcido e cordial, tão vivo e presente que, no Ministério da Viação não acreditam que ele morreu, acham que ele está em Santa Catarina fazendo campanha política e qualquer tarde destas volta para ver as suas pastas de pedidos e cobrar a solução dos seus casos.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

— O sr. José Carlos de Macedo Soares pediu renúncia do Itamaraty a J. K., dizendo que está com catarata numa vista e começo do mesmo mal em outra, precisando de dois meses para realizar uma operação em Campinas e de dois outros meses para recuperar a plena função dos órgãos afetados. Não poderia, portanto, ficar afastado quatro meses do "Ita".

— Aliás, o sr. Macedo Soares (que é muito rico) não faz uso de seus vencimentos de ministro de Estado. Distribui-o com funcionários modestos da Chancelaria.

— A crise na UDN não teve o desdobramento que alguns observadores esperavam. Também é difícil recauchutar os nossos jovens e já decrépitos partidos.

— O sr. Leandro Maciel, governador de Sergipe, não concorrerá a nenhum posto eletivo, para não sacrificar a sua administração, onde se espera que seja substituído pelo atual deputado Luís Garcia. Candidato do sr. Leandro Maciel à deputação federal é o sr. Lourival Batista, ex-prefeito de São Cristóvão e ex-deputado estadual, com grande prestígio municipalista. O sr.

Lourival Batista conta, entre outros, com o apoio do senador Lourival Fontes, de trabalhadores e prefeitos.

— Não é brincadeira: Se o Brasil ganhar o campeonato mundial de futebol, o sr. Juscelino Kubitschek terá, pelo menos, um ano a mais para governar sem receio. A euforia será muito grande. Virá, também, o empréstimo externo, que será consumido juntamente com as comemorações da vitória.

— A UDN fará o que puder para ser contemplada ao máximo na reforma ministerial.

— Disse-me o sr. Eurico Salles que está caminhando pelas vias normais, em passo lento, o projeto da Lei de Fidelidade à Pátria. (Pelo jeito, não há nenhum interesse em movimentar o projeto antes das eleições).

— Cresceram as possibilidades do nome do sr. Rômulo Almeida na luta pela candidatura ao Governo da Bahia. O sr. Juracy Magalhães também está no páreo com muita possibilidade de apoio geral.

— Dirigentes do GEICON (Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval), nomeados esta semana: capitão de fragata Raul Gomes de Paiva (engenheiro naval) e capitão de corveta Alfredo de Oliveira Roxo. Ambos ficarão sob as ordens diretas do comandante Lúcio Meira, com quem vinham organizando o Grupo. Primeiro projeto a ser examinado pelo GEICON: proposta da instalação dos estaleiros Ishikawajima, de Tóquio, na Ponta do Caju, para construir 60.000 das 130.000 toneladas de navios de que o Brasil precisa por ano.

— Depois da safra das cartas, o silêncio. Os missivistas glibolam as respostas ou hibernam, na expectativa de novas canetadas.

— Mas o coronel José Alberto Bittencourt foi punido com pena de repreensão. Suavemente.

— Finalizando: Diz o escritor Romeu de Avellar (alagoano de boa tradição) que, na falta de outras danças, o sr. Negrão de Lima, nosso cordialíssimo alcaide, pode tirar a sra. Dulce Magalhães para o "Falado do Zé Rufino"...

A semana também deixou estas lembranças

EM FAVOR do pan-americanismo, o presidente Juscelino Kubitschek fez um discurso de grande repercussão: "Creio chegada a hora de um pronunciamento claro e sincero do Brasil em relação a alguns assuntos de política internacional. É a hora de o nosso país dizer, com maior calor e objetividade do que o tem feito até aqui, o que pensa no debate que se vem travando entre as forças que, dividindo o mundo, se defrontam e se ameaçam, e ora se aproximam, ora se afastam, transformando a época em que vivemos num tecido de inquietações e sobressaltos. Não é admissível que uma nação como esta não tenha que opinar com maior autoridade naquilo que põe em permanente perigo a existência das sociedades humanas, uma vez que estão em jogo, necessariamente, também os nossos interesses mais vitais."

Depois de acentuar os problemas de âmbito mundial e continental e chamar a atenção para a "praga do subdesenvolvimento", o sr. Kubitschek terminou nestes termos: "Ninguém se iluda: é impossível empenharem-se numa mesma campanha, integrarem-se no mesmo combate, povos de condições de vida tão díspares e fazê-los adotar os mesmos valores, e experimentar as mesmas reações diante de certas ocorrências é doutrinas."

Esta é uma verdade que necessita ser reconhecida e proclamada enquanto é tempo. A união das Américas, além de um ideal é um imperativo da nossa sobrevivência."

Após o discurso de Sua Excelência, falou o sr. Juan Alvarez del Castilho, embaixador do México no Brasil e decano do corpo diplomático: "Sr. Presidente. Com o mais vivo interesse ouvimos sua eloquente oração, cujo texto transmitiremos imediatamente às nossas chancelarias. Em nome dos meus ilustres colegas — e no meu próprio — desejo expressar profundo reconhecimento pela

bondade de v. exa. em nos convidar a ouvir tão transcendentais conceitos e pontos de vista em relação a um sistema, a uma doutrina, a algo, enfim, que bem podia chamar-se preciosa divisa dos nossos povos — o Pan-Americanismo. Outra vez, sr. presidente, muito obrigado".

EM PLENO TERRAÇO da Câmara dos Deputados, o parlamentar (e poeta) amazonense Áureo de Melo, do PTB, tenta abater, a tiros de revólver, uma funcionária da casa — Maria Luiz Rudio Campardela, atingindo-a na perna. Embora a sumária nota oficial, distribuída pela câmara, informando simplesmente que a moça fôra ferida "por arma de fogo do parlamentar", consta ter sido o escândalo motivado por "antigo desencontro dos respectivos sentimentos" entre o parlamentar e a funcionária. Noticia-se, dois dias depois, que seria arquivado o inquérito que deveria apurar as verdadeiras causas do tiro, porque "tudo não passava de lamentável acidente".

DE MOSCOU, VEM-NOS a notícia da condenação à morte e posterior execução do ex-ministro da Hungria — Imre Nagy e do general Pal Maletes, tendo em vista a sua participação como um dos principais chefes na trágica revolução de outubro de 1956, na Hungria. Foram também sentenciados à morte mais dois colaboradores naquele movimento anticomunista, frustrado pelos soviets, sendo outros cinco condenados a penas de prisão.

A notícia consternou o mundo e revoltou o chefe do Partido Comunista Polonês — Gomulka, tendo em vista a garantia que lhe havia sido dada, por Janos Kadar (chefe do P.C. húngaro), de que o problema de Nagy seria resolvido de maneira incruenta.

O LÍBANO SOLICITOU, às Nações Unidas, forças de vários milhares de homens para que estendam um cordão geral de isolamento em torno de suas fronteiras. Se as Nações Unidas não o puderem fazer, está o país disposto a pedir forças anglo-americanas para protegerem sua independência e integridade territorial, ou seja — a infiltração ilegal de homens no país, fechando suas fronteiras libanesas com a República Árabe Unida. Por outro lado, declarou o secretário de Estado norte-americano — Foster Dulles, poderem os Estados Unidos enviar tropas "se os acontecimentos naquele país exigissem tal medida extrema". A consequência de tais notícias foi a ameaça da Rússia de remeter voluntários para reforçar as forças rebeldes do Líbano, caso se concretize a intervenção ocidental.

FALECEU JOÃO MELO, repórter do "Jornal do Comércio" e o mais antigo dos jornalistas brasileiros.

RUMO AO TÍTULO

SUPERANDO O QUADRO do País de Gales, o selecionado brasileiro transpôs mais um obstáculo em busca daquilo que cobiça há tantos anos, ou seja, o título de campeão do mundo.

A equipe cumpriu uma atuação pouco convincente, segundo os comentários vindos da Suécia. O ataque notadamente mereceu sérios reparos, pois mostrou-se inoperante na tarefa de romper o bloqueio organizado pelos galeses. Não se pode deixar de reconhecer que o desentrosamento que vem exibindo o setor ofensivo nacional, em grande parte deve-se às constantes modificações que nele têm sido introduzidas. Mas, mesmo sem render tudo o que pode, o ataque, com exceção da partida contra a Inglaterra, tem marcado "goals".

A contagem do jogo com o País de Gales foi modesta: 1x0, mas foi suficiente para garantir ao Brasil a prerrogativa de chegar às semifinais. A representação francesa, cuja campanha no atual certame constitui verdadeira surpresa, será a próxima adversária da seleção brasileira, encontro que terá como local a cidade de Estocolmo.

A nota de destaque da partida que disputarão brasileiros e franceses na capital da Suécia, será o duelo entre o ataque mais positivo e a defesa mais sólida do campeonato, da França e do Brasil,

respectivamente. O reaparecimento de Vavá no comando do quinteto ofensivo brasileiro na sensacional peleja, já é um assunto decidido pela direção técnica. A medida foi tomada em face da maneira como atuou Mazzola, persistindo no erro das jogadas individuais ao invés de passar a bola aos companheiros melhores colocados, malbaratando assim, todo o esforço da equipe.

A providência agora posta em prática, impunha-se desde há muito, pois o jogador paulista, nos jogos em que tomou parte no Brasil, formando na seleção nacional, evidenciou, não o propósito de lutar pela causa comum, isto é, pelo sucesso da seleção, mas para destacar-se dos demais valorizando-se.

No futebol moderno, segundo a tese de Fleitas Solich, e que é certa: um jogador só não ganha nem perde jogo. A derrota, ou a vitória, são consequências do trabalho, mau, ou bom, do conjunto. Portanto, manter Mazzola na equipe seria voltar ao passado, em que, acima de tudo, sobrepunha-se a capacidade individual do jogador. Com o retorno de Vavá, a linha atacante brasileira deverá locomover-se mais facilmente, e, por conseguinte, aumentando de rendimento. Apontar antecipadamente o vencedor da partida entre o Brasil e a França, sobre a qual estão voltadas as atenções gerais, é tarefa difícil. Mas confiemos no quadro brasileiro, um dos melhores já formados em todos os tempos.



APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHÔRO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal 649 — São Paulo,
Cr\$ 120.00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente
ou sem firmeza, use BÉL-HOR-
MON N° 1 e quando for, ao con-
trário, demasiadamente volumoso,
use BÉL-HORMON N° 2. BÉL-HOR-
MON, à base de hormônios, é um
preparado moderníssimo, e efí-
ciente, de aplicação local e resul-
tados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo
Correio.



BÉL-
HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua São Januá-
rio, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reem-
bolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150.00

LEIAM

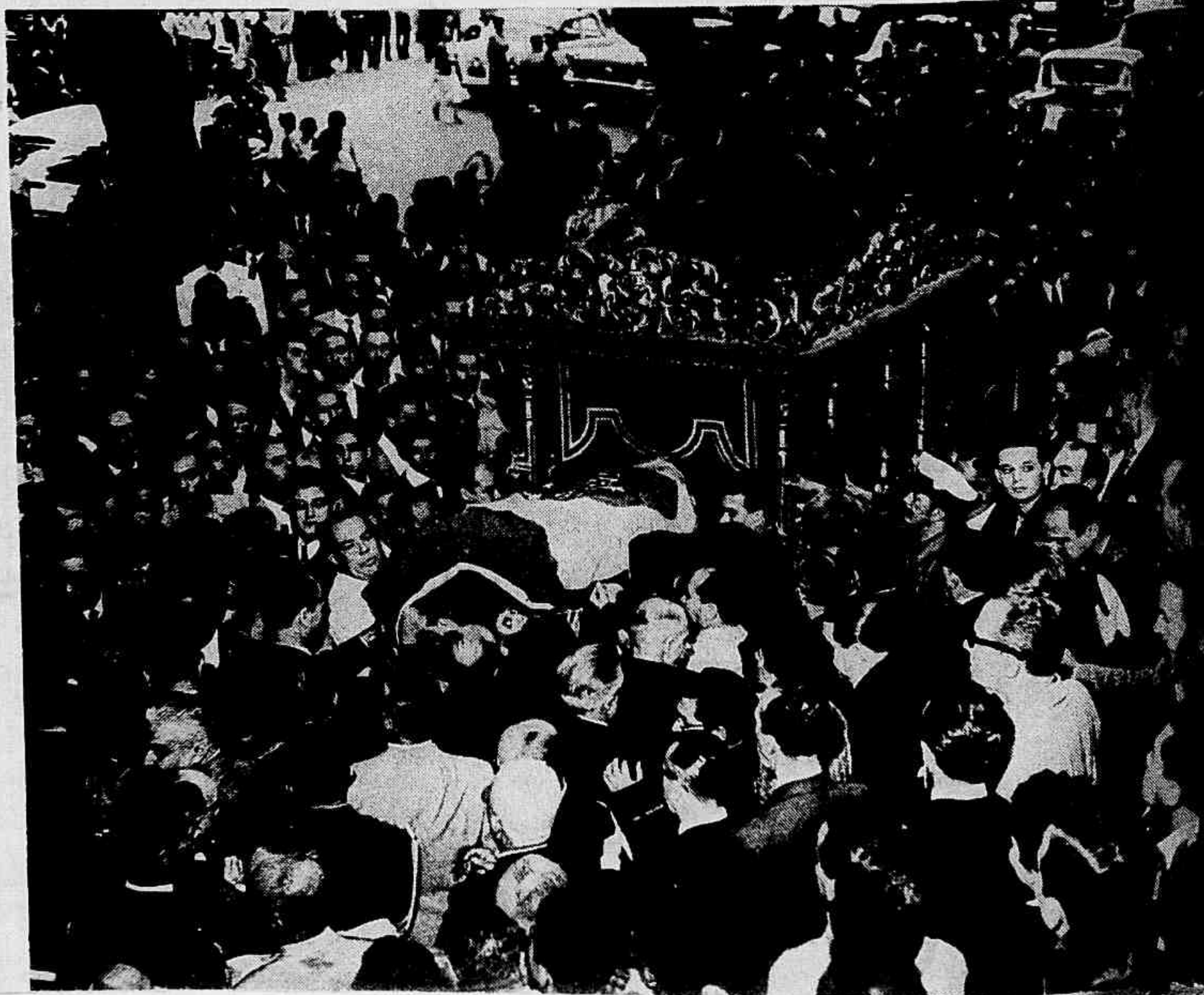
EU SEI TUDO

Cr\$ 15.00



VIAJANDO DE FLORIANÓPOLIS com destino ao Rio, cai, a poucos quilômetros do aeroporto de Curitiba, um Convair 440 da Cruzeiro do Sul. Projetando-se ao solo, mata 21 dos 27 ocupantes, incluindo três grandes personalidades da política nacional: o senador Nereu Ramos, o jornalista Jorge Lacerda — governador de Santa Catarina, e Leoberto Leal, deputado pelo PSD. Nereu Ramos, que tinha a idade de 70 anos, chegara ao posto máximo do governo com o movimento de 11 de novembro de 1955, sendo, posteriormente, o primeiro ministro da Justiça do governo Kubitschek. Foi decretado luto oficial por três dias, verificando-se o enterramento no dia 18, no Rio de Janeiro, numa comvente cerimônia que contou com a presença do presidente e vice-presi-
dente da República.

A semana
também
deixou estas
lembranças



FOI UMA VELHA brincadeira, velha de quatro anos, que levou o galã Eugênio Carlos a "estranhar" o cronista Antônio Maria na noite de despedida de Diahann Carroll, no Copa. Naquela ocasião Maria dissera que o moço Eugênio encenara uma ligação internacional, a fim de impressionar companheiros de noitada. E assegurava que ele, Maria, fôra para uma extensão e descobrira que tudo não passava de mau teatro. Eugênio Carlos guardou o recorte em sua carteira e agüentou firme, fiel à linha do "malandro não estrila", esperando pela forra. Provocado pelo cronista, despejou suas mágoas antigas e puxou da carteira o velho recorte, lembrando o caso do telefonema. Maria insistiu: fôra patuscada. Eugênio jogou a sua palavra de honra. Maria voltou à carga: se fôsse verdade, que Eugênio lhe desse um sôco na cara. Eugênio pediu reflexão; Maria teimou. Eugênio deu: dentro da boite e fora dela. Dizem as más línguas que Baby Pignatari gozou tanto o acontecimento, que convidará Eugênio Carlos para uma "tourné" pelos States e pelas Ôropas...

O CERIMONIAL do Itamarati ao especificar o traje para a recepção oferecida pela Embaixada Japonesa, em homenagem a S.A.I., o príncipe Takahito Mikasa, assim se manifestou: gravata preta. Muita gente temeu que algum nudista formal, trajado de Adão e de gravata preta ao pescoço, interpretasse a rubrica ao pé da letra e fôsse bancar a exceção entre os "smokings" presentes ao Copa...

E POR FALAR na Embaixada Japonesa, saibam que o embaixador Yoshiro Ando pagou recentemente uma promessa ao glorioso São Judas Tadeu, seu vizinho de Cosme Velho. O embaixador dirigiu-se à igreja em trajes de golfe e ali foi interpelado pelo padre Góis, que o confundiu com um jardineiro nipônico das vizinhanças. O embaixador, somente para evitar futuros constrangimentos ao vigário, esclareceu muito orientalmente que era o representante dos interesses diplomáticos do jardineiro.

A TEMPORADA no apartamento de Vadinho Dolabela queimou as banhas do simpático Joel Monteiro, cuja silhueta está recordando seus dias de glória na meta do América. Nunca "El Guapo Joel" esteve tão guapo.

A REPORTAGEM fotográfica na intimidade dos Kubitschek foi desastrosa sob o ponto de vista de etiqueta social. A julgar pela bisbilhotice das câmeras, o serviço à francesa na mesa das Laranjeiras anda mais pra lá do que pra cá...

A CONFERÊNCIA de Investimentos de Belo Horizonte foi o melhor investimento

que o sr. Lídio Lunardi poderia fazer pela sua reeleição. Mineiro quando tira dinheiro do pé da meia nunca dá murro em ponta de faca.

A DESPEDIDA do Teatro Em Casa foi ligeiramente perturbada pelo pileque de estréia do sr. Carlos Otávio Perry, que lamentavelmente confundiu uma coca-cola com cerveja caracu. Apreciando o ingrediente desconhecido, Carlos Otávio consumiu rapidamente a cervejota e pôs-se a cantar, lançando um côro inesperado no repertório de terraço de Myra e Carlos Perry. Carlos Otávio, que possui cinco anos incompletos, foi severamente advertido pelos empresários do Teatro Em Casa.

UM JOVEM e afoito cavalheiro da sociedade carioca adquiriu vários "cheques de borracha" — daqueles que vão e voltam... — contra determinado banco norteamericano. O golpe resultou exclusivamente da precipitação do mancebo se fazer em negócios de câmbio, recuperando-se de alguns prejuízos. Recordar-se que um tio da vítima, homem vivido e experimentado, já lhe aconselhara calma, dizendo: "Câmbio, menino, é como dogma da Igreja — a gente aceita, não entende e não discute".

A AUDIÊNCIA que Denise Leyraud concedeu ao cronista Jean Pouchard para que suas medidas fôssem tomadas a domicílio provando a injustiça cometida pelo júri do Maracanãzinho, pode lhe custar caro. Muita gente já apelidou a má perdedora de "ilusão de ótica"...

O CARATER nitidamente divorcista que o sr. Augusto do Amaral Peixoto está imprimindo à chapa de deputados do PSD e seus aliados cariocas, colocará a máquina eleitoral da Igreja (que no Rio funciona bem) contra os srs. Nelson Carneiro, Gurgel do Amaral e demais companheiros de candidatura. A luta no Distrito Federal, mais uma vez, será travada entre PTB e UDN.

IBRAHIM SUED saiu-se muito bem no programa "Sem Censura". O teor e tom das perguntas estiveram francamente infelizes. Dêste jeito o programa, ao invés de "Sem Censura", passará a ser conhecido como "Sem Educação"...

O EXTRAORDINÁRIO violinista Kogan só poderá voltar ao Brasil em 1961, pois já possui contratos assinados para os próximos três anos. No caso de qualquer desistência teremos prioridade, pois o artista russo ficou deveras encantado com o tratamento que a comissão de frente do PC lhe dispensou no Rio...



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPÁ



DÊ-ME SEUS OLHOS

DINAH SILVEIRA
DE QUEIROZ

DÊ-ME SEUS OLHOS, leitor. Eles serão nossa câmera.

Bem, já estão devassando esta sala-escritório. Nós veremos os livros, as poltronas meio poídas, uma falta de gosto geral, a tênue camada de pó sobre os objetos, a impropriedade de um vaso alto, com flores enfiadas numa reta sem-graceza. Vocês, meus olhos-câmera, dirão através de todos os detalhes:

— “Isto aqui é um escritório sem mulher”.

E acertaram. Nós estamos na casa de um solteiro. Inda agora ele vem abrindo a porta — vocês o focalizaram de cima para baixo, os cabelos já rareando um pouco na frente, e um ar meio nervoso e preocupado. Vem ele e depois a câmera-carrinho o segue fotografando suas costas, ao mesmo tempo fortes e já cansadas, de homem de vida sedentária, que lê muito e bebe mais do que lê. Iremos até as proximidades de um rádio velhote, cujo botão ele roda angustiadamente. E seus ouvidos, caro acompanhante dessas crônicas, estão sendo o meu áudio. Vem o samba, vem uma valsinha chorosa, vem um jogo de futebol e vem um lampejo de jornal... “o general De Gaulle declarou hoje, em entrevista coletiva”... atravessamos um pudim numa complicadíssima receita de culinária, há um cego que clama por auxílio ao seu desamparado instituto, vem o locutor do horário alemão de uma emissora. O moço continua rodando, ele quer a Rádio Relógio porque é um desmazelado, é um desses eternos órfãos de mulher, a vida toda soltos no mundo, e por isso sabe que jamais tem hora certa dentro de casa. Afinal recolhe a hora com sofrimento: quatro e cinquenta.

Sim, são quatro e cinquenta de um dia de sábado, de um mês de junho. Estamos na iminência das viagens siderais, é doce o inverno no Rio de Janeiro, mas o tempo só tem uma importância momentaneamente funcional para esse moço. As cinco horas da tarde, este horror de apartamento mal ajambrado vai receber a primeira visita de sua noiva.

Não pense você que eu deixarei seus olhos parados sobre esse dorso imóvel. Vocês, como câmera da crônica, rodarão pela parede em frente. Lá no alto estará o retrato de uma dona gordinha, de face honesta, toda redondezas e serenidades. Seus olhos indagarão:

— “Será sua mãe?”

E então, como acontece nesses espetáculos meio inexplicáveis da Televisão, o moço voltará para você sua face perplexa e feliz da vida. Dirá alguma coisa que seus ouvidos, nosso áudio, vão registrando:

— “Aquêlê retrato ali, eu jurei nunca mais tirar da parede. É um retrato da mulher amada”.

Bem, você ficará intrigado com essas duas informações a se chocarem. A gordinha está ali entronizada na parede, mas o moço vai casar... será com ela? Pela moda, agora já deve estar um tanto passada, segundo o tempo que o retrato fiseou. E o rapaz explica tranqüilamente:

— “Não, a minha noiva evidentemente só podia ser uma moça”.

Faz uma pausa, acena com a mão — que seus olhos focalizam no primeiro plano, muito maior que o rosto:

— “Ela está aí porque merece o lugar. Tive com ela o que se pode chamar uma “amitié amoureuse”. Isso não é mais de hoje, mas existiu. E evidentemente, como todo o seu jeito indica, ela era uma senhora decentíssima, honestíssima, vivendo dentro das regras do sagrado matrimônio. Posso afirmar, com a maior compunção, que entre nós nunca houve nem mesmo um beijo de amor”.

Nesse momento, seus olhos se desinteressam bruscamente do moço, atraídos pela imagem branca e redondinha, toda fôfa e deliciosa de se ver, na sua agradável silhueta um tanto materna. Sua visão-câmera sabe que algo se vai passar no retrato: é que, como num desses vulgaríssimos prodígios da Televisão, a senhora gordinha e amena lentamente se move, ficando bem de frente para você, pois que estava de meio perfil. Você até juraria que ela se parece com uma garôta-propaganda que oferece geladeiras com ar terrivelmente dúbio e malicioso; de súbito, toda essa fotografada limpidez humana adquiriu uma expressão sorradeira, meio vulgar e maledicente. E agora a desencantada senhora do retrato dirige algumas palavras a quem acompanha a crônica:

— “Até hoje eu me mantive nesse lugarzinho horroroso, nesta saleta insuportável, com cheiro de mofô e poeira por todos os cantos. Até hoje eu fui a mulher amada. É, na verdade, vocês o estão chamando de moço, mas ele já fez seus trinta e sete, e há dez anos exatamente eu vivo pendurada aqui. Tudo o que ele disse pode ser verdade. Fui, graças a Deus, mulher honestíssima, esposa perfeita, mãe amantíssima. É lógico que dentro das minhas convicções, não podia nem mesmo me oferecer qualquer coisa como um flerte. Aliás, foi exatamente por isso que ele me elegeu porque eu era inacessível, porque eu oferecia uma amizade que jamais poderia se transformar em amor de casamento, e porque meu marido tinha uma natureza sólida e a minha era frágil, mas, graças a essa leve rotundidade que vocês estão notando, o que viria dar-lhe a viuvez um dia, e não a mim. Portanto, eu era realmente a mulher impossível. Ora, meu Deus do Céu, há muito homem no mundo que se dá a si próprio uma boa desculpa: na verdade, esse espertalhão me escolheu como quem julga absolutamente necessário ter um amor, sem contudo correr o perigo de perder esta tola liberdade de viver em desordem e adquirir uma úlcera de estômago por falta de cuidado de mulher. E tanto eu tenho razão que vocês, olhos indiscretos, vão ver o que vai acontecer dentro de dois minutos, porque eu sei exatamente os pensamentos deste sujeito que vai passar a vida fugindo de mulher, como quem foge de obrigação. Ele já passou da alegria para a perplexidade, da perplexidade para a angústia. Ele já vai telefonar para a noiva adiando a visita”.

E vocês, caríssimos olhos que vêm para a crônica, passarão em vôo baixo por sobre essa mão nervosa que encerra ao meio o cigarro, e que agora apanha o telefone, num gesto brusco. Lá vem o ruído de quem disca, e o nosso áudio vai transmitindo:

— “Mariazinha, você está atrasada, hein? Olhe, então não venha já, porque eu estou com uma dor de cabeça!...”

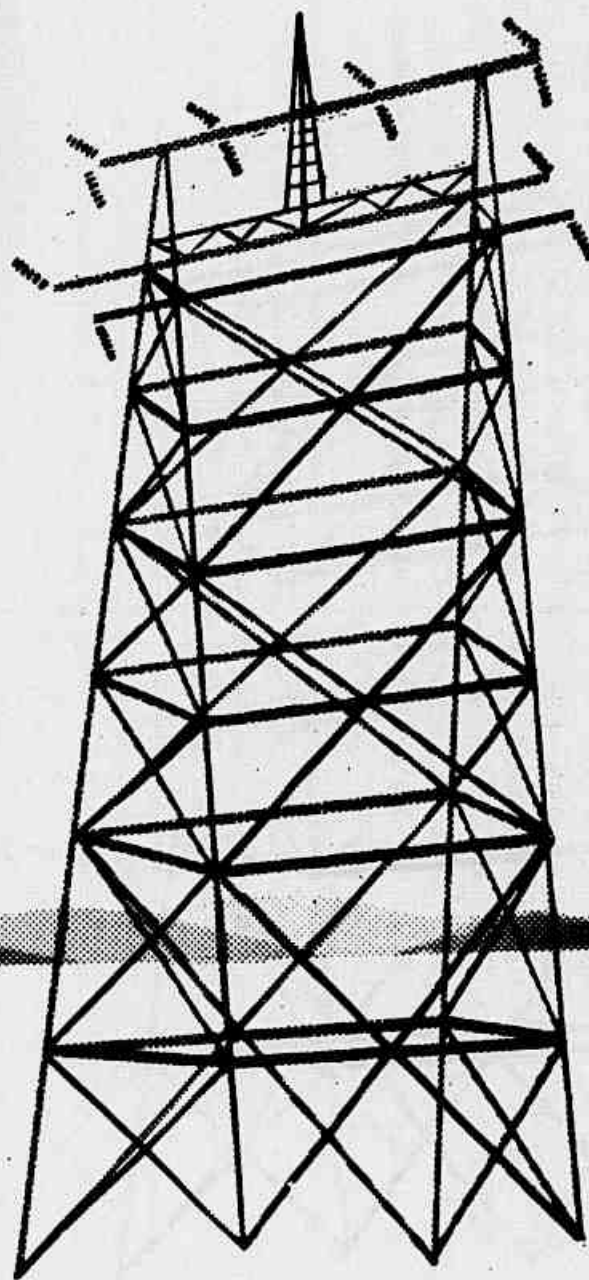
AÇO

E ENERGIA

Falar em aço no Brasil, é evocar Volta Redonda. Esse empreendimento marcou uma nova fase na conjuntura industrial brasileira.

Falar em energia, no Brasil, é evocar a usina pioneira de Parnaíba em São Paulo, obra de arrôjo técnico e econômico na época, marco inicial da grande industrialização de São Paulo.

Aço e energia elétrica concorreram para a instalação na região Rio-S. Paulo, do maior e do mais complexo parque industrial da América Latina, que já se destaca entre os grandes do mundo.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

REVISTA
Feminina
"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Um maravilhoso
presente que o
"Diário de Notícias"
está oferecendo
às suas leitoras
todos os domingos

A «Revista Feminina» do «Diário de Notícias», impressa em rotogravura e em cores, é o mais completo retrato do mundo feminino. A Moda, a Beleza, a Elegância, as últimas sugestões dos mais famosos figurinistas, tudo isso é encontrado nas páginas da

REVISTA FEMININA

que faz parte
da edição dominical do

Diário de Notícias

